

O
Toque
Das
Almas

Wilder Machado da Cruz

Sumário

O Amor	5
A Família	7
A Primeira Paixão	17
O Grupo	22
A Segunda Paixão	30
A Terceira Paixão	38
A Mudança	50
Um Novo Sentimento	64
O Sonho	74
A Nova Vida	88
O Livro	100
O Sucesso	110
O Casamento	128
O Novo Sonho	140
O Projeto	154
A Morte	163
O Toque das Almas	182

O Amor

O amor transcende o tempo,
a vida não é capaz de contê-lo
e a morte não consegue findá-lo,
só quem ama pode compreender.

O amor não é um simples sentimento,
é bem mais que isso, muito mais,
é a força que move todo o mundo,
dá razão a existência de cada ser.

O amor não nasce de um doce olhar,
não cresce de gestos afáveis,
não exige reciprocidade.

O amor vem antes de tudo que há,
e não se vai porque já estava lá,
ele é o que chamam de eterno.

14/03/2004

A Família

Clóvis e Noémia tinham um pelo outro um amor muito grande, o que resultou na decisão de oficializar o que sentiam através da união matrimonial. Conversando com seus pais, os jovens os convenceram de que realmente queriam muito aquilo, já que estavam namorando há tanto tempo o passo seguinte seria o noivado e o posterior o casamento. Dona Mariana e seu José das Flores, os pais de Noémia, concordaram com a idéia deles se casarem, depois, é claro, de uma longa conversa com os dois. Dona Maria Célia, mãe de Clóves, não se opôs, e seu Arildo, pai do jovem, apesar de muito discordar, devido a sua ranzinze, acabou por deixar, fazendo uso do argumento de que a vida era de Clóves e era ele quem devia decidir. Depois disso trataram logo de marcar a data do casamento, que infelizmente, devido a um fato muito triste, teve que ser adiado, o pai de Clóves, seu Arildo, duas semanas antes do casamento, veio a falecer, isso abalou muito os noivos que estavam prestes a se casar, pois, apesar de saber o quanto seu pai era rabugento, Clóves não deixava de gostar dele, chorando perto do caixão a lembrança das surras que levava, das broncas que recebia, sua educação rigorosa e tudo que havia vivido com seu pai lhe ressurgia na mente, e tudo isso o fez perceber que, mesmo tendo havido desavenças entre eles, amava muito o pai. A morte do pai de Clóves provocou muita tristeza no meio da família dos noivos e mobilizou o senso de solidariedade dos amigos deles. Mesmo com todo esse sofrimento eles não desistiram de se casar, e logo depois de superar a perda de seu Arildo, os noivos juntos decidiram marcar uma nova data para finalmente se casarem. O matrimônio foi realmente muito bonito, celebrado na igreja de Beira do Riacho, o pequeno povoado onde viviam, muitos amigos e parentes compareceram ao casamento e cumprimentaram os noivos, agora recém casados, com muita

satisfação. A cerimônia foi o marco inicial de uma bela vida, cheia de alegria e felicidade, pois quando o amor é vivido a dois o produto desse amor é a felicidade, e sendo como Noémia e Clóves, feitos um para o outro, todo obstáculo é superado e qualquer dificuldade, por maior que seja, é vencida. O amor é a grande força que move o homem.

Alguns meses depois da consagração do amor existente entre Clóves e Noémia surge a esperança de uma gravidez, que com sua confirmação leva muita alegria para a família recém formada, mas que também levou Clóves a reflexão, quando obteve a confirmação da gravidez pensou em seu pai e comentou de que ele não chegaria a conhecer os seus netos, filhos dessa união. Nove meses depois, no meio de uma tarde de um belo domingo de Sol nasce o primeiro fruto do amor do jovem casal, um menino forte e saudável, que veio ao mundo pelas mãos da mais velha e experiente parteira do povoado, Dona Vitória, que era muito amiga das famílias dos jovens. A euforia, com o nascimento, foi tamanha que esqueceram de lhe dar um nome, o que só foi lembrado quando o levaram para ser batizado, quando o padre perguntou qual seria o nome do menino, então eles pensaram e depois pediram uma sugestão do padre. Ele disse que lhe desse o nome de João como forma de homenagear o “Batista” que anunciava que a vinda do “Messias” estava próxima, e, ao mesmo tempo, aquele que era chamado, segundo as Sagradas Escrituras, de “O Discípulo que Jesus Amava”. O casal gostou da idéia e batizou o menino com esse nome. A vinda de uma nova vida ao mundo é razão de grande alegria para quem lhe concebe o ser, e a escolha do nome é uma forma de registrar sua presença nessa vida.

João era uma criança muito esperta e que recebia o paparico dos amigos e dos parentes de seus pais. Suas tias, irmãs de sua mãe, dentre todos, eram as que mais se afeiçoaram ao menino, que foi crescendo em meio a esse

ambiente bem familiar, produzindo laços de amizade muito fortes dentre seus primos, com os quais brincava muito. Claro que, por ser o primeiro filho do casal, houve muito trabalho até que se adaptassem a cuidar do menino, já que a princípio só tinham que se preocupar um com o outro, mas agora existia uma pequena fração de si próprios para criar, nisso a família foi de grande importância, pois colaboraram muito com a criação e os cuidados do pequeno João. A presença da família é muito importante para a construção de um lar saudável e feliz.

Pouco mais de um ano depois do nascimento de João, mais uma vez Noémia se encontrava grávida, houve muita alegria por parte do casal, agora eles teriam mais um filho, iriam mais uma vez viver a emoção de serem pais, de cuidar de um filho, mas agora com alguma experiência. João já passava dos dois anos quando, numa madrugada de forte chuva e muito vento, veio mais um menino para tornar aquela pequena família um pouco maior. Por outra vez se fez necessário à presença de Dona Vitória, que após o parto confessou ter sido aquele um parto nervoso, talvez provocado pela braveza do tempo, e complicado por causa da falta de preparação da parteira, pois Noémia e Clóvis pretendiam ir para Raio de Luz a fim de ter esse filho de forma tranqüila em um dos hospitais da cidade, mas não foi possível pelo fato da criança vir antes do esperado e, um dia antes da viagem para Raio de Luz, com isso Dona Vitória foi chamada às pressas para fazer o parto e, depois disso, confessou ter sido aquele o nascimento mais marcante que ela ajudou a promover e disse ter sentido algo muito estranho durante todo o processo de parto e de forma mais forte quando a criança saiu do ventre materno, era como se fosse uma combinação de fogo e gelo, frio e calor, o que a enchia de calafrios e a fazia ficar cada vez mais nervosa. O menino nasceu um tanto fraco e então buscaram levá-lo rapidamente ao posto de saúde do pequeno povoado onde lhe deram alguns medicamentos que o levaram a melhorar de seu estado de

fragilidade. O menino era muito pequeno e magro o que exigia dos pais atenção redobrada. Depois de algum tempo batizaram o menino com o nome de Francisco, pois, alguns meses antes de dar a luz seu filho Noémia foi com Clóvis à igreja para conversarem com o padre e lhe pediram, como da primeira vez, mas dessa de forma prematura, a sua opinião para o nome da criança que estava para vir ao mundo. A princípio ele propôs o nome de Pedro, de maneira a homenagear o padroeiro de Beira do Riacho, o santo escolhido por Cristo para ser o líder de sua igreja, figura que é representada pelo Papa, por meio de sucessão, no caso de nascer menino, se fosse menina deveria ser Maria, a mãe do Salvador, aquela que mais que qualquer pessoa souber dizer sim a Deus, sem dúvida nem arrependimento. Entretanto, apesar dos bons argumentos do vigário, eles discordaram, pois já haviam, no povoado, muitas pessoas com esses nomes e eles não queriam isso para o filho deles, então veio a segunda proposta do padre:

- Como sou franciscano, sugiro que, se a criança for do sexo masculino que se ponha o nome de Francisco, como forma de prestar respeito ao santo de minha devoção, São Francisco de Assis, se vier uma criança do sexo feminino que se chame Clara, como a santa que foi seguidora de Francisco de Assis, eles que viveram, de forma muito bela, os votos de pobreza, de castidade e de obediência.

A segunda idéia do vigário agradou mais que a primeira e foi a aceita, com isso, pouco tempo depois do nascimento aquela criança foi levada à igreja, a casa de Deus, para receber o batismo, lhe sendo dado o nome, por ser menino, de Francisco, de modo a prestar homenagem ao santo padroeiro dos pobres. A fragilidade de uma criança torna o coração dos homens mais humanos.

Mesmo com todas as complicações do nascimento, cuidar de Francisco não foi tão difícil como esperavam, ainda mais sendo João, com somente dois anos, muito comportado e

obediente a seus pais, além de ter gostado muito de seu recém nascido irmãozinho, quando a família em peso imaginava que iria ficar com ciúmes, mas nem mesmo as atenções grandiosas com o nenê foram capazes de provocar isso em João, ao contrário ele também participava dos paparicos do novo bebê, que parecia gostar muito de seu irmão mais velho. Diferente do irmão João, que recebia o carinho e os cuidados de suas tias, Francisco o recebia da madrinha, ou melhor, das madrinhas, Dona Joana, sua madrinha de batismo, e Dona Maria das Graças, madrinha por consideração, tratada assim por ter gostado muito do menino logo que o viu pela primeira vez no posto de saúde do pequeno povoado e, mesmo não sendo madrinha de fato, fez questão de dar a Francisco os paparicos como se fosse. Quando os pais não podiam cuidar do nenê as madrinhas se colocavam a postos, principalmente Dona Maria das Graças, elas lhe davam a mamadeira, colocavam-no no colo e o ninavam, trocavam as fraldas do pequenino, davam-lhe banho e o punham para dormir, além de brincar com ele. O carinho e a atenção são as melhores coisas a se dar para uma criança.

Mais uma vez grávida, Noémia foi com seu esposo à igreja a fim de falar com o padre, querendo sua opinião sobre o nome que escolhera para a criança que havia de vir ao mundo através de seu ventre. Chegando a casa de Deus se aproximou do vigário e o cumprimentou, logo então foi falando:

- Padre, espero que essa criança que está na minha barriga seja uma menina, se for vai se chamar Clara, do jeito que o senhor me disse antes de Francisco nascer.

E o padre disse:

- Que bom Noémia, mas por que você quer tanto que seja menina?

- Porque, respondeu ela, já tenho dois meninos e agora eu queria que fosse mulher.

- Muito bem! Falou o vigário. Mas se for um menino a criança que você trazer ao mundo, como vai chamá-lo?

- Antônio, rapidamente respondeu, por causa do senhor, padre.

Ele retrucou:

- Eu fico realmente lisonjeado com isso, mas não faça por mim, faça em honra ao seguidor de Francisco que, como ele, viveu o amor de forma verdadeira e, também como ele, se tornou santo, aquele que é tido como casamenteiro, Santo Antônio.

Ela deu um breve sorriso e depois falou:

- Também ao senhor, padre Antônio.

Após algum tempo, Noémia vai a Raio de Luz para se internar num dos hospitais da cidade para fazer nascer mais uma criança. Dona Vitória já havia se aposentado, o nascimento de Francisco foi o último de sua carreira como parteira. Francisco já passava dos dois anos e João tinha mais de quatro quando se acrescentou mais um membro àquela família. Fruto nascido no princípio de tarde de um domingo de Sol escaldante, forte e vigoroso, veio menino, de maneira a não atender a vontade da mãe, que desejava naquele dia segurar uma menina em seus braços, mas não se chateou, era saudável a criança e era isso o importante para ela. Batizado, recebeu o nome proposto, passava a ser Antônio, do mesmo modo que o padre e o santo. Não importa o sexo, uma criança é sempre fonte de alegria.

Depois de certo tempo, muitas dificuldades apareceram, Noémia que trabalhava em uma pequena mercearia no povoado acabara de perder o emprego, a vendinha foi fechada devido aos fiados não pagos, nisso fora-se parte da renda familiar, justo a fixa e certa, pois a outra provinha do trabalho de Clóvis, na fazenda que era de seu pai e agora da mãe, dos irmãos e dele o ganho já não estava sendo suficiente para sua vida. A mandioca para vender à farinha

não tinha produção suficiente para render bons lucros, além do preço estar muito baixo. A coisa ficou pior quando o proprietário da farinheira fez suas contas e viu que não estava obtendo lucro, apenas acumulando prejuízo, havia muita gente trabalhando e pouca farinha sendo produzida, além da máquina quebrar constantemente, nisso o dono da farinheira obtinha muita despesa e pouca receita, então ele resolveu fechar a farinheira, a decisão mais sensata, mas também a mais triste, pois, além de desempregar seus funcionários, prejudicou a maioria dos plantadores de mandioca da região. Mesmo dando as mandiocas para os porcos e os matando para vender a carne não se conseguia muito, o que impulsionou Clóvis a tomar uma decisão séria, vender a fazenda. Seus irmãos titubearam, mas acabaram concordando, eles repartiram o dinheiro conseguido com a venda e seguiram suas vidas, a mãe deles, Dona Maria Célia, com seu dinheiro comprou uma modesta casa e passou a viver nela junto com duas de suas filhas e um dos filhos. Já Clóvis vendeu tudo que tinha em Beira do Riacho e, juntamente com a esposa e os três filhos, foi para Raio de Luz, onde comprou uma casa no Bairro do Pinheiro e montou uma pequena mercearia passando a viver lá. Saber enfrentar as divergências impostas pela vida é sinal de força e coragem.

Eles passaram por muitas dificuldades até se adaptarem a nova vida, era um novo ambiente, ao qual não estavam acostumados, mas aos poucos foram conhecendo a vizinhança, fazendo amizade com eles e com isso a vida foi melhorando. É verdade, foi um sufoco a mudança repentina de ares, contudo valeu a pena, a cidade tinha uma estrutura bem melhor para se cuidar de uma família, havia hospitais, farmácias, escolas, lojas diversas, o que eles não encontravam em Beira do Riacho. Boas mudanças geram boas expectativas.

Com a razoável estabilidade financeira, Noémia e Clóvis trataram de dar a seus filhos aquilo que não tiveram e que consideravam de suma importância, a educação, haja vista

eles não terem tido muito contato com a escola, Noémia que estudou até a quanta série se preocupava muito com isso, mais que o marido que freqüentou a escola por somente uma semana, pois seu pai lhe impusera tarefas árduas na roça e no trato dos porcos que criavam, o forçando a sair da escola, e ainda fazendo uso do argumento de que colégio não dá dinheiro pra ninguém. Por esse motivo Clóvis não dirigia tanta atenção à educação escolar dos meninos, dando mais ênfase a formação moral, tratou logo de colocar João, seu primogênito, para trabalhar com ele na venda, dizendo constantemente pra ele que só com o trabalho se pode conseguir alguma coisa na vida, só com muito trabalho. Por muitas vezes o casal discutia por causa disso, Clóvis queria que seu filho trabalhasse com ele, mas a esposa falava que ele não estava deixando tempo para João estudar, isso gerou uma situação muito desagradável, Noémia foi chamada ao colégio para tomar uma séria decisão, se João deveria ser aprovado ou não, pois tinha condições de passar, mas estava muito fraco em algumas matérias e poderia ter dificuldades no ano seguinte, então, após pensar bastante, tomou a decisão mais sensata, apesar de ser também a mais triste, o menino deveria ser reprovado, e foi, repetindo de ano, estudando mais uma vez a mesma série. João ficou bastante chateado em ter que repetir de ano, mas pôde perceber um rendimento melhor ao final daquele ano. No ano seguinte cuidaram logo de matricular Francisco na escolinha em que seu irmão estava e, diferente de João, estudava bastante, realmente tomou gosto em aprender e passou direto naquele ano. No ano posterior foi a vez de Antônio começar a freqüentar a escola, não era como Francisco, assíduo e dedicado, mas também não chegava ao desleixo, além de aprender com muita facilidade, também ele foi aprovado para a série seguinte. Na escola os três meninos costumavam ser os mais aplicados de suas respectivas classes, principalmente Francisco e Antônio, mas João não ficava muito atrás, pois era um pouco desleixado,

além de trabalhar muito com o pai. O estudo é o que liberta o homem da prisão da ignorância.

Quando João concluiu a segunda série e Francisco a primeira, foram ambos transferidos para um colégio que ficava no centro da cidade. Quanto a Antônio, continuou na mesma escola particular, mas chegando a terceira série foi estudar em um colégio municipal, sendo transferido para outro no ano seguinte porque o primeiro foi desativado, depois disso foi para o colégio onde seus irmãos já estavam para fazer a quinta série. Mesmo sendo aquele um colégio estadual, possuía uma estrutura física muito aquém do que deveria ser, mas apesar disso tinha um dos melhores ensinamentos da cidade, pois, mesmo tendo um prédio aos pedaços, não receber verba nenhuma para a merenda e nem material didático de qualidade, os professores superavam tudo isso com muita boa vontade, disposição e empenho, apesar do baixo salário, um salário de miséria, o qual recebiam com enorme insatisfação, mas não deixavam de fazer um bom trabalho, pois o que verdadeiramente importava àqueles professores não era o dinheiro que recebiam no final do mês e sim a alegria de se sentirem realizados, a sensação do dever cumprido, dever de educar e instruir para a vida. Aqueles três meninos tinham uma estima muito especial dos professores e fizeram muitos amigos entre os colegas, principalmente João e Antônio, que eram bem extrovertidos, contudo, Francisco, sendo muito tímido, fazia amigos mais lentamente, deixava-os ir até ele, atraídos por sua inteligência. O importante em uma instituição de ensino não é sua estrutura física nem as condições de trabalho e sim os sentimentos que se vive nela e as coisas que aprende.

Paralelo ao colégio, os meninos fizeram também o estudo da catequese na comunidade do bairro cujo padroeiro era São Francisco de Assis, a fim, primeiramente, de receber o sacramento da comunhão. João gostava muito de ir às aulas e também daquilo que aprendia e, aos doze anos, recebeu a

Primeira Eucaristia, o que o deixou muito contente. No ano seguinte deu prosseguimento aos estudos de catecismo onde aprendeu muito sobre a história de São Francisco de Assis e sua ordem, isso impulsionou João e muitos de seus colegas a participarem da vida da comunidade, indo freqüentemente as missas e se engajando em grupos da igreja, fazendo muitos amigos, firmando-se cada vez mais na igreja. Com onze anos Francisco fez a Primeira Comunhão, recebeu o Corpo de Cristo pela primeira vez na vida, mas mesmo sendo um momento de alegria ele ficou um pouco nervoso e irritado, pois além de ter cometido vários erros durante a missa, não teve tirado a foto do momento em que recebia a hóstia consagrada, isso o deixou bastante zangado, tanto que nem quis tirar uma foto com seus irmãos depois da missa e fugiu da com a turma. Depois disso se matriculou para prosseguir seus estudos e também recebeu um Tau, um dos símbolos Franciscanos, sem ter a menor idéia do que aquilo significava, contudo gostou muito e tratou logo de pendurá-lo no pescoço, porém no ano seguinte decidiu-se a não freqüentar as aulas de perseverança, a qual se comprometera pela matrícula, além de parar de ir às missas, na verdade ia de vez em quando e, se ia, dormia boa parte da celebração, especialmente nas homilias. Já Antônio recebeu a Primeira Eucaristia com treze anos e, diferente de Francisco, deu continuidade ao seu aprendizado, além de já ter muitos amigos e de gostar de fazer outros novos, os encontros eram momentos de rever os colegas e amigos, ele também ia freqüentemente às missas, bem, pelo menos a cada quinze dias, mas não buscou participar de nenhum grupo da comunidade como fizera seu irmão mais velho João. O contato e a proximidade com Deus são fundamentais para a formação de um ser humano.

A Primeira Paixão

Certo dia Noémia levou seu filho do meio, Francisco, para comprar-lhe uma camisa. Foram, então, a uma loja de confecções que acabara de abrir e que se situava próximo a casa deles. Ao entrar no lugar o garoto se deparou diante de uma visão inesperada, uma belíssima moça do outro lado do balcão, não foi ela quem os atendeu, estava ocupada com outro cliente, foi à proprietária do estabelecimento quem cuidou de fazer isso, mostrou-lhes a camisa, motivo primeiro da ida deles a loja, que já tinha sido esquecido por Francisco. Ele mal conseguia parar de olhar para aquela beldade, no entanto, sua mãe, Noémia, não tinha esquecido o porquê de estarem ali e tratou de mostrar ao filho algumas camisas e pediu para ele escolher aquela que melhor lhe agradasse, e ele o fez. Depois de se decidirem sobre a camisa e de pagá-la saíram de lá os dois, o menino deslumbrado com a jovem que trabalhava na pequena loja, e que era sobrinha da dona, pois a mesma a chamou de tia enquanto estava se ocupando das camisas, guardou em seu pensamento a imagem da garota linda, inteligente e gentil que atendia muito bem os clientes e com muita educação, isso o deixou impressionado. Não é a individualidade dos atributos que formam a beleza, mas a combinação das várias virtudes.

A partir daquele dia, Francisco não parou de pensar na garota da loja, passava o dia inteiro com ela na cabeça, comia pensando nela, quando tomava banho era ela quem pairava em seus pensamentos, quando se deitava para dormir era ela quem povoava sua mente. Chegava muitas vezes a ficar horas e mais horas na porta da mercearia de seu pai olhando para a loja onde ela trabalhava na esperança de poder vê-la nas raras vezes em que se punha do lado de fora. Quando a via seu coração começava a palpitar forte, sua respiração ficava suspirante, seus olhos cheios de água e no seu semblante se estagnava um

sorriso bobo. Era a primeira vez que Francisco gostava de alguém dessa forma, estava realmente encantado com a garota. Estranha é a forma como os mais belos sentimentos se manifestam e assim mesmo é muito belo.

Aquele sentimento lhe era estranho, não havia sentido nada como aquilo antes em sua vida, passava ele por uma nova experiência, um sentimento que não conhecia. Não sabia se era paixão, seus colegas de escola quando falavam desse sentimento se referiam a ele de uma maneira que, ao ver de Francisco, não correspondia ao que tomava seu peito, diziam eles que ao se apaixonar o sujeito era possuído por um desejo forte, impulsionando-o a vontade de beijar e abraçar a quem se referia o sentimento, além de querer estar junto todo o tempo. Isso o deixava confuso, não era aquilo que sentia, não havia egoísmo em seu sentimento, somente vê-la o deixava satisfeito, parecia suficiente, não necessitava de mais nada, nem beijo ou abraço ou qualquer outra coisa. a sua felicidade maior era seu sentimento em si mesmo, não o vindo em acréscimo a ele. A verdadeira grandeza de um sentimento é senti-lo.

Nesse período da vida de Francisco, depois do dia em que se deparou pela primeira vez com aquela jovem, um momento de grande felicidade foi quando soube qual o seu nome: Ele passava em frente à loja, ia fazer um trabalho o qual seu pai lhe incumbiu, quando uma amiga da garota a chamou da porta:

- Lúcia, vem cá! Quero te contar uma coisa.

Ele ficou muito contente com aquilo, agora sabia o nome daquela de quem tanto gostava, por quem tinha um sentimento que lhe era desconhecido até então. Realizou o trabalho de seu pai com grande satisfação e quando estava voltando passou pela loja novamente e de frente aquele lugar pensou consigo mesmo:

- Agora sei o nome dela, ela se chama Lúcia. Que bom, agora sei!

Chegando em casa, o garoto não parava de pensar no ocorrido. Com isso, ligava o nome à dona e repetia pra si mesmo:

- É, o nome dela é lindo, Lúcia, simples e simpático, digno da dona que o possui, a garota mais bonita que já vi.

Talvez pensasse dessa forma porque estava gostando muito dela. Na realidade o nome não era algo tão maravilhoso, pelo menos não como ele pensava. Era ela, Lúcia, a dona do nome, quem era linda, com sua pele alva e macia, cabelos castanho-claros lindos, longos e cacheados, mas só isso não era suficiente para que ele gostasse assim dela, mas ela tinha mais do que isso, era simpática, inteligente e educada, atributos admiráveis, além de tudo isso havia na bela e jovem Lúcia algo que o garoto Francisco não conseguia definir nem nomear e era esse algo oculto a ele que mais contribuía com o que estava sentindo. A verdadeira causa de belos sentimentos está distante da razão.

Mesmo tendo dentro de si um sentimento tão lindo e grandioso Francisco não tinha coragem de se declarar. Talvez por realmente não conhecê-la de verdade, não haver contato algum entre eles, só se conheciam de vista, soube o nome dela por acaso. Quem sabe por medo de que ela caçoasse dele quando soubesse, pois nem mesmo se relacionavam, não eram ao menos amigos. Ou então fosse por receio de estragar aquilo de tão bonito que ardia em seu ser. Ele não temia por achar que pudesse ser rejeitado, estava disposta a passar por isso e tinha até como certo, achava que Lúcia sendo tão especial e cheia de grandes atributos não se interessaria por ele que era apenas uma criança, sabia que sendo rejeitado por certo sofreria, mas ao menos a garota teria ciência do que ele sentia. Fora isso, só a proximidade dela já o deixava perturbado, seu coração começava a palpitar mais forte, sua respiração ficava profunda e suspirante, as palavras se ausentavam da mente, ficava mudo

e cego na explosão de um sentimento tão forte. Às vezes gostar de alguém é ficar sem ação diante desse alguém.

Francisco estava com apenas treze anos quando se encantou com Lúcia, era de fato bem novo, mas esse forte sentimento o amadureceu bastante, algo de muito importante na sua vida. Ele, sendo tão jovem, ainda não havia experimentado a necessidade de ter um relacionamento próximo, no nível de um namoro. Mas na verdade o sentimento do menino Francisco pela jovem Lúcia não o fazia querer tê-la por sua namorada. Ele só desejava vê-la e admirar sua beleza, não apenas a física, que era realmente de se deslumbrar, mas também a sua beleza interior, que é de onde ele acreditava fluir o algo mais que o levava a gostar tanto assim dela. Quando se gosta muito de alguém se quer tão pouco e se sente com tanto!

Passado-se certo tempo, quanto já tinha quatorze anos, Francisco começou a notar uma certa ausência de sua querida Lúcia a um considerável tempo, não a via e a falta dela o deixava triste. Num determinado dia se dirigiu a loja da tia da garota, foi comprar uma coisa para Noémia, sua mãe, e lá ficou sabendo, através de uma amiga de Lúcia que perguntava por ela à tia, o que havia acontecido. A linda jovem não morava mais ali, tinha se mudado para a cidade onde estava vivendo sua mãe para ficar com ela. Ao saber disso, Francisco se alagou de aflições e, chegando em casa, quase se derramando em lágrimas, começou a pensar e chegou à conclusão óbvia de que realmente gostava muito daquela garota, e, aí sim, admitiu pra si mesmo que estava apaixonado por ela, não uma paixão fútil como a dos relatos de seus colegas e sim uma verdadeira. A noite não dormiu bem, ficou pensando nela todo o tempo, porém ao amanhecer acordou feliz e cheio de esperanças, pois acreditava que iriam se ver novamente. A paixão faz dos homens bobos sonhadores, mas cheios de esperanças.

As esperanças não foram em vão e o seu grande anseio de rever sua paixão foi recompensado. Nas férias no

período de meio de ano ela foi visitar sua tia e passar um tempo com ela, foi também reencontrar os amigos que fez quando morava ali. Francisco ao vê-la se inundou de alegria, a final gostava tanto dela, a saudade que lhe afligia encontrou seu fim. No entanto o que ele realmente queria é que Lúcia voltasse a morar lá, ficasse em Raio de Luz permanentemente, para que assim pudesse ver sua paixão, que era a primeira de sua vida, freqüentemente e não passasse de novo por tanta tristeza e sentisse tanta saudade como sentiu. Porém ele já sabia que não iria ser assim, quando terminasse as férias ela iria embora e ele permaneceria ali sentindo a falta dela. O que realmente queria com isso era se iludir, imaginava que ela fosse algum dia até ele e o dissesse tudo o que ele gostaria de lhe dizer, pois não tinha coragem de falar-lhe o que ocultava dentro de si. Ao se encerrar o período de férias Lúcia se foi, voltou à casa da mãe e Francisco novamente reclinou sua cabeça e encheu seus olhos de tristeza pela partida de sua grande paixão. Com tudo, não durou muito, logo se acendeu em seu rosto um sorriso, tinha em seu âmago uma grande alegria por tê-la visto, mesmo por pouco tempo, além de haver em seu ser uma enorme esperança: Acreditava que em uma outra oportunidade ela voltaria, ficando mais uma vez na casa da tia, e ele a veria novamente. A esperança é o alimento da paixão.

Apesar de tanta espera, Lúcia não mais apareceu em Raio de Luz, pelo menos não foi à casa de sua tia. Francisco aguardou por muito tempo o regresso da garota, só desistindo quando dentro de seu eu pensou naquilo que sentia, na sua paixão, e concluiu que já não era tão importante a presença física dela e sim a recordação em sua lembrança da imagem daquela jovem tão bela e doce e do que por ela sentia. Fora isso, só o fato de saber que era capaz de gostar de alguém como gostou de Lúcia fazia Francisco feliz. Além do mais, tinha a certeza de que mesmo tendo em seu coração um sentimento bonito, grande e verdadeiro, como tinha, não iria ser

correspondido, isso o ajudou a se conformar. As situações torbidas nos fazem compreender melhor nossos próprios sentimentos.

Quando já tinha quinze anos foi que Francisco esqueceu de vez sua paixão por Lúcia, é claro que restava uma certa nostalgia quando pensava no que sentiu por ela. Nessa mesma época ele mudou de colégio, pois onde estava estudando não tinha segundo grau e agora que iria para o ensino médio teria que ir para outra escola, e essa escola era próxima da que ele saiu. Levou um certo tempo para se adaptar, era tímido, o novo ambiente lhe era estranho, estrutura diferente, outros colegas e professores, mas se acostumou. Nesse mesmo ano tratou de entrar em um curso de informática, queria aprender a lidar com o computador para depois tentar conseguir um trabalho e assim poder ajudar seus pais com a manutenção da casa. Mudanças bruscas ocasionadas pela vontade ou pela necessidade são importantes, testam nossa capacidade de adaptação e nos condicionam para a vida.

O Grupo

No final do primeiro ano do ensino médio Francisco foi selecionado para fazer um teste em uma das grandes empresas de Raio de Luz, se passasse conseguiria um trabalho de meio expediente com uma boa remuneração. Foram submetidos a um período de três meses de experiência os melhores alunos do 2º grau em todas as escolas da cidade, graças ao seu bom desempenho no colégio Francisco ficou em primeiro lugar, sendo considerado o aluno mais brilhante do primeiro ano. Devido a sua colocação os responsáveis por avaliar os pretensos futuros funcionários o analisaram de forma especial e com mais rigor que os demais. Contudo, o garoto acabou sendo aprovado, passou conseguindo mais uma vez ser o primeiro, recebeu elogios dos avaliadores que o

reconheceram como uma pessoa muito esforçada e responsável, além de dizerem que ele se encontrava acima da média em relação aos demais que também foram aprovados. Ele era o mais jovem de todos e apesar disso demonstrou muita maturidade. Aquele era o primeiro emprego, mas se mostrou muito tranqüilo com a sua admissão. As conquistas são frutos da dedicação e do esforço.

Logo quando começou a trabalhar de forma efetiva na empresa o garoto ficou um pouco tímido, não conhecia ninguém, então executava as atividades de sua obrigação bem quieto em seu canto, não conversava com os colegas e, assim mesmo, fazia suas tarefas de forma satisfatória. É claro que depois de certo tempo foi aos poucos se entrosando com os companheiros da empresa e tornando-se amigo de todos, de forma especial os mais jovens. Os seus melhores amigos lá dentro eram: Paulo, com quem se relacionava muito por ter trabalhado no mesmo setor que ele logo que entrou, Adson, que o ajudou bastante quando Francisco foi transferido para trabalhar com ele, e Reinaldo que entrou juntamente com ele na empresa e que já trabalhava com Adson. Os quatro se tornaram bons amigos e faziam muitas coisas juntos, até mesmo fora do ambiente de trabalho. O bom relacionamento com os colegas é sempre benéfico para qualquer funcionário de uma empresa.

No início das aulas do 2º ano, Francisco se sentia sem ânimo, não tinha muitos amigos, a maioria eram os que com ele trabalhavam, por isso, não se motivava como antes em ir à escola. João, seu irmão mais velho, percebendo essa situação, por gostar demais do irmão, resolveu levá-lo para conhecer um grupo de jovens. João já estava participando do grupo há algum tempo, lá se sentia bem e aconchegado, além de ficar muito alegre na companhia das outras pessoas que também participavam, queria que, como ele, seu querido irmão Francisco fosse amigo dos maravilhosos membros daquele

grupo. JUBUC, como se chamava o grupo, é a sigla de Jovens Unidos Buscando a Unidade em Cristo, lá Francisco se sentiu acanhado e tímido, viu muitas pessoas, algumas ele já conhecia por se tratarem de amigos de João, outras, a maioria, não, eram completamente desconhecidas para ele. No princípio tudo parecia estranho e não se motivou com nada, parecia ser somente um monte de gente que gostava de ficar juntos e discutir a Palavra de Deus, uma espécie de turma de estudos ou sala de debate. Mesmo sendo sua família tão católica, ele se demonstrava um tanto quanto desiludido em sua fé, talvez por influência de colegas protestantes e de seus constantes levantes críticos a sua igreja, com isso, há certo tempo não comparecia as missas, estava desanimado com sua religião, isso colaborou bastante para que ele não se animasse com o JUBUC. Certos conceitos pré-elaborados nos levam a conclusões equivocadas.

As reuniões do grupo consistiam basicamente em momentos de oração, cânticos, brincadeiras e debates sobre leituras feitas da Bíblia. A primeira em que Francisco participou tinha como tema “Fé”, nessa oportunidade se leu o texto de Tiago 2,14-26, onde se transmitia a seguinte mensagem:

“De que aproveitará, irmãos, alguém dizer que tem fé, se não tiver obras? Acaso esta fé poderá salva-lo? Se a um irmão ou a uma irmã faltarem roupas e o alimento cotidiano, e algum de vós lhe disser: ‘Ide em paz, aquecei-vos e fartai-vos’, mas não lhe der o necessário para o corpo, de que lhes aproveitará? Assim também a fé: se não tiver obras, é morta em si mesma.

Mas alguém dirá: ‘Tu tens fé, e eu tenho obras.’ Mostrai-me a tua fé sem obras e eu te mostrarei a minha fé pelas minhas obras. Crês que há um só Deus. Faz bem. Também os demônios crêem e tremem.

Queres ver, ó homem vão, como a fé sem obras é estéril? Abraão, nosso pai, não foi justificado pelas obras,

oferecendo o seu filho Isaac sobre o altar? Vês como a fé coopera com suas obras e era completada por elas. Assim se cumpriu a Escritura, que diz: Abraão creu em Deus e isto lhe foi tido em conta de justiça, e foi chamado amigo de Deus. Vedes como o homem é justificado pelas obras e não somente pela fé? Do mesmo modo Raab, a meretriz, não foi ela justificada pelas obras, por ter recebido os mensageiros e os ter feito sair por outro caminho? Assim como o corpo sem a alma é morto, assim também a fé sem obras é morta.”

Depois da leitura houve um momento breve de discussão, Francisco, mesmo não se manifestando, procurou se ater ao que todos diziam, pois, apesar de se manter calado durante a reunião, se interessou pelo assunto, o texto lhe tomou a atenção e o fez refletir. O encontro foi marcante para o garoto, não por ter ocorrido algo de especial para ele, mas tão somente tendo sido a primeira em que participou, ele, até então, não tinha visto nada como aquilo, reuniões em que se discutiam assuntos relacionados a Deus onde todos tinham a chance de falar e expor suas opiniões. Viver situações novas traz mais ânimo à vida.

Na reunião da semana seguinte nem Francisco nem João se fizeram presentes, João estava doente e Francisco não pretendia ir sem o irmão. Na semana posterior não foram os dois pelo mesmo motivo, João ainda não havia se recuperado. Já de saúde restabelecida João foi à reunião do JUBUC, levando o irmão Francisco. Nessa reunião o texto lido foi João 15,1-8, onde Jesus dizia:

“Eu sou a videira verdadeira, e meu Pai é o agricultor. Todo ramo que não der frutos em mim, ele o cortará; e podará todo o que der fruto, para que produza mais fruto. Vós já sois puros pela palavra que vos tenho anunciado. Permaneci em mim e eu permanecerei em vós. O ramo não pode dar fruto por si mesmo, se não permanecer na videira. Assim também vós: não podeis tampouco dar fruto, se não permanecer em mim. Eu

sou a videira; vós, os ramos. Quem permanecer em mim e eu nele, essa dá muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer. Se alguém não permanecer em mim será lançado fora, como o ramo. Ele secará e não de ajuntá-lo e lançá-lo ao fogo, e queimar-se-á. Se permanecerdes em mim, e as minhas palavras permanecerem em vós, pedireis tudo o que quiserdes e vos será feito. Nisto é glorificado meu Pai, para que deis muito fruto e vos torneis meus discípulos.”

Nesse mesmo encontro, logo após a leitura, João e outros amigos dele foram convidados a se tornarem componentes daquele grupo de jovens. Todos se sentiram muito contentes, com isso aceitaram o convite e fizeram o juramento do JUBUC, onde se comprometiam com o grupo e sua tarefa de formação de consciência dos jovens. Muitos dos recém integrados choraram movidos pela grande emoção que sentiam, eles não conseguiam conter o que sentiam, estavam todos bastante felizes. Aqueles jovens foram elogiados pelo desempenho que tinham dentro do grupo e colocou-se nos diversos discursos dos componentes mais velhos a importância de todos eles para o grupo no seu todo e para cada pessoa de maneira individual. Aquele encontro deixou Francisco muito alegre e depois desse começou a se interessar pelo JUBUC e animou-se a participar realmente de modo ativo. Certos fatos nos marcam e nos conduzem a novas atitudes.

No decorrer de diversas reuniões Francisco ia aos poucos se afeiçoando as pessoas que, como ele, participavam do grupo. Assim foi conquistando novos amigos, dentre eles: Pedro, o coordenador do JUBUC na época, Gustavo, Jailton, Sílvio, Juliano, Iran, Eva, Nívea, Vera e Clara. Precisamos da amizade das pessoas nos ambientes em que vivemos.

Passando-se determinado período naquele grupo de jovens, Francisco resolveu convidar seus amigos de trabalho Adson e Paulo que, como ele, eram moradores do bairro Pinheiro, para visitarem o JUBUC, visando trazê-los pro grupo.

Ambos se alegraram muito com o convite, mas não corresponderam de imediato, a bem da verdade é que chegaram a ir pela insistência de Francisco com o assunto e só por isso aconteceu. Paulo já participava da Igreja e ia freqüentemente as missas, também sabia da existência do grupo e até tinha amigos que participavam, o caso de Pedro que estudava com ele, no entanto foi somente com a insistência do colega de trabalho em chamá-lo que chegou a ir. Certa noite de sábado Paulo saía da missa e viu Francisco, indo cumprimentá-lo, o amigo o convenceu a entrar para a reunião, praticamente o arrastou para o salão, que se localizava ao fundo da igreja, onde se reunia o grupo, Paulo gostou muito e a partir daquele dia começou a freqüentar as reuniões do JUBUC. Adson compareceu em uma vez posterior, ficou apenas alguns minutos, depois se foi, esteve lá somente para ver como era, também em consideração ao seu amigo Francisco, mas não pretendia participar do grupo, porque além de pertencer a outra Igreja, a Batista, também era membro de um grupo de jovens na sua congregação. É sumamente valoroso ter amigos próximos a nós.

Certo tempo depois houve um encontro marcante para o jovem garoto Francisco, nessa reunião se leu I Coríntios 13,1-13, onde está escrito:

“Ainda que eu falasse línguas,
as dos homens e dos anjos,
se não tivesse amor,
seria como sino ruidoso
ou como címbalo estridente.

Ainda que tivesse o dom da profecia,
o conhecimento de todos os mistérios
e de toda a ciência;
ainda que eu tivesse toda fé,
a ponto de transportar montanhas,

se não tivesse o amor,
eu não seria nada.

Ainda que eu distribuísse
todos os meus bens aos famintos,
ainda que entregasse
o meu corpo às chamas,
se não tivesse o amor,
nada disso me adiantaria.

O amor é paciente,
o amor é prestativo;
não é invejoso, não se ostenta,
não se incha de orgulho.

Nada faz de inconveniente,
não procura seu próprio interesse,
não se irrita, não guarda rancor.

Não se alegra com a injustiça,
mas se regozija com a verdade.

Tudo desculpa, tudo crê,
Tudo espera, tudo suporta.

O amor jamais passará.
As profecias desaparecerão,
as línguas cessarão,
a ciência também desaparecerá.

Pois o nosso conhecimento é limitado;
limitada é também a nossa profecia.

Mas, quando vier a perfeição,

desaparecerá o que é limitado.

Quando eu era criança,
falava como criança,
pensava como criança,
raciocinava como criança.
Depois que me tornei adulto,
Deixei o que era próprio de criança.

Agora vemos como em espelho
e de maneira confusa;
mas depois veremos face a face.
Agora o meu conhecimento é limitado,
mas depois conhecerei como sou conhecido.

Agora, portanto permanecem estas três coisas:
a fé, a esperança e o amor.
A maior delas porém é o amor.”

Como o texto se referia ao amor, lhe atribuindo o título de maior das virtudes, houve um espaço grande de discussão, nesse alargaram referência aos diversos manifestos desse sentimento, no sentido conjugal, da maneira familiar, de forma amiga, dentre outros. Apesar das diversas posições colocadas, a grande maioria, em demoradas e eloqüentes explicações, o que chamou realmente a atenção de Francisco foi, de fato, as palavras de uma garota, garota essa que estava no grupo a primeira vez e seu nome era Bela, um pequeno verso o marcou profundamente sendo armazenado entre suas lembranças e guardado em sua memória, ela disse:

- “No meio de duas pedras pode nascer uma flor, de uma grande amizade pode surgir o verdadeiro amor.”.

Bela recebeu os aplausos de todos os presentes, gostaram muito do que ela havia dito. Em seguida a isso, Clara,

que se sentara ao lado de Francisco se direcionou a ele dizendo-lhe:

- Isso não vai acontecer com a gente, não é?

Naquele momento ele pensou em falar que não, mas essa resposta lhe parecia precipitada e até errônea, como poderia ter conhecimento do que viria a acontecer no futuro? Nisso preferiu dizer:

- Não sei. Não dá pra prever o que pode acontecer hoje com a gente, quanto mais no futuro, algo mais distante e até obscuro.

E ela completou brincando:

- É mesmo, quem sabe um dia não nos apaixonemos um pelo outro, não é?

Aquela reunião se encerrou maravilhosa e quando chegou em casa Francisco não parou de pensar no que tinha acontecido, no entanto aquilo que realmente lhe marcou foi a frase dita por Bela e a indagação de sua amiga Clara, chegando até a fazê-lo guardar isso em sua memória de maneira carinhosa e também reflexiva. São as dúvidas que conduzem às respostas.

A Segunda Paixão

Logo quando começou a freqüentar o JUBUC, Francisco conheceu, em seu colégio, uma garota, seu nome era Fábía e ela era simplesmente deslumbrante, ao menos era essa a opinião que ele tinha na época. Ela era loira de cabelos longos e lisos, tinha a pele alva, olhos negros e era mais alta que Francisco, além disso, tinha uma personalidade muito forte e um comportamento bem sério. Ela estudava na 6ª série e era bastante popular no colégio, pois já estudava lá há bastante tempo e fazia amizade com muita facilidade. Ele a admirava por sua beleza e simpatia, características que contribuíram para que Francisco fosse aos poucos se afeiçoando a ela.

Sentimentos nem sempre nascem de um instante, são às vezes resultado da convivência.

Francisco e Fábía foram apresentados por um colega do garoto que também era amigo dela. Ambos já se conheciam de vista, moravam na mesma vizinhança, mas Francisco, por ser muito retraído e fechado, não tinha amigos dentre seus vizinhos, já Fábía era diferente, conhecia muita gente e possuía vários amigos em sua rua. Mas apesar de morarem próximos um do outro o que realmente os aproximou foi essa apresentação formal por um amigo comum no colégio. Nem sempre proximidade quer dizer estar perto, nem sempre abrimos os olhos para o que há a nossa volta.

Nessa época Francisco estava com 16 anos e ainda pensava muito em Lúcia, a primeira paixão de sua vida, mas pouco a pouco esse sentimento foi sendo eliminado de seu coração, dando lugar a um novo. Enquanto aquilo que havia sentido por Lúcia era carregado de afeto e carinho, a paixão por Fábía era ardente e recheada de desejos e fantasias. Sonhava tê-la em seus braços, senti-la perto de si, roçar seu rosto no dela, sentir seus lábios juntos num beijo e ficava imaginando como seria namorar Fábía, os dois andando de mãos dadas, sendo amigos, companheiros, confidentes e namorados. Novas emoções e novos desejos são frutos de novos sentimentos.

O que estava sentindo por Fábía estava crescendo e tomando conta de seu coração muito rapidamente. Francisco não queria que se repetisse com sua nova paixão o mesmo ocorrido com a primeira, ficasse ignorante em relação aos sentimentos dirimidos por ele, isso o consumiu muito, porque Lúcia simplesmente desapareceu de sua vida sem ao menos saber que deixou em alguém uma marca muito forte, um alguém que nem ao menos conhecia. Com Fábía havia de ser diferente e, mesmo não sabendo como, tinha que se abrir e contar-lhe de seu coração. Não tinha condição de fazer isso pessoalmente, quando ficava ao lado dela parecia ter em sua

garganta um tampão, não poderia ser uma simples carta, ele tinha que impressionar, e com isso passava as noites pensando como faria, até pagar no sono e dormir. É melhor revelar um sentimento e ser frustrado do que o ocultar e se sentir frustrado.

Foi necessário algum tempo até que lhe clareasse a idéia adequada para fazê-la ter ciência do que nutria por ela. Mas acontece que, durante uma conversa com seu amigo e colega de trabalho Adson, teve a iluminação que precisava. Eles estavam indo para casa e Francisco puxou o assunto:

- Sabe Adson, acho que estou apaixonado. Tem uma menina que eu acho linda lá no colégio. Engraçado é que ela é minha vizinha faz um tempo e só passei a notá-la agora, e não paro de pensar nela.

Então o amigo perguntou:

- Qual o nome dela?

Francisco responde:

- Ela se chama Fábria e é muito bonita, tem cabelos loiros e compridos, olhos escuros, um corpo escultural e uma personalidade forte.

Adson fez outra pergunta:

- Se vocês já eram vizinhos por que não se falavam Francisco?

Ele esclareceu:

- Eu não me relaciono com os meus vizinhos, não tenho amigos entre eles, e ela pra mim só era mais uma de minhas vizinhas, nada além disso. Mas parece que agora isso mudou.

Adson interpelou mais uma vez:

- Sei, mas se era assim como a conheceu?

Francisco elucidou a questão:

- Um colega meu, que é amigo dela, nos apresentou, aí começamos a conversar. Naquilo que conversávamos fui passando a gostar do jeito dela, da maneira que falava, dos gestos com os quais se expressava e isso foi aos poucos me

conquistando e a cada dia que passa me interesse e gosto mais e mais dela.

Na conclusão dessa resposta Adson suspirou nostalgicamente e disse:

- Eu sei como é isso. Quando eu estava na 8ª série tinha uma garota que eu também achava linda e ela estudava na mesma sala que eu. Ela é até hoje minha paixão, não a esqueci até hoje, nem sei se vou esquecer. Só que eu não tive coragem de falar pra ela o que eu sentia.

Francisco se identifica com a história do colega:

- É exatamente esse o meu problema, Adson. Queria saber uma forma de contar do meu sentimento a Fábria sem ter que falar pessoalmente, mas não sei como, tenho medo de dizer a ela, não saberia como começar, nem se conseguiria.

Adson exclamou:

- É por isso que Rosa não sabe que estou apaixonado por ela há mais de quatro anos e que não a tirei de meu pensamento mesmo não sendo capaz de lhe dizer.

Francisco ouvindo o colega indagou:

- O quê? O nome dela é Rosa?

Confuso pelo assombro do colega, Adson disse sem entender:

- É sim. Por quê?

E sorrindo, Francisco respondeu:

- Porque essa é a solução para o nosso dilema, e estava tão na cara que a gente nem viu, nem se deu conta.

Ainda sem entender o amigo lhe perguntou:

- Como assim? Que resposta? O que você quer dizer com isso?

E Francisco esclarece, com um sorriso em seu rosto e cheio de alegria:

- Nós queríamos uma forma de dizer a nossas respectivas paixões aquilo que sentimos por elas, no entanto não poderíamos nos dirigir diretamente a elas e simplesmente

falar, mesma porque não teríamos coragem para isso. E agora, depois que você me disse o nome de sua paixão, tive a idéia que soluciona nosso dilema. Vamos mandar flores para elas, um buquê, acompanhado de uma carta contando o que sentimos, e as flores serão as que têm o nome de sua paixão, rosa.

Já tendo a compreensão da idéia de seu colega e amigo e com a concordância na idéia, Adson indagou, com muito ânimo:

- Quer dizer que mandaremos um buquê de rosas para cada uma delas, Rosa e Fábria, e junto uma carta falando do que sentimos por elas? Isso parece ótimo.

E Francisco disse:

- É isso mesmo. E depois é só esperar a reação delas. Já me sinto ansioso, melhor pensarmos logo no que escrever, para fazermos isso o quanto antes.

Depois de toda essa conversa ficou combinado que iriam confeccionar as cartas e depois enviá-las, juntamente com flores, as suas paixões. Mas antes de mandarem as flores, Francisco convidou Fábria diversas vezes para conhecer seu grupo, o JUBUC, no entanto ela recusava o convite, até que certo dia, talvez pelo excesso de insistência, ou quem sabe só para se livrar dele, ela resolveu aceitar visitar o grupo e ir com ele, decidiram que ela passaria na casa dele, que era bem perto da dela, e iriam juntos. O rapaz esperou ansiosamente até o horário marcado, se arrumou bem e estava muito nervoso, porém ela não apareceu e ele então foi à casa da moça, no intuito de relembra-la o compromisso, pois achava que ela deveria ter esquecido, e levá-la consigo ao destino programado. Chegando a porta da casa de sua paixão se pôs a bater e foi atendido pela mãe da garota, nervoso ele se apresentou e relatou aquela senhora sobre o convite feito a sua filha e a resposta positiva recebida. Logo após essa breve formalidade por parte do jovem a senhora lhe fez diversas recomendações

dizendo que a filha era muito moça, tinha somente 12 anos, e ele deveria respeitá-la e ser zeloso para com a menina, complementando, falou que era de família decente e não admitiria de forma alguma que a filha fosse tida como uma qualquer. Francisco ouvindo de cabeça reclinada concordou com as recomendações daquela mãe, que após isso foi ao quarto da filha no intuito de avisá-la sobre o garoto que a esperava na porta, que nem ao menos foi convidado a entrar para esperá-la. Ela se dirigiu até ele e, como a mãe, também não o chamou para dentro de sua casa, o dispensou da porta, dizendo estar muito cansada e que por esse motivo não poderia ir conhecer o grupo de jovens do qual Francisco participava e, para não ser de todo indelicada disse ao rapaz que talvez fosse com ele ao encontro do JUBUC em uma outra oportunidade e com um “sinto muito” se despediu do garoto. Ele aceitou a desculpa dela, sabia que nada do que dissera fora verdade, porém achava melhor ter ouvido aquilo a um grosseiro “não quero ir”, parecia mais delicado. Ficou chateado porque ela aceitou e depois não quis ir. A partir desse dia não a convidou mais, pois a única vez que ela aceitou só o fez para ter tempo de inventar uma maneira de não ir. Além disso, havia um aspecto que os afastava muito, pertenciam a Igrejas diferentes, ele era católico e ela da Igreja Internacional de Graça de Deus. Não são as crenças barreiras para sentimentos, mas temos a tendência de impô-la como tal.

Nessa época Fábria já estudava a 7ª série no turno vespertino, não mais pela manhã, também, após algum tempo, ela se mudou indo morar em um outro bairro, o que ele só ficou sabendo através de Antônio, seu irmão mais novo, que a conhecia e era amigo da moça. Mesmo sem saber dos sentimentos de Francisco pela garota, Antônio lhe deu uma preciosa informação. Ao saber da novidade, Francisco tratou logo de apressar a conclusão de sua carta, já não suportava

esperar para que ela soubesse. Sentimentos guardados no peito anseiam por serem revelados.

Passado certo tempo, Francisco e seu grande amigo Adson haviam concluído as cartas, as quais mandariam à Fábria e Rosa, suas respectivas paixões. Francisco fez um relato demorado buscando detalhar aquilo que sentia, mas a realidade é que a correspondência acabou longa e por vezes confusa, cheia de citações e repetições constantes, encerrando um total de três folhas de papel impresso. Adson conseguiu ser mais objetivo e artístico, fez um poema expressando o que sentia, colocando ao fundo uma bela paisagem. Com isso trataram de se dirigir a uma floricultura para concluir seus planos. Francisco mandou um buquê com seis rosas vermelhas e seis cor de rosa junto com a carta, já Adson escolheu seis amarelas e seis laranjas e mandou o envelope com o poema. Ambos pediram para que as flores fossem entregues nos colégios onde elas estudavam, Fábria na 7ª série vespertina e Rosa no 3º ano matutino. A paixão nos conduz a gestos estranhos, mas bonitos.

No dia seguinte, à tarde, no trabalho, Adson recebeu uma ligação de sua grande paixão, Rosa. Ela conversou com o rapaz e agradeceu as flores e o poema recebido e disse que, mesmo não se recordando dele, ficou muito alegre em saber que por tanto tempo manteve em seu coração um sentimento tão bonito dirigido a ela. Adson estava bastante feliz com o telefonema e tratou logo de ir contar ao amigo o resultado da loucura que fizeram. Francisco se alegrou com o amigo e passou a esperar que lhe ocorresse o mesmo em relação à Fábria, sua paixão. Passado certo tempo, não tendo sido Fábria cordial como Rosa, Francisco resolveu procurá-la. Foi ao colégio e a esperou sair, quando isso aconteceu, ele a seguiu e quando a alcançou resolveu esclarecer o caso. A cumprimentou e depois a interrogou dizendo:

- Fábria, você, por acaso, recebeu umas flores há alguns dias atrás?

Ela respondeu de imediato:

- Recebi sim.

Ele indagou:

- Então por que você não me respondeu a carta, nem me procurou pra falar qualquer coisa?

Fábria esclareceu:

- Quando recebi, pra mim foi uma grande surpresa e confesso que não esperava, não sabia o que dizer nem o que deveria te falar, foi por isso que não te procurei.

O que ela disse o convenceu, imaginava que seria realmente complicado receber uma notícia como aquela, saber que alguém gosta tanto assim dela como ele gostava e mais difícil ainda responder. Nisso ficou estática, sem reação e ao invés de dizer palavras vazias preferiu o vazio do silêncio. Caminharam juntos por mais um tempo, mas num determinado ponto iriam se dirigir a lugares distintos, indo para suas respectivas casas, se despediram, porém, antes de ir, Francisco sussurrou ao ouvido dela:

- Fábria, estou apaixonado por você.

Depois disso passaram um bom tempo sem se falar, devido ao fato de não mais estudarem no mesmo horário e de morarem em bairros distintos, além disso, Francisco não mais a procurou, esperava que ela fosse até ele a fim de lhe responder a carta. Passou-se certo tempo e o garoto resolveu escrever novamente à sua paixão, só que dessa vez foi mais objetivo, cobrou dela a resposta que não deu, a carta foi levada por um conhecido de Adson que estudava com Fábria. Francisco mandou várias cópias da mesma carta, de maneira a demonstrar persistência, interesse e certa teimosia. Isso durante algumas semanas, até tomar ciência de que ela estava namorando. Quando isso aconteceu tratou logo de confeccionar outra carta, a última, e mandar para ela, nessa se desculpava pela insistência, pelo abuso e ainda por ter se apaixonado, por sentir

o que sentia por ela. É triste ter que desistir do que se quer, porém, por vezes, é necessário e inevitável.

A Terceira Paixão

Francisco ainda estava apaixonado por Fábria quando conheceu uma garota que ele não imaginava que fosse adquirir o significado que acabou tendo, ela chamou bastante a atenção dele, conquistando-lhe a simpatia e lhe transmitiu uma impressão muito forte. Era uma jovem muito bonita e bastante atraente aos olhos do garoto, mas não podia imaginar que aconteceria o que ocorreu. Às vezes a vida nos surpreende com doces presentes.

Foi no colégio onde Francisco estudou o 1º grau que se conheceram. Ele foi lá, juntamente com um colega que também havia estudado ali, para buscar o histórico escolar, pois fora solicitado pela nova escola. Quando esse fato se deu ele já participava do JUBUC há alguns meses. A garota estava na porta a esperar uma amiga que fazia uma prova, tinha terminado a sua, por esse motivo se dirigiu até Francisco que, já de posse do histórico, saía da secretaria e conversava com o colega, então ela se interpôs na conversa perguntando:

- Você que é Francisco, aquele que foi considerado o aluno mais inteligente da escola a dois anos atrás, de quem os professores falam tanto?

O colega que estava com ele, colocou-se em dianteira, pôs a mão sobre o ombro dele e respondeu em seu lugar:

- É ele mesmo. Francisco é o aluno nota 10 desse colégio, não só naquele último ano, mas durante todo o período em que estudou aqui, e continua a ser um grande aluno, pois é o melhor da nossa sala.

Francisco um tanto constrangido com as palavras de seu colega, e admirado com a beleza da jovem, reprimiu-o dizendo:

- Não é bem assim, eu só buscava me esforçar, qualquer pessoa podia tirar as notas que eu tirava ou até notas melhores se fizesse isso também.

A garota, eufórica e muito contente por estar falando com quem falava, sorriu e lhe disse:

- Você é bastante modesto, do jeito que os professores tinham dito. Mas também disseram que você é um aluno realmente excelente, inteligente e cheio de outras qualidades, e que entende muito de matemática que é exatamente o meu fraco.

Nesse instante ele reclinou a cabeça e, com o rosto meio corado, falou acanhado:

- É, eu não sabia que tinha ficado tão famoso assim.

No instante em que terminou de dizer isso o colega que estava ao seu lado mais uma vez o deixou constrangido dizendo:

- Como você não ia ficar famoso se só tirava 10? Era difícil, raridade, outra nota, em matemática nem se fala, o professor mandava todo mundo ir corrigir os exercícios com você.

Com essas palavras o colega que acompanhava Francisco o deixou ainda mais envergonhado, ele já não sabia o que falar. Nesse momento aquela garota lhe fez uma proposta:

- Eu tenho algumas dificuldades em matemática e gostaria que, se pudesse, você me ajudasse com essa matéria já que você é tão inteligente, eu ficaria muito feliz se dissesse que sim.

Isso o deixou mais vexado do que já estava, pois as palavras saídas da boca da bela garota ao ouvido do jovem Francisco, pareciam conter um melodioso tom de insinuação ou flerte. Mesmo se sentindo bastante atraído, sabia que não podia trair seu sentimento por Fábria e preferiu entender o pedido da menina como uma brincadeira e respondeu:

- Que pena, infelizmente não posso. De tarde eu trabalho, se eu fosse a noite à sua casa chegaria muito cansado para te ensinar, não teria condições, além do mais não sei se seus pais gostariam de me receber em sua casa a noite. É mesmo uma pena, mas não posso mesmo.

Triste, ela lamentou:

- É uma pena não poder ter você para me ensinar, seria muito legal estudar com você.

Diante da consternação dela, Francisco se chateou por não poder ajudar e fez-lhe uma sugestão:

- Olha, você pode chamar uma amiga para te ajudar a estudar. Além disso, pode fazer o que eu faço, prestar bastante atenção ao professor quando ele estiver explicando o assunto e também rever o assunto em casa quando tiver alguma dúvida ou tiver algum tempo.

Ela sorriu e disse:

- Você está certo, vou fazer o que me disse. Claro que gostaria muito mais que você me ajudasse, já que é tão inteligente, mas já que não pode fazer isso por causa do seu trabalho seguirei o seu conselho. De qualquer maneira muito obrigada!

Ele sorriu simpático e disse:

- De nada.

Depois disso foi para casa e lá almoçou pensando no ocorrido, daí se dirigiu ao trabalho e mesmo ali em meio a tantos afazeres não conseguiu tirar aquela garota da cabeça, ela lhe chamou muito a atenção, e ele nem se quer lembrou de perguntar o seu nome, um descuido que reconheceu. O resto do dia não foi diferente, com a bela jovem na mente até a hora de dormir, mas se reprimia dizendo a si próprio:

- Você não pode ficar assim. Lembre-se de que está apaixonado por Fábria, é nela que deve pensar e não nessa garota que você nem conhece.

Mesmo assim não deixou de pensar na garota, dormiu com ela em seus pensamentos, só se livrou dessa condição ao ver Fábria, sua paixão, na manhã do dia seguinte, o sentimento que tinha se colocou maior e à frente da atração que havia sentido pela outra garota. Sentimentos verdadeiros são mais fortes que emoções passageiras.

De vez em quando Francisco via a garota passando pela rua, normalmente nas proximidades do colégio onde a mesma estudava, com exceção de uma vez que a viu transitando no seu bairro, ele deduziu que provavelmente estaria indo para casa, já que era o horário de saída do colégio, com isso, ao que parecia, moravam ambos no mesmo bairro. Quando a via o garoto logo se lembrava da conversa tida entre os dois, parecia até uma lembrança nostálgica. Os momentos sobre os quais se pensa são os momentos que marcam.

Depois de tê-la visto em seu bairro ficou um bom tempo sem vê-la, o que só veio a acontecer algumas semanas depois no seminário que houve no DNJ – Dia Nacional da Juventude – daquele ano. Nesse dia todos os grupos de jovens integrantes da Pastoral da Juventude da diocese se fizeram presentes num grande galpão onde se realizou o evento. O JUBUC, sendo um desses muitos grupos, não podia estar de fora. A palestra falava sobre direitos humanos, mas Francisco não deu a mínima atenção, pois ao invés de ouvir os discursos e as falas dos palestrantes, preferiu fixar os olhos na linda jovem, que há meses atrás conversara com ele, desviando o olhar quando ela parecia perceber a observação sobre si por parte do garoto. Ele se reprimia, pois ainda gostava muito de Fábria, mas não conseguia deixar de olhar para a bela garota e, no final de todo o evento, tomou coragem e a cumprimentou. Às vezes a vida nos surpreende com fatos agradáveis.

Francisco achava que a garota participava de um outro grupo de jovens da cidade, mas ficou muito surpreso ao encontrá-la no salão do grupo para participar da primeira

reunião depois do DNJ, isso o deixou bastante feliz, pois, além de ficar sabendo o nome dela, Lídia, achava que pudessem vir a ser bons amigos, já que desfrutava de uma grande simpatia por ela, mesmo a conhecendo tão pouco. Ela e mais três amigas decidiram participar de um grupo de jovens e como eram da comunidade São Francisco de Assis resolveram escolher o JUBUC, parece tendencioso, mas ele a achava a mais linda e simpática de todas. Realmente ele não esperava que seu sentimento fosse mudar tanto em relação a ela, mas procurava não levar muito a sério, pois na época estava muito apaixonado por Fábia. Se deixar prender por um sentimento por vezes nos fecha a outros.

Nesse mesmo período, que parecia ser tão feliz, houve a primeira decepção de Francisco em relação ao grupo. O JUBUC e os demais grupos da Pastoral da Juventude de Raio de Sol foram convidados para um torneio de futebol organizado pelo JIA – Jovens Intentos no Amor – do bairro Luzeiro do Sul. Nessa competição a equipe do JUBUC era composta por: Pedro, Gustavo, Jailton, Silvio, João e Francisco, que ficou na reserva. Mas mesmo tendo combinado que ninguém ficaria sem jogar, o time foi até a final sem que Francisco se quer entrasse em campo, os colegas o impediram de jogar por ser o menor e mais fraco do grupo e receavam que se machucasse, pois, apesar de ser um torneio entre grupos de jovens participantes da igreja, o espírito competitivo era muito forte e acirrado o que obtinha como resultado jogadas muito fortes e algumas até violentas. Na final o JUBUC perdeu nos pênaltis para o JIV – Juventude Integração e Verdade – do bairro José de Jesus. Depois da derrota de seu time, Francisco se apressou em sair do campo e ir para casa, nem se quer esperou a entrega da premiação, estava chateado com o que achava uma falta de consideração dos colegas para com ele. Por não o terem deixado participar dos jogos, caminhou todo o longo trajeto sozinho e chorando e, mesmo seu irmão lhe tendo

explicado toda sua preocupação e a das outras pessoas da equipe com ele e o medo de que se machucasse, Francisco passou a ficar receoso com o grupo. Magoas geram rancores.

Apesar de todas as explicações, a magoa de Francisco era grande, e isso o fez se desanimar com o JUBUC, começou então a faltar a compromissos assumidos e até chegou a cogitar sua saída do grupo. Mesmo com tantos fatores o respaldando nessa decisão, ele, depois de muitas reflexões e ponderações, decidiu-se a permanecer e voltar a ser ativo no grupo. Os motivos principais para que obtivesse essa resolução foram três: o primeiro foi o fato de o grupo tê-lo mobilizado a participar realmente da Igreja; o segundo é que ele se identificava com o JUBUC, sem ele ficaria perdido e sem saber direito quem era; o terceiro era o fato de ter feito bons amigos e, mesmo nem sempre demonstrando, os queria muito bem. As grandes decisões devem ser feitas com reflexão e não por magoas.

Mesmo sem perceber, Francisco foi aos poucos se aproximando de Lídia e o que por ela sentia amadurecia mais a cada dia. Por estarem cada vez mais perto um do outro ele receava muito, pois não queria se apaixonar por alguém do grupo e tinha medo porque achava ver nos olhos dela mais do que amizade e em seu sorriso mais que somente simpatia. Francisco não queria que Lídia se magoasse, pois ainda gostava de Fábria, no entanto, ficava contente por achar que uma pessoa como Lídia pudesse gostar dele. A verdade é que sem notar, começava a surgir de seu coração um novo sentimento, o qual se fez demonstrar muito forte no dia em que o JUBUC foi visitar o JOF – Juventude Ostentada na Fé – grupo do bairro Vitória, onde participaram de uma reunião onde se falava de preconceito enfocando de modo mais explícito o critério racial, e, mesmo tendo prestado bastante atenção a todo o encontro e, inclusive, fazendo colocações na discussão sobre o assunto, não deixou também de deter seu olhar na jovem Lídia em

vários momentos, parecia uma tentação irresistível observá-la em seu lugar sentada e em silêncio. No término, ao se dirigirem para casa, ele ia conversando com seu amigo Juliano e vez por outra olhava para trás a fim de vê-la, isso até o momento em que resolveu diminuir as passadas para poderem, ele e o colega, conversarem com a garota. Esses gestos só demonstravam uma realidade a qual o jovem garoto não queria se dar conta. O desabrochar de um novo sentimento às vezes nos assusta e surpreende.

Chegando próximo do Natal daquele mesmo ano, o JUBUC dividiu-se em vários subgrupos no intuito de celebrar a pré-novena nas casas de pessoas do bairro. Francisco e Lídia ficaram no mesmo subgrupo, isso os tornou mais próximos, pois freqüentemente ele a levava para casa depois dos encontros, que de habito promovia uma agradável conversa entre os dois. Inclusive um certo dia a pré-novena foi celebrada na casa da avó de Lídia, uma ocasião feliz para Francisco, lá ficou sabendo mais sobre a garota por quem se afeiçoava tanto e, entre outras coisas, soube que ela costumava passar boa parte do tempo livre na casa da avó. Nesse período ele recebeu no trabalho um convite para participar de um evento, porém sua mãe só o deixaria ir se alguém o acompanhasse, tendo ele esquecido de comentar com os amigos do trabalho resolveu perguntar se algum de seus colegas do grupo de novena ia participar do evento, já que era o dia, mas a resposta foi negativa. Como nessa noite foi com Lídia até a casa dela, a convidou para ir com ele, ela aceitou e o jovem então pediu aos pais da garota, prometendo se responsabilizar por ela, só que eles não permitiram, isso o deixou meio chateado porque queria muito estar naquele evento, e a companhia dela faria ser ainda melhor. Pediu a mãe para ir só, mas ela não deixou. A noite ficou refletindo sobre seu ato, já que gostava tanto de Fábria e, contudo, pensava muito em Lídia. Ele próprio não entendia a razão de tê-la convidado para o evento ao qual

pretendia ir. Os sentimentos são perceptíveis nos atos que tomamos e só depois nos damos conta.

No ano seguinte, logo no início das aulas, Adson fez uma revelação muito importante a Francisco, Fábria, sua paixão, estava namorando. Isso o deixou bastante desolado e um tanto triste, porém, com isso, ele pôde abrir os olhos e perceber o que estava acontecendo em seu coração. Mesmo não querendo, apaixonara-se por uma garota do grupo, Lídia. Vê-la nas reuniões o consolava e, ao pedir um conselho ao grande amigo e colega de trabalho Adson, finalmente aceitou os fatos e resolveu dizer a ela o que sentia no encontro do JUBUC próximo. No entanto, ela não compareceu e ele esperou o seguinte e depois o outro e diversos mais, mas a jovem não apareceu. Decisões tardias resultam em perdas.

Determinado dia se encontraram por acaso na rua e começaram a conversar. Ele abriu o diálogo:

- Oi Lídia, tudo bem?

Ela respondeu aparentemente constrangida:

- Sim! Comigo tudo bem.

Logo em seguida o perguntou:

- Por que você sumiu assim e não apareceu mais nas reuniões do grupo?

A garota, meio acanhada, deu a resposta:

- É porque eu estava um pouco desanimada, mas irei ao próximo encontro. Está bem?

Feliz com a notícia, ele exclamou:

- Que bom! Já estava sentindo muito sua falta.

Depois disso ele foi para casa muito contente e sorrindo. No entanto, apesar da promessa feita, Lídia não compareceu a reunião do JUBUC, isso deixou o coitado muito chateado e triste, porque ele achava que iria vê-la e talvez até tomasse coragem e lhe dissesse o que estava sentindo. É triste a esperança frustrada.

Naquele ano Francisco havia se matriculado nas aulas de Crisma e no primeiro dia viu Lída, sua nova paixão. Ela estava fazendo curso de Eucaristia na turma de horário anterior ao seu, só que ele não teve coragem de conversar com ela, apenas a cumprimentou e entrou na sala. Depois da aula, Paulo, que estava estudando com Francisco, ao saber o que o amigo sentia pela garota, aconselhou o colega com as seguintes palavras:

- Eu sei que Lída é uma garota muito bonita, mas você deveria tentar tirá-la da cabeça, porque ela gosta muito de festa e está em praticamente todas que acontecem lá no centro, então, ou você passa a ir a essas festas, mesmo que não goste, ou então desiste de vez dela, porque normalmente ela acaba ficando com alguém lá.

As palavras de seu colega deixaram Francisco triste, além de o ter levado a uma longa reflexão, na qual pensou bastante antes de tomar uma decisão, escrever uma carta contando o que sentia, para isso contou com a ajuda de seu colega de trabalho e amigo Adson. Assim que a carta ficou pronta, ambos passaram na porta da casa da avó dia Lída e, discretamente, jogaram o envelope por baixo da porta e seguiram o caminho. Francisco não assinou a carta, usou um código, “Cisfranco”, o qual tinha a intenção de fazê-la pensar e descobrir de quem se tratava.

Pela leitura da carta ela pôde perceber que se tratava de alguém do JUBUC, mas não identificou quem era e, então, pediu ajuda a Augusto, primo de Francisco e colega de Lída, o qual também participava do grupo de jovens. Ao ver a carta e olhando a assinatura ele disse:

- Bem, se separarmos as sílabas teremos: cis, fran e co. Colocando em uma outra ordem podemos ter: fran, cis e co, Francisco, meu primo.

Meio pasma ele disse:

- Deve ser ele mesmo, uma vez me convidou para sair e também falava umas coisas comigo, eu deveria ter percebido que gostava de mim. E principalmente pelo poema que pôs nessa carta.

Ó bela dama
seu sorriso de mel
inunda meu olhar
de seu doce sabor

Desejo degustar seu sorrir
sentir em meus lábios
o gosto de seu favo

Pois seu sorriso
é algo que me encanta
me alegra
e me atrai

Seu sorriso
faz-me sorrir
e seu mel
adoça meu olhar

Algo de tão maravilhoso
possuis em seu sorriso
além de todo o seu ser

Então Augusto falou:

- É, meu primo está mesmo apaixonado por você, pra escrever algo assim só pode gostar muito de você mesmo.

Lídia disse:

- Não é só pela poesia, é também do que fala. Ele falava muito do meu sorriso e dizia que o achava muito bonito.

Mesmo tendo conversado com Augusto sobre a carta, ela não procurou Francisco, mas o primo dele o fez. Chegou na casa do garoto fazendo várias brincadeiras de mau gosto, mas Francisco não gostou nada disso. Augusto entrou na casa do primo logo dizendo:

- E aí, como vai, admirador secreto?

Francisco fingiu não ter entendido:

- O quê? Não estou entendendo nada do que você está falando.

O primo cinicamente disse:

- Eu sei que foi você quem mandou aquela carta pra Lúdia.

Mas o garoto continuou se fazendo de desentendido:

- Que carta?

Nisso Augusto afirmou explicitamente:

- Não se faça de besta. Eu estou falando da que você escreveu para Lúdia e que ela me mostrou. Dizia que você gosta dela e tinha até um poema. Agora lembrou?

Sem ter mais argumentos para contradizer o primo Francisco confessou:

- Fui eu mesmo quem escrevi aquela carta. Mas por que ela foi mostrar justamente a você?

A resposta foi imediata:

- Porque estudamos juntos, na mesma sala, e ela sabia que a carta era de alguém do grupo. Foi meio complicado para descobrir quem era, pois na assinatura estava escrito “Cisfranco”, mas foi só separar as sílabas e pô-las em ordem diferente que ficamos sabendo que era você, admirador secreto!

João estava perto, também participou da conversa e sabia da paixão do irmão por Lúdia, disse:

- Você demorou muito, só de bater o olho já dava para saber quem era.

Francisco entrou na brincadeira e confirmou, no entanto guardava uma magoa em seu coração, uma chateação

pela nova paixão de sua vida, ele a considerava suficientemente capaz de descobrir que a carta era dele sem pedir ajuda a ninguém, sem levar isso à outra pessoa. A magoa pode ser fruto dos atos que não gostamos das pessoas de quem gostamos.

Certo dia Francisco resolveu comprar um Tau para dar de presente a Lídia, ele tinha um que foi dado por seu irmão mais velho, João, e gostava muito dele e esperava que ela gostasse também. Iria lhe entregar quando fosse à aula de Crisma, já que Lídia estudava comunhão no horário anterior. No primeiro dia ela não compareceu a aula, no domingo seguinte ele hesitou e acabou não entregando o presente, havia pensado no alerta que seu amigo Paulo lhe fez certo tempo, no terceiro não pôde comparecer pois tinha um compromisso que o JUBUC assumiu e ele deveria também participar, no domingo após o evento mais uma vez não teve coragem de entregar o Tau. Durante esse período de indecisão Augusto lhe pediu o Tau, porém ele se recusou alegando que o mesmo já tinha dono, ou melhor, dona. Depois de pensar muito Francisco finalmente deu o presente a Lídia, pensou até em lhe falar algumas coisas, principalmente a despeito do que estava sentindo por ela, só que não foi isso que aconteceu, simplesmente entregou, olhou no rosto dela, baixou a cabeça e, sem coragem de lhe falar, saiu mudo, entrando logo em sua sala. Paulo observou e viu o que o amigo havia feito e sentando ao seu lado perguntou-lhe:

- O que você deu a Lídia foi um Tau?

Reflexivo e compenetrado Francisco respondeu?

- Foi sim.

O colega o reprimiu duramente interrogando:

- Acha mesmo que ela merece?

Ele, então, esclareceu:

- Não sei, sinceramente, eu não sei.

Nesse ano Francisco se matriculou para estudar a noite, porque em seu colégio não tinha 3º ano de manhã e sem opção teve que ir para o noturno. Uma noite quando voltava da escola sozinho, pois seu irmão João, que perdeu um ano e agora estudava com ele, não pôde ir à aula, encontrou com Lídia, que também estava estudando a noite, mas em outro colégio. Ela ia para casa pelo mesmo caminho que ele, e, como este estava à frente, resolveu reduzir a velocidade de seus passos, a fim de poderem conversar. Mesmo a moça estando acompanhada por uma colega, ele não deixou de lhe falar, com isso acabou chegando a uma conclusão a qual, a princípio, não queria ter chegado. Diante dele não estava a garota meiga e simpática por quem se apaixonara, apenas a casca dela, vazia, sem nada daquilo que lhe excitou o sentimento. Não sabia o que pensar e ficava se interrogando:

- Será que me enganei?
- Cadê o seu sorriso doce?
- Onde está aquele olhar puro e sincero?
- E aonde foi parar minha paixão?

No seu longo processo de reflexão diante do assunto acabou se definindo em acreditar que não gostava mais dela. Lídia não era mais sua paixão, pois não era a mesma por quem se apaixonou ou talvez toda aquela imagem tivesse sido apenas fruto da imaginação, uma ilusão bonita e agradável que infelizmente acabou. Os frutos da decepção são a tristeza e a melancolia.

A Mudança

Depois de tanto tempo, Francisco estava livre de paixões, seu coração e sua mente não se atinham a ninguém em especial, se dedicava ao grupo, a escola e ao trabalho apenas. Por vezes havia um vazio em seu íntimo, depois de longo tempo e três paixões seguidas, sem pausa alguma para refletir a

despeito de seus sentimentos, era natural se sentir assim, mais pelo hábito que propriamente pelo sentimento. O alívio era bastante satisfatório, foi frustrante não ser correspondido, sofrendo a dor e a angústia de gostar sem ser retribuído. Agora tinha a oportunidade de pensar nas experiências passadas, e o fez, e concluiu como sendo maravilhosos aqueles sentimentos que lhe tomara, no entanto, as conseqüências advindas da não reciprocidade eram traumáticas. Em meio a toda essa reflexão deu como conclusão última, nesse momento, que o sentimento idealizado como grandioso não poderia se equiparar a nenhuma daquelas paixões que deturparam seu coração, era bem maior, era isso que desejava sentir e viver um dia, um sentimento sem egoísmo e feito de plena doação. Queria poder amadurecer antes de lhe ser invadido o âmago por algo de tão grandiosa proporção, não desejava mais sofrer as decepções de emoções supérfluas e passageiras. Sentia-se livre, liberto daquilo que o conduzia ao sofrimento e a instigante dor da frustração. O pensar sobre o profundo da realidade sentimentológica nos conduz a conclusões excelsas a despeito das verdades intrínsecas do coração.

Francisco estava tranqüilo e bem por não estar apaixonado, não poderia nem se quer imaginar o andamento que sua vida iria tomar. Era feliz aquele momento, sorria mais, conversava mais com os amigos e discutia menos, deixou de se aborrecer como se aborrecia. Seu coração sentia-se em paz e sua alma aliviada, não lhe incomodavam as responsabilidades, considerava leve o peso de seus a fazeres. Momentos de serenidade são importantes para manutenção do coração.

Francisco já a muito tinha por Clara uma certa proximidade, desde alguns meses depois de se integrar ao JUBUC se tornaram amigos e com o tempo passaram a andar juntos. Eles, Nívea e Vera freqüentemente estavam juntos, vez por outra ainda Juliano e Iran, mas de fato, mesmo não querendo admitir, possuía laços mais fortes com Clara que com

os demais. Em muitas oportunidades estavam eles lá, à porta da casa de Nívea a conversar, por vezes bobagens, em outras coisas sérias, mas dificilmente se viam aborrecidos ali, era como um lugar especial, onde os problemas que tinham podiam ser discutidos, no entanto não os afetava. Iam pra ali normalmente ao saírem das reuniões do grupo e também aos domingos depois da praça, para onde se dirigiam depois da missa da noite, ficavam bastante tempo conversando e aos poucos se dispersavam, ficando no final apenas Francisco e as garotas, em certas oportunidades só ele e Clara, as primas Nívea e Vera entravam para dormir, dificilmente Francisco era o primeiro a sair. Mesmo não sendo parente de Nívea, Clara dormia na casa dela, eram amigas há muito tempo e por morar no bairro Santa Maria e não o Pinheiro, praticamente todos os fins de semana dormia por ali. A amizade é um bem precioso, uma semente cultivada que deve ser cuidada a cada dia.

Por ocasião desse período, tendo superado suas paixões por Lúcia, Fábria e Lídia agora se prendia mais aos amigos. E quando estava se aproximando o aniversário de Clara ele resolveu lhe dar algo especial. Após pensar muito se decidiu por um presente meio extravagante, esperando agradá-la: enviou-lhe uma muda de rosa juntamente como um cartão felicitando-a. Nesse cartão ele colocou um poema feito exclusivamente para essa ocasião:

Quando

Quando seus olhos tocaram meus olhos
num instante marcante
meu coração palpitou

Quando seu sorriso invadiu meu coração
num momento exato
ele se alegrou

Quando seus braços envolveram meu corpo
num gostoso abraço
me pude ver feliz

Quando percebi que éramos amigos
num pensamento contente
te desenhei meu tesouro

O resultado obtido com essa atitude foi positivo e até melhor do que se esperava. No domingo que seguia o aniversário dela, após a missa, na praça, ela agradeceu. Na verdade ela pretendia agradecer no sábado antes ou depois da reunião, só que ele não pôde comparecer. Na praça, então, ela chegou feliz e sorridente, se dirigiu a ele dizendo:

- Obrigado. Gostei muito da muda de rosa que me deu e adorei o cartão, foi lindo o que escreveu.

Feliz, Francisco correspondeu-lhe o sorriso e dirigindo-lhe o olhar aos olhos falou:

- Isso é tão pouco diante do que você realmente merece.

Ela então o abraçou, em seguida, sorrindo, observou-lhe no olhar contente e depois lhe beijou carinhosamente a face esquerda e posteriormente a direita. Esse gesto foi amável, mas deixou Francisco perplexo e o lotou de dúvidas e confusão, não sabia o que pensar daquilo. Ao ir pra casa, deitado na cama e olhando para o teto se repetia:

- Só foi uma forma de agradecimento, só isso. A palpitação no meu peito é só pela emoção, só pela alegria de tê-la feito feliz com o presente que dei, não pode ser mais que isso, é bobagem pensar outra coisa.

Ao envolver-se nos braços dela e sentir seus corpos juntos não podia sentir nada de mais, como aconteceu, era normal se abraçarem por serem amigos. No gesto do olhar

enternecido já havia algo diferente, nenhum mal nos olhos dela, mas talvez uma má compreensão nos dela. Ao beijá-lo, Clara parece ter despertado em Francisco algo de novo, um sentimento diferente, obstante da amizade que hora sentira e não possuía compreensão do que era, esse gesto tão simples e aparentemente tão belo foi crucial, geratriz de uma mudança radical. Os gestos mais singelos dão origem aos sentimentos mais belos.

Francisco não conseguia admitir pra si o que acontecia, não queria acreditar no que agora sentia, tinha medo, receava perder a amizade, ficar distante de quem já gostava tanto. Lhe era estranho imaginar uma mudança tão radical em seus sentimentos, a todo o momento negava o que por vezes achava ser obvio, não aceitava, dizia que era só impressão, não era nada do que pensava. Criou-se um conflito, a clareza e a sobriedade lhe faltaram com relação ao assunto, negava sentir o que sentia, lutava contra o que sabia não venceria, tentava não pensar em quem não esquecia. Gestos vãos, razão alguma havia pra isso, por que fazer aquilo se de nada adiantaria? Se confrontar com o coração é entrar em briga já perdida.

Já não havia noite em que entre seus pensamentos não pairasse a imagem da simpática e cortês amiga. Difícil era também não ligar isso as palavras de Bela, garota que participou de somente uma reunião do JUBUC e mesmo assim o deixou marcado com a frase que escreveu no ar com seus lábios, incrustando-as na mente e no coração de Francisco: “No meio de duas pedras pode nascer uma flor, de uma grande amizade pode surgir o verdadeiro amor”. Essa ligação lhe parecia obvia, ainda mais tendo Clara ao seu lado ao ouvi-la e tendo-lhe dirigido a fala:

- Não nos ocorrerá isso, não é?

Ele respondendo que poderia ser, mesmo não imaginando, naquele momento, o que lhe iria ocorrer. Parecia que o que não esperava, mas não rejeitou, estava acontecendo.

Era difícil não dormir com ela na mente e a lembrança dos beijos que recebera da garota sua amiga por quem dedicava tanta afeição, que pareceu ter transbordado e se mutado em algo novo e desconhecido aquilo que sentia. Tão complicado era se deitar sem nela pensar que em muitas noites, atormentado, demorava a pegar no sono, era difícil fechar os olhos sem vê-la, sem rever diante de si a cena da qual fizera parte, sem relembrar o beijo, sem desenhar os lábios lhe tocando o rosto e o sorriso lhe iluminando os olhos. A mente sucumbe aos anseios sentimentais.

Pela manhã, ao levantar, parecia acordar decidido, às vezes em procurar esquecer do que sentia, ignorando seus sentimentos, em outras por assumir tudo que lhe ocorria. No entanto, ao decorrer do dia parecia acontecer um embaraço em suas idéias e a resolução que lhe parecia firme se flexibiliza a ponto de se perder. Até arrumar o leito e dobrar a coberta parecia resoluto, mas a partir do momento que no banheiro colocava a escova na boca entrava em reflexão e começava a contestar a decisão até então assumida, no café não sobrou mais nada de certo, a dúvida estava novamente implantada em seu ser e era isso que havia nele em todo o decorrer do dia. Diante de um sentimento inesperado a dúvida é o mais certo e angustiante.

Nas reuniões do JUBUC era inevitável relembrar o fato ocorrido, ao adentrar o salão e ver Clara, sua amiga, era como reviver aqueles momentos. Seu coração batia forte e seu olhar enternecido se prendia àquela que já a muito desfrutava de sua afeição e agora era objeto de um sentimento bem mais profundo. Ao saírem, ela e Francisco, do encontro do grupo, iam para a casa de Nívea e ficavam a porta conversando. E conversavam sobre diversos assuntos, expunham suas idéias, sorriam, brincavam, mas também falavam sério, sobre sonhos, desejos e principalmente sentimentos. Porém ele não tinha coragem de dizer o que afligia sua alma, não se abria com ela,

ainda não havia certeza em sua mente, apesar da convicção cada dia mais firme em seu coração. A grande verdade é que ele não queria acreditar no que lhe tinha acontecido, não aceitava a mudança que havia ocorrido. Só dúvidas lhe cobriam os ombros reunião após reunião, missa após missa, quando se viam, ele se enchia de confusão. Em seus delírios, por vezes achava que o sorriso alvo dos lábios de Clara era para ele. Estava com medo de si e do que sentia, apavorado e com o coração exprimido, temendo perder a amiga por gostar dela demais, mais do que achava dever. Dúvida e medo andam juntos tentando, em vão, sufocar os sentimentos que regem a alma.

Se aproximando o dia de receber o Crisma, Francisco pensou em convidar Clara para ser sua madrinha. Ponderou bastante antes de decidir e, por fim, resolveu escolher o amigo e colega de grupo Juliano como padrinho. Na celebração do sacramento, realizada no ginásio de esportes da cidade estavam todas as paróquias de Raio de Luz, Clara também estava lá, foi madrinha de uma outra pessoa. Depois da celebração da Confirmação vários amigos vieram cumprimentar Francisco, como Paulo, que estudou para receber o sacramento com ele, Pedro, coordenador do JUBUC, que foi padrinho de uma outra pessoa, e também Clara. Ele estava muito feliz porque estava com seus amigos e principalmente por estar ali alguém que gostava tanto e achava muito especial. Os melhores momentos da vida são os compartilhados com as pessoas de quem se gosta.

No final daquele mesmo ano haveria a colação de grau de Francisco, ele hesitou muito antes de se resolver e convidou Clara para ser sua madrinha de formatura. Ela aceitou feliz o pedido, o que o deixou bastante contente. A realidade é que não deixava de pensar nela e, apesar de ainda não admitir, já tinha ciência de seus sentimentos, e foi em nome disso que quis a honra de tê-la como sua madrinha no encerramento desse

período escolar. Claro que não foi isso somente, também o fato de considerá-la sua melhor amiga até então. A bem da verdade é que não desejava participar da colação de grau, mas por insistência da mãe, Noémia, e de João, seu irmão, que se formaria junto com ele, resolveu se integrar à cerimônia. Com tudo isso também via uma ótima oportunidade de ficar perto de Clara que já agora gostava bem mais que antes. Nem sempre a razão toma a decisão, às vezes o coração intervém e a supera.

No dia da formatura, que seria na catedral diocesana da cidade, logo em seguida à missa, João e sua madrinha se dirigiram juntamente com Francisco a casa de Nívea, onde estava Clara, para dali seguirem para o local da cerimônia. Clara estava linda, com um suave batom nos lábios e um elegante vestido longo azul, seu cabelo estava preso atrás com uma mecha solta por sobre a orelha direita. Diante de tal visão, mesmo com a pressa que estava, Francisco se achou deslumbrado perante tamanha graça e elegância, boquiaberto em vista de tanta exuberância, pasmo por ter a frente de seus olhos algo tão esplendoroso, extasiado pela felicidade de ver tão grandiosa beleza centrada numa só pessoa. Já no lugar do evento não se cansava de tecer elogios à madrinha, chegando até a lhe dizer ser ela a mais bela das ali presentes, se achava bem alegre, não deixava de sorrir momento algum em que esteve ao lado dela, sendo retribuído com um sorriso meigo e doce. A felicidade se faz de coisas simples, estar junto de quem se gosta é uma delas.

Francisco não parou de sorrir em momento algum da cerimônia de formatura, na hora da entrada seus olhos brilhavam e os de Clara também, ou talvez apenas refletissem o brilho dos dele. Ele participou da missa e em seguida, na colação de grau, estava muito contente. O momento mais alegre foi quando recebeu o certificado de conclusão do segundo grau e o anel de formatura, o qual sua madrinha, depois de o cumprimentar com os formais beijinhos no rosto e

um afetuoso abraço, colocou-lhe no dedo, em seguida ele a conduziu ao lugar dela e voltou ao seu. Depois que acabou, eles foram para casa. Francisco e João foram na frente de carona com alguns colegas para se trocarem, Clara foi com os pais deles. João foi para a festa de formatura do colégio junto com um amigo, Francisco preferiu participar da festa que um colega que também era membro do JUBUC organizou. Francisco, depois de tomar um banho esperou seus pais chegarem e com eles Clara, sua madrinha de formatura, para irem os dois pra a festa, no entanto ela não chegou com Noémia e Clóvis. Perguntando, o garoto soube que Clara tinha ido direto para a festa. Ao saber, o jovem ficou confuso e triste e foi ao local da festa, chegando lá a viu e falou com ela, perguntou o porquê dela não ter passado em sua casa, a resposta obtida foi de que não sabia que ele iria. Francisco ficou bem chateado com aquilo e mesmo tendo permanecido ao lado dela praticamente toda festa não conversaram muito. Ao saírem da festa os dois juntos mais Nívea e Vera, a deixou na casa da amiga e, sem se despedir, foi para casa cabisbaixo e irritado. É horrível quando uma grande alegria é frustrada e se torna pranto.

No dia seguinte, domingo, ele acordou mais tarde que de costume, estava exausto, passou quase todo o tempo pensando no que lhe havia acontecido, toda a alegria que tinha sentido seguida de uma tristeza enorme. Pensava nela e o mar em seus olhos transbordava, formava o curso de um rio em sua face, as lágrimas emergiam de seu coração transpassado pela dor, dilacerado pela tristeza. Quando alguém se aproximava secava o rosto, limpava o nariz e se perguntassem dizia que era o cansaço e a noite perdida que o deixava com os olhos vermelhos e inchados. Por sofrer tão grande desalento, naquele dia preferiu não ir à missa, usando como desculpa o desgaste da noite anterior. Fugir dos problemas não é modo de

solucioná-los e fugir dos sentimentos não é jeito de deixar de senti-los.

No sábado seguinte ele foi à formatura de Juliano, seu padrinho de Crisma. No domingo após a missa foi à praça com os amigos como de costume, mas mesmo Clara estando lá e sabendo todos como eram apegados não conversou com ela. Quando saía para casa a garota quis falar com Francisco, no entanto ele apressou seus passos sem deixar que ela lhe dissesse coisa alguma. Na reunião do grupo seguinte a esses fatos não se falaram, mas no domingo, quando saíam da praça, depois desse período de silêncio e indiferença, ela quis saber por que ele não a atendeu na semana anterior quando queria lhe falar. Ele desconversou e pediu desculpas pela grosseria e acompanhou Clara até a casa de Nívea, conversaram um bom tempo e depois se despediram com um abraço e trocaram sorrisos. É bobagem o indiferentismo aos sentimentos, eles não desaparecem, apenas se intensificam.

Francisco já não continha o sentimento que guardava no peito. Resolveu revelar ao colega de trabalho Adson, pediu sua ajuda novamente para solucionar esse problema que afligia seu coração. Francisco, com o apoio de Adson, confeccionou uma carta para enviar a Clara. Nessa relatava longa e detalhadamente o que sentiu por Lúcia, Fábria e Lídia, as atitudes tomadas em virtude das emoções que nele se manifestaram, se confessou bobo pela insistência em mostrar o que sentia sempre da mesa forma e se declarou covarde pela incapacidade de falar direta e abertamente de seus sentimentos. Apesar de apresentar isso num comprido discurso, o que se seguia era ainda mais extenso, nessa parte descreveu com certa riqueza em detalhes e com traços emotivos os fatos que fez do que sentia por ela mais que uma simples amizade. Falou do cartão que a deu no aniversário, do beijo de agradecimento recebido certa noite na praça, da palpitação de seu coração em cada olhar e em cada sorriso. Relatou sobre o seu desejo de a

fazer sua madrinha de Crisma e da desistência. A cerca do episódio da formatura fez diversas explicações, desde a motivação em tê-la ao seu lado, passando pelas emoções vividas, indo até a tristeza e o sentimento de abandono do fim da noite. Se confessou desmerecedor do afeto dela e dizia-se inapto a ter correspondido sua ânsia sentimental.

- Não mereço que sintas por mim o que por você sinto. Dizia ele.

Em conclusão se pode dizer que sua intenção ao deflagrar cada palavra ao papel era de somente levá-la a ciência de seus sentimentos. Terminado o texto da carta, a recheou de adornos e enfeites, tudo no intuito de impressionar a Clara e de fazê-la compreender a dimensão do que naquela folha de papel estava escrito. A poesia do coração faz a beleza da vida desabrochar.

Não quis enviar a carta de imediato, ansiava que pudesse estar o mais perto possível da perfeição, por isso, quase que diariamente a lia e relia, modificava termos e buscava adequar os adornos pra que com o texto formassem um conjunto harmônico. Além disso, havia momentos em que a dúvida corria-lhe a alma e uma cisão entre razão e emoção insurgia dentro de si. Ele precisava ter certeza absoluta antes de fazer o pretendido, a fim de não arrepender-se após o ato. Diferente das vezes anteriores, em que só deixou seus sentimentos falarem, queria dar uma oportunidade ao seu lado racional se manifestar à cerca desse assunto. Seu maior medo era de perder a amiga que tinha e não de ser rejeitado como das vezes anteriores, temia que ela se afastasse em virtude do que sentia. É normal a dúvida quando se pode arriscar perder o que já se tem.

No final do ano houve a eleição de uma nova coordenação para o JUBUC, entre os membros eleitos estavam Clara e Paulo. Francisco ficou satisfeito em não ter assumido nenhum cargo à frente do grupo, achava que seria difícil ver

Clara tão constantemente, já que teriam que se reunir com frequência se estivesse na coordenação. Também considerava que o excesso de proximidade saturasse o bom relacionamento que tinham. Ele estava feliz em continuar sendo apenas mais um simples membro do grupo. O medo das responsabilidades é natural diante do receio de assumi-las.

No início do ano seguinte a nova coordenação assumiu o JUBUC pretendendo implantar uma nova forma de trabalho, menos centrada e mais participativa. Cerca de três meses depois o grupo entrou em crise, pela cobrança que havia em relação às responsabilidades, diversos membros abandonaram o JUBUC, muitos se queixando dos que estavam à frente. Esse complexo momento vivido não afetou somente aos rotineiros participantes ou àqueles que só iam para os encontros, mas chegou até a coordenação. A frente do JUBUC não sabia o que fazer diante da situação vigente, alguns pensavam até em deixar seus cargos e até sair do grupo. Nesse aspecto, Clara foi bem incisiva e firme ao afirmar:

- Não vou abandonar o grupo nesse momento tão difícil. Não quero estar entre os responsáveis pelo fim do JUBUC. Se todos nos esforçarmos poderemos superar essa situação tão complicada.

Isso serviu para reanimar todos os demais a continuar o trabalho. Mesmo assim a crise não acabou por aí, com o discurso breve e otimista de Clara. A verdade é que só restaram os membros mais fiéis e ativos daquele grupo de jovens, talvez os que estivessem mais insatisfeitos com a situação. São nas horas difíceis que se descobre com quem se pode realmente contar.

Esse período foi realmente duro para todos. O número de participantes se reduziu bastante, os trabalhos se tornaram cada vez mais difíceis de serem realizados. Duas pessoas em especial sofreram muito com o que acontecia, Paulo e Francisco. Depois de uma difícil reunião, ambos conversaram

bastante à porta da casa de Paulo, discutiam sobre aquele período em que estavam vivendo. Era um momento triste para Paulo, estando na coordenação sofria muita cobrança e a pressão sobre ele era insuportável. Francisco consolava o amigo e reconhecia a dificuldade e a dor pela qual ele passava. Nessa discussão, Francisco revelou sua decepção com os membros da coordenação, pela rigidez com que vinham ao grupo fazer cobranças, quando não demonstravam disposição para ir à frente. Paulo entendeu o que o amigo quis dizer e a quem se referia:

- Você fala de Clara. Ela mudou muito desde que entrou para a coordenação. Agora é grosseira e áspera com todos, mesmo sabendo que é duro estar à frente não deveria se comportar assim. Francisco, você gosta dela, não é? É por isso que fala desse jeito?

Francisco não tinha contado ainda ao amigo o que sentia por Clara. Depois do que ouviu, confessou que realmente gostava dela. Seu sofrimento era duplo, porque passava por uma crise e pelo sentimento de decepção que machucava seu coração e era provocado por alguém de quem tanto gostava. Paulo disse a Francisco que Clara era uma garota maravilhosa, mas que atravessava um momento delicado. Após ter dito isso cogitou sua saída do JUBUC, declarando não suportar mais a situação. Francisco o apoiou dizendo que estaria ao lado dele na decisão que tomasse. A amizade verdadeira é um tesouro que nos ajuda a superar as situações mais adversas.

No domingo, já na praça, Paulo foi conversar com Clara, ia entregar seu cargo, não queria falar na reunião, só que todos soubessem depois. Ela conversou muito com ele e pediu que não deixasse o grupo e nem a coordenação, disse que seria preciso a colaboração de todos para que o JUBUC não caísse. Clara esclareceu que o período pelo que passava era complicado, mas abandonar a todos seria um ato de covardia.

Ela se desculpou pelo comportamento ríspido, pois não imaginava as conseqüências advindas disso, ao mesmo tempo julgava necessário porque não queria que todas as responsabilidades ficassem por conta somente da coordenação. O comprido diálogo entre os dois surtiu efeito positivo, apesar de não concordar em diversos pontos com Clara, Paulo resolveu prosseguir à frente do grupo e não deixou seu cargo. É mais importante fazer o que se precisa ao que se quer.

Passado esse complicado episódio, Francisco finalmente decidiu mandar a carta que havia feito para Clara. A longa correspondência, na verdade um extenso relato, foi enviado em companhia de um belo quadro que o garoto comprou, mais uma foto da formatura, que a jovem pediu, e um lindo vaso de crisântemos brancos. A carta se findava com uma poesia.

Meu coração

Um lugar especial,
você ao meu lado,
um sorriso e um beijo
e meu coração era seu.

Grande alegria comemorava,
sua mão a minha tocava,
meu olhar em você se perdia
e meu coração palpitava.

Profunda tristeza de mim se apossou,
uma lágrima em meu rosto rolou,
você longe estava
e meu coração só chorava.

Te revelei o que sinto,

não sentes o mesmo por mim,
devo te esquecer,
mas meu coração não quer.

Um Novo Sentimento

Tendo Clara recebido a carta de Francisco, onde este declarava seus sentimentos à garota, ela se viu obrigada a responder de algum modo e, seguindo o exemplo dele, escreveu-lhe uma carta. Três folhas de caderno escritas a mão e entregues pessoalmente ao jovem na reunião do JUBUC que se seguiu ao episódio da entrega das flores. Nas diversas pautas, Clara prestava diversos esclarecimentos, além de dizer que sentia por não poder corresponder aos sentimentos de Francisco, também revelando o fato de até então não ter se apaixonado por pessoa alguma, comentava naquelas linhas que não gostaria que ninguém se apaixonasse por ela se não tivesse certeza de poder haver reciprocidade e encerrava pedindo para que aquela carta fosse queimada ou rasgada. Não podemos mandar no coração e é melhor que seja assim mesmo.

Ao ler as palavras de Clara, Francisco ficou feliz por ela ter se importado e escrito pra ele, mas estava triste também, achava que suas palavras pra ela foram muito duras e não merecia ter lido aquilo e pelo fato dela não ter conhecido ninguém que lhe despertasse um sentimento semelhante ao que sentia por ela. Em resposta a um trecho do primeiro parágrafo da carta da garota onde dizia se achar covarde por não ter coragem de falar nada que precisava pessoalmente e, por isso, estava escrevendo, ele disse que não é covardia revelar o que se sente, mesmo que para isso seja necessário pôr no papel, seria sim deixar tudo em oculto por medo e ainda que se aquilo fosse covardia ele era um covarde. Mesmo tendo ela pedido para dar um fim à carta, ele a guardou e disse que só faria isso se ela

fizesse o mesmo com tudo que havia lhe dado. Tudo o que foi dito por Francisco em resposta a carta de Clara foi colocado num papel e entregue a ela. Às vezes é difícil abrir a boca pra falar o que precisamos, por isso, muitas vezes fazemos uso de outros recursos.

Depois dessa troca de correspondências entre Clara e Francisco, eles ficaram um bom tempo evitando se falar, principalmente ele. A decepção com o grupo era grande e o jovem pensava em sair. Nesse período ocorreu algo desagradável, a saída de dois membros componentes da coordenação, eles se mudaram de Raio de Luz em busca de trabalho em outra cidade, com isso houve a necessidade de se elegerem membros substitutos para os que estavam indo embora. Francisco dessa vez foi um dos eleitos, a princípio pensava em recusar, mas sentindo a necessidade de poder ajudar o JUBUC resolveu aceitar o cargo para o qual o elegeram.

Ele sabia que constantemente teria que se reunir com Clara, já que ela também era integrante da coordenação, isso o machucava muito, pois, por mais que se esforçasse, não conseguia deixar de gostar dela. As reuniões da coordenação eram tensas, as divergências de opinião eram freqüentes, algo quase natural, normalmente isso terminava do jeito que iniciava, senão pior, cada um com sua idéia sem ceder em nada aos demais, no final parecia tudo uma perda de tempo, enumeravam diversas pautas e não conseguia fechar nenhuma. Essas discussões deixavam todos desgastados e até chateados uns com os outros. Por mais que tentassem se acertar, raramente chegavam a um consenso geral. Freqüentemente Francisco discordava das colocações de Clara, o que obtinha como produto uma desagradável seqüência de contraposições, isso o machucava, pois seu sentimento por ela não tinha mudado e a entristecia, pois o considerava como um amigo. A verdade é que ele buscava contrariá-la a fim de se magoar, pois

nem sempre era contra o que ela pensava, mas também queria que a garota lhe desse razões, pois ele desejava algo mais bem elaborado que uma simples opinião. Francisco acreditava que os constantes fracassos obtidos pela coordenação eram frutos de uma medíocre elaboração de idéias e Clara já achava que era pela pouca mobilidade, pois se todos se esforçassem daria tudo certo, segundo ela. Enquanto o garoto trazia a responsabilidade para a coordenação, a jovem lançava-as a todo o grupo. Divergências de opinião podem gerar conflitos, por isso, se deve buscar o equilíbrio.

Em meio a tudo isso, Francisco vinha se distanciando cada vez mais dos membros do grupo, só o que parecia lhe importar eram as decisões que precisava tomar, os encontros gerais do JUBUC já não eram atrativos, parecia exausto daquilo, não tinha mais ânimo e evitava participar, se isolava dos demais e ia por se sentir obrigado como membro da coordenação. Mas aconteceu uma coisa inesperada, Silvia, uma garota que há pouco tempo havia entrado no grupo foi pouco a pouco se aproximando dele. No início se falavam pouco, ele achava estranho, pois o ideal era que ele a fizesse se sentir bem em estar ali, no entanto acontecia o contrário, ela o foi ganhando aos poucos. O momento em que Francisco e Silvia realmente se tornaram amigos foi quando, ele estando de posse de seu caderno de anotações, ela o pegou das mãos dele e começou a folhear, encontrou alguns poemas ali escritos e terminando de ler lhe disse:

- São muito bonitos. Foi você quem escreveu?

Respondeu espantado o jovem:

- Fui eu sim.

Ela continuou:

- Gostei muito, você têm outros para que eu possa ler?

Meio acanhado ele disse:

- Acho que sim, depois eu trago pra você ver.

Ela sorriu e falou:

- Ótimo! Vou ficar esperando.

Isso foi no início de uma reunião do JUBUC, durante toda a reunião ele olhava para ela, no término ela se dirigiu até ele e se despediu:

- Não esqueça de trazer o que eu te pedi semana que vem, tá. Tchau!

Ele sorriu e durante a semana juntou alguns de seus poemas e levou no sábado para mostrar a ela. Silvia leu e gostou muito. Assim quase toda semana ele levava alguns para ela ler, às vezes recém escritos, isso depois que ele ficou um bom tempo sem escrever, desde a carta que mandara a Clara. Agora havia algo que lhe dava motivação para escrever, alguém que valorizava esse seu talento. Precisamos de pessoas que nos estimulem a fazer o que sabemos, nem sempre o fato de gostar é suficiente.

Certo dia ele estava pensando e pôde perceber o quanto Silvia em tão pouco tempo se tornou importante para ele. Ela o tinha alegrado e estimulado com aquilo que ele gostava de fazer que era escrever poesias, ou versinhos, como a modéstia o permitia. O talento dele era óbvio, só que apenas Silvia, até então, parecia ter se dado conta disso. Poucas pessoas lhe haviam feito elogios por seus poemas, mas não era por menos, ele não gostava de os exibir, somente algumas vezes mostrava aos amigos, normalmente Paulo e Adson é quem tinham essa oportunidade. No entanto, mais que simples comentários, a jovem Silvia lhe dava estímulo, não só com palavras, mas principalmente com gestos, com o olhar, a carícia, o abraço. Talvez fosse disso que ele estivesse precisando, sentimentos espontâneos e verdadeiros, já que a sua inspiração vinha disso e que havia se abalado desde que entrou em conflito consigo mesmo ao discutir constantemente com aquela de quem tanto gostava.

Silvia foi uma espécie de trégua para Francisco com ele mesmo, raramente se mantinha sério ao lado dela. Ela era

alegre, espontânea e, quem sabe por isso, muito engraçada, já ele buscava ser sério e racional e essa diferença entre os dois poderia ser o que os aproximava, no entanto as resistências dele se quebravam e se abria um sorriso no rosto. Era quase que sagrado pra Francisco levar um poema seu àquela que tanto o alegrara e o havia feito voltar a se animar com o grupo. Uma certa vez para agradecer pela renovação que tinha trazido pra sua vida ele escreveu um poema a homenageando, o primeiro.

Saiba

Sem você eu agora poderia estar triste
isolado num canto sozinho
talvez pensando se a vida realmente vale a pena

Mas você está aqui
e do meu lado te ver não espulgo
só posso compreender que é bom estar aqui

É bom estar vivo
pois se não fosse assim
não te conheceria

Poder te ver e desfrutar o seu sorriso
ter sua amizade e o seu carinho
são presentes que só posso agradecer
pois não os mereço

Saiba
você é especial pra mim
obrigado por você existir

Quando entregou a ela, disse que essa foi a forma que encontrou para agradecer por tudo que ela havia feito por ele e que mesmo assim era muito pouco. Ela ficou feliz ao ler e saber que fora escrito para ela e não se contendo o abraçou e disse:

- Sou eu quem não te mereço!

Depois do abraço, trocaram um sorriso e se olharam com ternura. Existia algo de especial entre os dois, uma certa afinidade que não se podia explicar e também não interessava essa explicação, o importante é que se gostavam muito e dentro desse sentimento havia a admiração mútua e isso os unia cada dia mais.

Um certo domingo após a missa, como de costume, os membros do JUBUC foram à praça, nessa noite Francisco resolveu acompanhar Silvia até sua casa, até aí nada de novo, já que havia feito o mesmo algumas vezes depois da reunião, deixara de acompanhar Clara a casa de Nívea já a certo tempo, antes mesmo de Silvia começar a participar do grupo. Mas ao invés de simplesmente se despedirem, Silvia e Francisco ficaram conversando sentados à porta dela. Falaram sobre vários assuntos e evitaram as gargalhadas, pois já era tarde e não queriam incomodar os vizinhos. O tempo passou depressa, mas os dois nem notaram, ambos se sentiam contentes com a presença do outro. Um certo momento as risadas ficaram de lado e o silêncio se fez presente, o garoto se sentia feliz simplesmente pelo fato de poder estar ali com alguém tão especial, mas precisava ir para casa, porém, antes mesmo de se levantar, a jovem, com um tom de voz sério e uma expressão facial serena cortou a quietude ambiente:

- Sabe qual é o meu sonho desde que eu era criança? É ser freira.

Espantado e confuso ao ouvir isso ele olhou para ela e exclamou:

- Freira?!

Ela prosseguiu:

- Sim, Freira. Normalmente as meninas quando são pequenas gostam de brincar de casinha, chamando suas bonecas de filhinhas, mas comigo era diferente, gostava de pegar os lençóis de casa e usar como se fosse um hábito. Sempre que via na igreja ou na televisão alguém vestido assim me dava vontade de também estar usando aquela roupa.

Ele estava bastante surpreso com aquela revelação, não imaginava que ela desejava algo assim. Ficou calado sem dizer nada, até que a garota indagou:

- E você, qual o seu sonho?

E antes que ele abrisse a boca para responder, ela disse:

- Espere aí! Já sei! Você quer ser um grande escritor, não é?

Ele, agora com o rosto tão sério como o dela havia ficado antes, respondeu:

- Não sei. Tenho que confessar que há algum tempo tenho pensado em escrever um livro, mas não em ser um escritor famoso, nem nada disso. Só queria publicar meus poemas para que outras pessoas possam ler e de certa forma deixar um pouco de mim nesse mundo. Mas um sonho não sei se tenho, não consigo planejar as coisas a longo prazo, normalmente dão erradas. Escrever esse livro talvez seja apenas um desejo e não propriamente um sonho.

Ela sorriu e disse:

- Entendo. Muitas vezes essa mesma incerteza bate dentro de mim, fico me perguntando se é isso realmente que eu quero. Só que eu sei que quando a gente quer muito alguma coisa temos que lutar por ela. Posso até estar enganada, mas o que agora para você não passa de um desejo logo vai se tornar o grande sonho da sua vida.

Ele desejava muito continuar a conversa, no entanto o horário já era avançado, sabia que seus pais ficariam preocupados e ao se levantar foi logo se despedindo:

- Bem, a conversa está muito boa, mas tenho que ir pra casa, já é tarde.

Ela completou:

- Está certo, eu também preciso ir dormir.

Assim que estavam de costa um para o outro, ela falou uma última frase:

- Dizem que existem três coisas realmente importantes na vida de uma pessoa: a primeira é Deus, e as outras duas são o seu sonho e o seu grande amor.

Ele concordou com a cabeça e ela adentrou o portão. De repente ele parou e olhando para ela sorriu e disse:

- Boa noite!

Depois disso, ela entrou e ele foi para casa. No caminho não deixou de pensar na última coisa que a garota havia dito. Outra coisa que não lhe saía da cabeça era o sonho dela de ser freira.

- Por que freira? Não parece combinar com ela, que gosta de dançar e costuma usar roupas curtas e se comporta de uma forma tão extrovertida, como poderia pensar em se tornar freira?

Mas revelava sua surpresa:

- Realmente ela me surpreendeu, não imaginava que o sonho dela era esse, mas fico feliz por ela, é algo muito bonito.

Quando se deitou na cama, sem sono, olhando pro teto, pensativo, repetia pra si mesmo:

- Por que freira?

Apesar disso e do comportamento dela e mesmo achando que a maioria do grupo não levaria a sério aquilo, ele acreditava que Silvia tinha vocação. Ele dizia pra si mesmo:

- Ela é extrovertida, mas é muito sensível e inteligente também, mesmo que a maioria não perceba isso. E pode não

parecer, mas ela é bem madura, apesar de diversas vezes demonstrar um comportamento infantil.

A semana toda pensou na conversa do domingo, dessa vez não escreveu nada, mas nem por isso deixou de levar alguma coisa pra ela. Copiou alguns de seus poemas preferidos, escritos por diversos autores. Ela gostou muito e como forma de agradecer lhe deu um terno abraço e um carinhoso beijo no rosto.

Ele pensava que podia estar começando a gostar dela, afinal ela havia trazido muita alegria pra ele e inspiração pra sua poesia. Mas quando olhava pra Clara se confundia, entrava em contradição. Na verdade ele estava encantado por Silvia, porém ainda gostava de Clara.

Com o tempo o fato de Silvia e Francisco andarem juntos acabou gerando desconfiança por parte dos demais membros o que resultou em uma brincadeira. Os colegas de grupo, nos momentos de descontração ficavam insinuando que eles estavam namorando, o que não era verdade apesar de aparentar, pois andavam abraçados e se acariciavam. Os dois levavam tudo com bom humor, entravam na brincadeira e até fingiam demonstrar ciúmes e outras emoções de um casal. De qualquer forma, eram muito grandes e fortes os laços que os unia, de tal forma que às vezes até parecia ser verdade o que os outros diziam. Talvez até mesmo Clara acreditasse que agora Francisco gostasse de Silvia, pois já a muito não se falavam, quem sabe achasse que por causa de Silvia ele a havia esquecido. Um grande engano, porque mesmo fascinado como estava com sua nova amiga e colega de grupo, Francisco não deixou de sentir por Clara o que lhe declarou na longa carta que escrevera há certo tempo e que lhe foi entregue com flores e outros presentes.

Algum tempo se passou e Silvia começou a namorar Juliano, amigo e padrinho de Crisma de Francisco. O que deixou o jovem confuso, afinal se queria ser freira porque

aquele comportamento? Mas ponderando concluía que era besteira ficar se atendo a isso. Ela era sua grande amiga e o fato de estar namorando seu padrinho não era importante e sim o forte laço que os unia.

Apesar disso sentia um certo ciúme, chegando até a achar que pudesse realmente estar apaixonado por ela. Isso o deixava ainda mais confuso, pois continuava a gostar de Clara. Na verdade o que ele realmente estava sentindo era a falta da atenção que sua amiga lhe prestava, que agora era direcionado, em parte, ao namorado.

O relacionamento entre Silvia e Juliano durou alguns meses e nesse período Francisco sentia-se abandonado, deixado de lado. Quando podia conversar com a amiga, normalmente estavam em três, o que não o deixava completamente relaxado, pois além de desejar conversar a sós com ela, ainda sentia que pudesse estar atrapalhando o casal, isso o desconfortava bastante.

Tendo terminado de forma amigável o namoro, os três continuavam sendo bons amigos. Nesse momento Francisco queria muito esquecer Clara, pensou até em pedir Silvia em namoro, pois além da grande afinidade que tinham, ele se sentia muito atraído pela garota. Imaginava que se comesçassem a namorar, ele passaria a gostar ainda mais dela e o sentimento por Clara desapareceria. Recebeu o apoio de Paulo e até de Juliano. No entanto ele sentia-se mal, receava estar querendo apenas usá-la para esquecer quem tanto gostava. Além disso, não queria perder a amizade dela como havia acontecido com Clara. Imaginava que ela não aceitaria pelos mesmos motivos.

Após muito cogitar e refletir decidiu fazer uma coisa: Mandar um presente no aniversário dela. E assim o fez. Mandou entregar um lindo ramo de lírios junto com um bilhete onde dizia:

- Adoraria ter me apaixonado por você, não consigo imaginar ninguém melhor para direcionar esse sentimento.

Confesso que me sinto muito atraído por você, gosto muito desse seu jeito maluco, mas sei que o que sinto não é o que gostaria, sei porque gosto muito de uma outra garota, nesse momento talvez nem ela merecesse tanto isso de mim quanto você, mas não mandamos em nossos corações. Sinto-me feliz por ter te conhecido e agradeço muito por sua amizade, pois ela é muito importante pra mim. Talvez se te conhecesse antes tivesse me apaixonado por você, mas é melhor que seja como é, às vezes esses sentimentos atrapalham uma boa amizade. Muito obrigado por ser minha amiga, muito obrigado por você existir.

Junto ao bilhete seguia um poema.

Te conhecer

Teu sorriso é o Sol
nas trevas do meu coração,
seu olhar é o céu
onde direciono minha visão.

Te conhecer foi um prazer,
uma grande alegria que não posso medir,
uma satisfação que não consigo descrever.

Sua amizade é um tesouro
que guardo dentro de mim.
Fico feliz por você realmente existir.

O Sonho

Silvia ficou muito emocionada com o bilhete que Francisco lhe escreveu e feliz em ter recebido o presente dele e também pela poesia que havia feito pra ela, assim que se

encontraram no encontro do JUBUC se deram um abraço forte e demorado e ela agradeceu:

- Obrigada! Eu nunca recebi nada tão lindo assim.

Ele riu com satisfação e brincou:

- Do que você está falando? Dos lírios, do bilhete ou do poema?

- Ora! – Disse ela. De tudo, seu bobo!

- Que bom! – Exclamou o jovem. Era tudo um presente só mesmo!

E continuou:

- Fico feliz por ter gostado.

E deixando o abraço e sorrindo disse:

- Eu te adoro, sabia?

Com os olhos semi-úmidos ela não se conteve e se atirou contra o corpo dele novamente o abraçando:

- Eu te adoro também. – Disse ela.

E entrando de mãos dadas no salão se sentaram juntos, ele a beijou no rosto e ela fez o mesmo com ele. Passaram toda a reunião trocando carícias e palavras doces, pareciam realmente um casal de namorados. No entanto, não era nada disso, a realidade é que os sentimentos se haviam intensificado e tinham a necessidade de expressá-los dessa forma.

Ao terminar a reunião, ele a acompanha até sua casa. Sentando-se à porta se indagavam a razão de se gostarem tanto, se conheciam há tão pouco tempo e mesmo assim ficaram tão próximos. E num determinado instante ele declamou com grande eloquência:

- Talvez porque somos como somos. Quem sabe nossas almas sejam feitas de um mesmo material. Pode ser que tenhamos nos encontrado no lugar e no momento adequado. Ou a necessidade que tínhamos um do outro. Também pode não ser nada disso, é possível que não haja razão alguma, porém o importante realmente é o que sentimos e por si só basta.

Depois de ter dito isso, ele sorriu e suas palavras a fizeram sorrir também. Despediram-se com um abraço longo que desejaram que não se acabasse que queriam que fosse eterno.

No domingo após a missa lá estavam eles, sentados juntos a porta da casa de Silvia e ela indagou:

- Francisco, você acha que eu tenho vocação pra freira?

Ele calou-se por uns instantes, aparentemente buscando as melhores palavras, até enfim as encontrar:

- Sim. Acredito que você tenha tudo o que é necessário para isso: o coração, a disposição e muita vontade. Mas por que me pergunta?

E, com um olhar sério, ela responde:

- É que nem sempre meu comportamento condiz com isso, acho que as pessoas, ao menos em sua maioria, iriam rir de mim se lhes revelasse esse meu sonho. Talvez me sentisse ridícula se ao me abrir quanto a isso recebesse como resposta às gargalhadas dos outros.

Sentindo a necessidade de apoiá-la, Francisco o faz:

- A opinião dos outros, quanto a isso, não é importante, se esse é o seu sonho tudo que falarem como forma de te desanimar você deve transformar em incentivo, em força para poder alcançar o que deseja. Não foi você mesma quem disse que quando queremos muito uma coisa devemos lutar por ela?

Ela sorriu e concordou:

- Você tem razão, obrigada por me apoiar.

Eles se abraçaram e Francisco disse:

- Quando precisar, Silvia, saiba que pode contar comigo, viu?

- E você? – Indagou ela:

E a jovem esclareceu:

- Já descobriu seu sonho?

O garoto ficou alguns instantes reflexivo, até que respondeu:

- Sim. Você tinha razão, meu sonho é ser um escritor e você quem me ajudou a descobrir isso.

E tendo silenciado alguns instantes, continuou:

- Pretendo reunir tudo que já escrevi e escrever ainda mais e quando estiver tudo pronto vou procurar de alguma forma publicar.

E apertando ainda mais o abraço em que estavam e reclinando sua cabeça sobre o ombro da garota concluiu:

- Quando fizer isso vou te dar um exemplar do meu livro. Tá bom Irmã Silvia?

Ela docemente sorriu e, tendo se desfeito o abraço, disse:

- Sim, senhor Francisco!

Ambos se levantaram, deram um forte abraço e se despediram trocando sorrisos. Os dois estavam muito contentes e buscariam, cada um, realizar seus sonhos.

Como disse pra Silvia e prometeu pra si mesmo, Francisco começou a reunir seus poemas, copiou todos em um caderno e começou a escrever outros. Parecia mais tranqüilo, seus sentimentos por Clara por vezes se via exposto no que escrevia, mas estava sereno, não se sentia atormentado por eles, Silvia influenciou isso, a amizade e a companhia dela lhe deram estabilidade emocional, se sentia feliz por tê-la o apoiando e isso parecia se refletir em cada verso composto. Um exemplo é um poema que a princípio escrevera pensando em Clara, mas que achava combinar com o que sentia por Silvia também.

Seu toque em minha face

Seu toque em minha face
é tão meigo e singelo,

seus dedos transcorrem meu rosto,
sua mão me acaricia.

Seu toque em minha face
é como um momento único,
não consigo esquecer,
e também não quero.

Seu toque em minha face
é como a carícia de uma flor,
o soprar da fresca brisa,
o calor do dia a aquecer-me.

Seu toque em minha face
acompanhado de seus olhos nos meus,
seu sorriso que desabrocha um em mim,
me anseia a vontade de tocar sua face.

É claro que esse não foi o único. Às vezes pensava que seus sentimentos se misturavam, no entanto, ao analisar bem, percebia que estava escrevendo poemas neutros, ou intermediários, pois se encaixavam a situações diferentes, isso o deixava feliz porque conferia universalidade ao que escrevia, porém ficava preocupado, sentia-se mecanizando sua poesia, achava que o que ganhara em qualidade técnica e generalidade perdera em sentimento e expressão, mesmo assim continuava a escrever, e ansiava a inspiração que pudesse reunir os elementos de sua nova e antiga forma de escrever a fim de compor um poema que o deixaria satisfeito e que poderia ser o mais importante para a futura publicação de seu livro.

Tentou várias vezes, diversos versos compunha, no entanto nenhum o estava agradando, ele não conseguia escrever como queria, a combinação das palavras não saía a seu gosto. Por vezes pensava consigo mesmo se perdera o dom, a

capacidade de escrever. Quando se encontrava com ele, Silvia lhe punha um sorriso no rosto e o animava dizendo que não deveria ser tão exigente consigo mesmo, que a inspiração viria e ele iria escrever o poema que tanto desejava. Francisco ficava feliz com o apoio e o incentivo da amiga e tentava abrandar seu coração para que pudesse esperar a inspiração que lhe daria um belo poema.

Ele conseguiu escrever muitos e belos poemas, mas ainda assim não conseguiu se satisfazer. O que chegou mais próximo de o contentar foi o seguinte:

Conflito em mim

Meu coração transborda de lágrimas
se derrama em meus olhos quando te vejo
atônico eu fico
perdido por ter você por dentro.

Te vejo em meus sonhos
em cada noite bem ou mal dormida
em todo cochilo
e até mesmo acordado.

Já não domino meus pensamentos
você está neles a cada momento
seu nome ecoa em minha mente
e tirá-la de lá não consigo.

Se apossaste de mim
ao menos o meu sentimento por ti
pois cada pedaço de mim me lembra você
e quando me olho no espelho é teu rosto que vejo.

Apesar de não ter conseguido compor o que ansiava, foi reunindo e copiando seus poemas, na ordem que achava melhor. Pediu então a seu amigo Adson para ajudá-lo a digitar seu pretense livro. Quando parecia estar tudo pronto eis que veio a tão esperada inspiração e dessa as frases que findariam o livro com grande estilo.

Ah Senhora!

Ah Senhora, és tão bela e formosa,
gosto tanto de ti
e tu nem um pouco de mim.

Ah Senhora, por que tem que ser tudo assim?
Meu coração te pertence,
mas o teu não pertence a mim.

Ah Senhora, sabes o que quero?
Tocar tua face, beijar o teu rosto e abraçar o teu corpo
perder-me completamente em ti.

Ah Senhora, meus olhos são teus,
mas os teus não olham pra mim,
não vêes o pranto que encharca meu rosto.

Ah Senhora, que sorriso é esse que tens?
Uma luz tão forte irradia,
chega a iluminar-me por dentro.

Ah Senhora, e teu olhar o que é?
Me transpassa com fulgor,
fico encantado com a ternura que tens.

Ah Senhora, tu me fascinas,

teu encanto me extasia
és tão linda.

Com essas palavras encerrou seu livro. O poema pelo qual esperava possuía a técnica que a pouco desenvolvera e a força expressiva que parecia, até então, ter perdido. Estava feliz com o poema que fizera e, com isso, o sonho do livro estava pronto. Agora o próximo passo seria buscar publicá-lo.

Recorreu então à prefeitura, procurando a secretaria de educação da cidade. Os responsáveis por ela lhe deram pouca importância, olharam com desdém a capa que fizera para o livro e o título do mesmo: “Meus Primeiros Poemas”. Alguns chegavam a indagar a razão daquele título, no que Francisco respondia com um sorriso que era porque esperava poder escrever outros. Ninguém deu a menor importância ao livro, não chegaram nem ao menos a abri-lo, não por falta de insistência, o jovem pediu diversas vezes que lessem o que ele havia escrito, porém pessoa alguma da secretária quis ler, a arrogância e a presunção os levavam a crer que um garoto com aspectos tão singelos e um modo de falar tão simples não seria capaz de escrever poesias que merecessem ser lidas por eles, por isso, não se deram ao trabalho, olharam a capa com desprezo e devolviam o “livro” como quem diz que aquilo não presta. Literalmente julgaram o livro pela capa e o jovem autor dele também do mesmo modo foi considerado.

Buscando as gráficas de Raio de Luz, tentou negociar a publicação do livro, mas nenhuma aceitou imprimir exemplares esperando receber assim que fossem vendidos. Além disso, o rapaz não poderia pagar a impressão para depois vender, o número mínimo que aceitavam imprimir era muito grande e isso bastante custoso para o pobre e jovem escritor.

Tentou falar com o seu chefe, mas, como o trabalho da empresa não tinha nada a ver com o que ele desejava, foi lhe dada pouca atenção. O chefe só se limitou a dizer que

procurasse a prefeitura, que falasse com a secretária de educação da cidade, nisso Francisco respondeu ao chefe que já o havia feito sem resultado algum, o secretario nem se quer o recebeu e todos na secretária de educação o trataram de forma rude. O chefe disse sentir muito, mas que não poderia fazer nada, o garoto cabisbaixo saiu da sala com o seu livro em mãos, não disse palavra alguma.

Nessa mesma época a empresa onde Adson, Paulo e Francisco trabalhavam teve problemas financeiros. Diversos funcionários foram dispensados, entre eles Paulo, e estava se cogitando entre demitir Adson ou Francisco. Ao saber da situação, Francisco tratou de procurar sua chefia imediata e colocar seu emprego a disposição, com isso saiu da empresa, facilitando a permanência do amigo. Mas ele não saiu só por isso, também havia uma grande mágoa em relação a seu chefe que não deu importância nenhuma ao livro que queria tanto publicar, desfez, como todos os outros que foram procurados, do sonho do pobre rapaz.

Para se consolar de tudo, Francisco buscou os braços e o colo da amiga Silvia que o ajudou a superar todo esse sofrimento, tanto o da perda do trabalho quanto o mais importante, a frustração de seu sonho. Mas a grande verdade é que apesar de gostar muito dela ele queria ter o abraço e o consolo de Clara, no entanto, não o buscava, não tinha coragem para isso, estava querendo deixar de gostar tanto dela e isso só o faria ter mais afeto e carinho. Os seus amigos de grupo também o ajudaram muito, principalmente Paulo que também havia perdido o emprego e sabia como o amigo se sentia. Adson o procurou para conversar e ajudar a superar tudo.

Pouco tempo depois de todos esses problemas, houve a eleição de uma nova coordenação para o JUBUC. Todos estavam reunidos para escolher a nova liderança do grupo. Após a contagem dos votos os membros que estavam saindo da coordenação fizeram breves discursos ao passarem seus cargos.

Os discursos mais significativos foram justamente os de Clara, Paulo e Francisco.

Resumidamente Clara falou:

- Quero primeiramente pedir desculpas: A Deus, ao grupo e a mim mesma. A Deus porque foi ele que me permitiu poder conhecê-los e ter a chance de assumir a coordenação, mas ao invés de agradecer tornei isso um fardo e não um presente. A vocês, pois confiaram em mim, acreditaram que eu seria um bom membro a estar à frente do grupo, no entanto decepcionei vocês, fiz pouco caso da confiança e da esperança que depositaram em minha pessoa. Peço perdão a mim mesma por não ter feito o que me propus a fazer, por ter cobrado de outros as atitudes que deveria ter tomado, por ter sido egoísta ao olhar só o meu lado e não ter enxergado os problemas dos outros, por ter sido grossa ao tratar mal aos que me queriam bem, aqueles que só tentaram me ajudar e por não ter dado mais ouvido ao meu coração e só a uma razão burra que me ocorria ao desejar livrar-me dos problemas ao invés de resolvê-los. Peço desculpas e espero que a nova coordenação não cometa os mesmos erros que nós cometemos.

O discurso de Paulo foi logo após o de Clara:

- Bem, acho que ela já falou tudo, ou melhor, quase tudo. Tenho muito pouco a dizer. Só queria falar que fizemos o nosso melhor para o grupo, no entanto, o nosso melhor não foi o suficiente, deveríamos ter feito ainda melhor. Teríamos que nos organizar e planejar melhor nossas ações, mas ao invés disso fizemos tudo de improviso, e encima da hora nem tudo dá certo. Às vezes, nós da coordenação, dizíamos uns para os outros que se todos se esforçassem daria tudo certo, porém erramos nesse aspecto, não bastaria o esforço, se bem que muitas vezes não chegamos a ver esse esforço, mas tudo bem, quando se planeja mal não se consegue obter a motivação. Apesar disso não podemos dizer que fomos falhos em tudo, também fizemos coisas boas, é claro que essas são mais

difíceis de lembrar, afinal marcam pouco nossa memória. E pra encerrar essas palavras, que disse seriam poucas e acabaram se estendendo mais que o esperado, quero que, assim como a colega falou, que a nova coordenação não cometa os mesmos erros que a nossa, que ela busque se espelhar naquilo que fizemos de bom para o grupo. Obrigado!

Depois que todos falaram, chegou a vez de Francisco, ele foi o último, estava cabisbaixo e aparentemente triste, antes de começar seu discurso levantou um pouco a cabeça olhou para todos que ali se encontravam e fez uma pausa na coordenação recém eleita, deu um amarelo sorriso e falou:

- Parece que todos querem se desculpar. Eu queria começar agradecendo. Agradeço a confiança que depositaram em cada um de nós, mesmo que essa confiança tenha sido frustrada. Agradeço aos membros pelas vezes que deram apoio à coordenação, mesmo quando os decepcionamos. Obrigado por terem permanecido conosco até o fim. Temos sim, muito porque nos desculpar, erramos muito, mas não tenho vontade de enumerar as nossas falhas, porém desejo falar da causa que considero provocadora de todas elas. Me refiro a individualidade presente em cada um de nós, não buscamos fazer o que era o melhor para o grupo e sim o que cada um achava ser o melhor, muito poucas vezes entramos em acordo a cerca de alguma coisa, pois não pensávamos de forma coletiva, mas individual, queríamos nos autopromover e não ao grupo. Não podemos dizer que a coordenação foi mal escolhida, dentre os membros que a compõe estão pessoas bastante capacitadas que poderiam realmente fazer grandes progressos, no entanto, a arrogância e a presunção, carregadas dentro de cada um de nós, nos afastou disso e tudo acabou acontecendo como aconteceu. Diferente de meus colegas ex-membros da coordenação, não desejo que a nova coordenação não cometa os erros que cometemos e que acerte onde nós acertamos. Sei que ela terá seus próprios erros e também acertos, afinal é uma

outra coordenação, o que desejo é que ela seja ela mesma e que diferente de nós, trabalhe unida em prol desse grupo.

Encerrando, ele sorriu e agradeceu:

- Muito obrigado.

Passado algum tempo depois da nova coordenação ter assumido o grupo, Francisco, vendo que estava difícil conseguir um trabalho e sem ter conseguido publicar seu livro, pediu a seus pais que o ajudasse a ir a São Paulo. Pretendia se hospedar na casa de seu tio Juscelino, irmão de sua mãe, que morava em São Paulo há 25 anos. Ele tinha três motivos para ir embora: o primeiro era para tentar conseguir um trabalho por lá, o segundo era publicar seu livro e o terceiro tentar esquecer o que sentia por Clara. É obvio que só revelou os dois primeiros a seus pais, se bem que eles não levaram muito a sério o segundo. Noémia e Clóves, vendo que o filho falava sério, decidiram apoiar sua decisão e deu a ele a ajuda pedida.

Foi longo o período de preparação para a viagem de Francisco. Seu tio foi avisado, a passagem estava reservada, o espírito do garoto estava cheio de ansiedade e o de seus pais aflitos, mas sabiam que aquela viagem seria uma importante experiência para seu filho, ele amadureceria muito depois dela. Tendo comparecido a sua última reunião do JUBUC, Francisco comunicou a seus colegas de grupos a sua viagem na sexta-feira seguinte a maior cidade do país. Todos o abraçaram, Silvia chorou muito e disse que sentiria muito a falta dele e pediu que escrevesse, Nívea pediu o mesmo e que também mandasse cartas direcionadas ao grupo todo. Foi uma reunião emocionante em que Clara não compareceu. No domingo ele resolveu visitar alguns amigos, foi à casa de seu padrinho de Crisma Juliano, passou pela de Iran, viu Silvia e a confortou, pois chorava muito, se despediu de seu amigo e ex-colega de trabalho Adson e viu também Paulo. Na missa imaginava poder se despedir de uma pessoa especial e não sabia o que fazer,

pois já não se falavam há bastante tempo, no entanto Clara não foi.

Era quinta-feira, todos os seus amigos foram a casa dele se despedir pela última vez, os últimos a sair foram Adson, Paulo e Nívea. Ele pensou em perguntar a ela sobre Clara, afinal eram muito amigas, porém não teve coragem. À noite ele olhava o céu pela janela de sua casa e, enquanto apreciava a vista de uma bela lua cheia, seus pensamentos se detinham na pessoa de quem mais sentiu falta de se despedir e, ao mesmo tempo, de quem não gostaria de falar a respeito de sua partida. Um sentimento melancólico tomava seu coração, ele baixou a cabeça e quando tornou a erguê-la: Eis que diante dele estava aquela que fazia seu coração bater mais forte e que naquele momento palpitou mais forte que em qualquer outro. Clara estava diante de seus olhos e ele os esfregou com as mãos para que pudesse acreditar, parecia ser um sonho, era como se a lua tivesse atendido o desejo que ele havia feito em seu coração:

- Queria vê-la mais uma vez antes de ir embora. Só uma antes de viajar.

E ela estava na sua frente. Francisco paralisado de emoção e boquiaberto, não conseguia dizer nada, nem mesmo responder ao “boa-noite” de Clara, parecia estar em transe e só despertou quando sua mãe presenciou a cena e disse:

- Peça para a moça entrar, Francisco.

Ele fez o que a mãe sugeriu, no entanto Clara disse que não queria entrar, então ele resolveu sair e ficou a porta e conversou um pouco com ela. Nem parecia que há pouco tempo, quando ambos estavam na coordenação do JUBUC, viviam discutindo de forma muitas vezes exaltada. No meio da conversa Clara declarou:

- Vou sentir muitas saudades de você.

No que ele disse:

- Eu também vou sentir muito a sua falta.

Assim que Francisco terminou essa frase uma lágrima percorreu o rosto da jovem a sua frente. Ele esticou a mão até ela, tentou se conter, mas não conseguiu, enxugou com o dedo a lágrima e depois acariciou a face dela e comentou com os olhos já úmidos:

- É a primeira vez que te vejo chorar.

E ela, entre soluços, falou?

- É que é muito triste quando alguém que a gente gosta vai embora e não sabemos quando ou se vamos voltar a vê-lo.

Francisco não se conteve e a abraçou, seu rosto ficou todo molhado. Clara sentiu as lágrimas molharem suas costas e disse:

- Também é a primeira vez que te presencio chorando.

Ele pensou em dizer que já havia chorado muitas vezes por causa do que sentia por ela, mas com certeza isso estragaria aquele momento. Pensou também em dizer a ela que se pedisse, ele desistiria da viagem e ficaria. No entanto achou injusto pôr essa responsabilidade sobre ela. Imaginou ainda novamente dizer a ela, agora pessoalmente, o que sentia, porém ponderou e decidiu não fazer isso, seria constrangedor para os dois. Naquele momento ele preferiu só sentir o abraço dela e ouvir seus soluços, além de a abraçar querendo que o mundo parasse.

No dia seguinte embarcou no ônibus levando entre sua bagagem uma foto, a única que tinha de Clara. Uma atitude estranha, pois queria deixar de gostar como gostava dela. Sempre que olhava para a foto pensava nela e na forma como se despediram, das palavras ditas por ela, de suas lágrimas e do abraço. Durante a viagem nos intervalos entre dormir e olhar a foto de Clara, que eram bem curtos, ele escrevia, e como a viagem foi longa, ao final dela estava pronto um poema novo.

Partida

Uma tristeza tão grande recobre meu peito,
meu coração está aflito
e minha mente confusa.

Estou partindo
e me vou para tentar
deixar de gostar tanto de você.

Guardo dentro de mim uma esperança,
a triste esperança de um dia lhe esquecer,
apagar de minha alma o que sinto.

Vou sentir sua falta,
mas tentarei resistir à saudade,
só não sei se terei êxito.

Não deixo de pensar em seu abraço,
suas lágrimas, suas palavras
e seu sorriso quando nos despedimos.

Não paro de lembrar de seu beijo,
seus lábios tocando minha face
e me fazendo perceber um sentimento dentro de mim.

Gosto muito de você,
não sei se conseguirei lhe esquecer,
mas tentarei.

A Nova Vida

Chegando em São Paulo, Francisco foi recepcionado por seu tio Juscelino. Chegando em casa, tratou logo de tomar

banho, comer e ir dormir. Em sua primeira noite na capital paulista fez uma breve oração:

- Senhor, peço perdão se errei ao vir para cá. Me ajude a conseguir realizar meu sonho. Amanhã começarei uma nova vida. Obrigado por tudo. Amém.

Na segunda-feira foi com o tio até a sede de uma editora, Juscelino deixou Francisco lá e foi para o seu trabalho que era ali perto. O jovem recém chegado à cidade permaneceu por alguns minutos parado em frente à porta imaginando o que deveria fazer, até que uma funcionária, notando a admiração do rapaz diante do prédio, o convidou para entrar e perguntou se desejava algo. Ele engoliu a saliva e com o coração disparado gaguejou algumas palavras de forma incompreensível. Ela pediu para que ele se sentasse um pouco e se acalmasse antes de falar. Quando se tranqüilizou agradeceu e conseguiu se expressar melhor:

- Eu tenho alguns poemas escritos e gostaria de publicar.

A funcionária que o atendera ficou alguns instantes estática até que resolveu levá-lo até a recepcionista, ela leu alguns de seus poemas e resolveu encaminhá-lo até a secretária do diretor de publicações. Quando foi avisado por sua secretária, o diretor resolveu recebê-lo, porém o fez esperar um bom tempo. Ao adentrar a sala, Francisco estava bastante nervoso, via diante de seus olhos um executivo de meia idade com aspecto sério e bem vestido, com terno e gravata, ele porém era um menino, era como se sentia, com uma camisa de manga curta e calça jeans. O sério executivo pediu para ver os poemas do garoto, que pegou o livro e, tremulo, o entregou. O diretor de publicações leu os poemas enquanto Francisco ruía as unhas de tão nervoso. Assim que terminou de ler os versos feitos pelo rapaz que estava a sua frente, o sério homem devolveu-lhe o livro e explicou que infelizmente não poderia publicar seus poemas, pois a editora já tinha contrato com

muitos poetas e não teria condições de investir em um jovem desconhecido. Cabisbaixo e triste, Francisco ia saindo, até que de súbito adentrou a porta um homem estranho que, desconhecendo a presença do jovem, se dirigiu ao executivo lhe pedindo adiantamento pelo livro que estava escrevendo, um livro de poesias, aquele homem era um poeta. Francisco olhou aquele estranho homem por alguns instantes e depois saiu.

Ao sair, Francisco agradeceu a secretária, a recepcionista e a outra funcionária que o atendeu. Ele se dirigiu a uma praça próxima, se sentou num banco e começou a chorar.

De repente o estranho homem, o poeta, passou e o vendo chorar se dirigiu até ele e perguntou por que estava chorando. Francisco ergueu os olhos e vendo o homem percebeu de quem se tratava e, tendo lhe contado, mostrou-lhe o livro. O homem o convidou para tomar um sorvete, ele aceitou e enquanto desfrutava de um saboroso sorvete de morando o poeta lia os poemas. Tendo terminado sua leitura, aquele homem fez uma proposta a Francisco. Propôs pagar a ele uma certa importância a fim de ficar com os direitos de autoria daqueles poemas. Francisco se fez de desentendido e o homem foi mais direto, disse que era um poeta de prestígio e que pelo simples fato de assinar aqueles poemas significava que seriam publicados. Falou ainda que já tinha comprado poemas de outras pessoas, que aquilo era normal e ele deveria se sentir honrado com essa proposta. O jovem estava indignado, mas se controlando indagou:

- E seus poemas?

O homem deu uma gargalhada e respondendo disse:

- Que poemas? Nunca escrevi nenhum poema, não poemas bons. Meu irmão é quem escrevia, mas guardava no armário e não tinha coragem de mostrar a ninguém. Um dia eu peguei tudo que ele tinha escrito e consegui publicar, ganhei muito dinheiro com isso. Na verdade tenho alguns poemas em

meus livros, são bem poucos e a maioria não faz nenhum sucesso, mas com o talento de outras pessoas vou fazendo minha fama.

Francisco não suportou ouvir tudo isso, se levantou e saiu indignado. O homem então perguntou a ele, quando já se achava a porta da sorveteria:

- Então, vai pensar na minha proposta?

O jovem estava de costas, se virou e olhando com fúria para o falso poeta exclamou:

- Você é nojento! Não vou vender meu talento para alguém como você.

O homem então retrucou sarcasticamente:

- Muitos outros disseram a mesma coisa.

Francisco deu as costas e saiu furioso. Não conseguia entender como alguém poderia se deixar comprar de forma tão deprimente. Não compreendia como um poeta poderia deixar sua obra ser assinada por outro. Encontrou com o tio na hora do almoço. Quando foi indagado a respeito do livro, disfarçando sua tristeza, respondeu que não poderiam publicá-lo. Nisso Juscelino disse ao sobrinho que não desanimasse, nem desistisse, pois havia outras editoras na cidade e uma delas acabaria aceitando o livro dele. O rapaz ficou feliz ao ouvir as palavras do tio.

No dia seguinte, Francisco foi com os primos Jean e Edson, filhos de Juscelino, mostrar seu trabalho a outras editoras. Foi novamente rejeitado, algumas alegaram que aquilo estava fora dos parâmetros da empresa, pois eram editoras de livros didáticos, romances, livros infantis e outros, se quer aceitaram recebê-lo, sendo tratado diversas vezes com desdém. A noite, no jantar, disse ao tio que iria parar de procurar uma editora para publicar suas poesias, iria procurar um trabalho e tentar se estabelecer. Já quando estava na cama, sua tia Raquel, esposa de seu tio Juscelino, falou com ele que

não desistisse de seu sonho, no que ouviu isso, Francisco acalmou a tia dizendo:

- Não estou desistindo de meu sonho, só o estou adiando. Um dia eu ainda vou publicar esse livro.

A tia sorriu e se despediu com um “boa noite”. Apesar de tudo, Francisco dormiu com um sorriso no rosto, pois guardava a certeza de que um dia publicaria o seu livro. Também acabara de compreender a razão de talentosos poetas terem vendido suas poesias a um homem asqueroso como o que propusera comprar os seus, mas se sentia contente por ter certeza de que com ele não ocorreria o mesmo, não iria se vender, seu sonho não seria destruído.

Francisco passou o resto da semana procurando trabalho, mas apesar do esforço não conseguiu. No fim de semana ficou pensando em tudo que deixara pra trás: sua família, seus amigos e Clara, de quem tanto gostava. De certa forma era por Clara que estava ali, queria esquecê-la, deixar de gostar tanto dela, porém não conseguia. A cada dia que passava a saudade era maior.

Depois de um mês inteiro procurando, finalmente conseguiu achar um trabalho, o lugar era bem longe da casa do tio, tinha que pegar dois ônibus para chegar lá. O trabalho era numa fábrica de papel. Na verdade o papel propriamente dito não era produzido ali, mas apenas trabalhado, eram feitos cadernos, blocos de papel, cartolinas e diversos produtos feitos de papel. Ele trabalhava na montagem dos cadernos, perfurava e colocava as espirais, claro que também conhecia outras partes do processo e também outros setores da fábrica, mas era essa a atividade para a qual fora contratado. Achava divertido fazer aquilo, apesar de muito cansativo. No intervalo do almoço, como não poderia ir para casa, comia numa lanchonete próxima e escrevia seus poemas, os quais ia compondo na fábrica enquanto trabalhava.

Estava feliz, mas queria mais, tinha vontade de voltar a estudar, de fazer uma faculdade, então começou a estudar a noite depois do trabalho, em casa mesmo. No final do ano resolveu prestar vestibular para Psicologia e conseguiu passar. No início foi difícil se adaptar, afinal tinha que trabalhar pesadamente durante o dia todo e a noite frequentar a faculdade, não foi nada fácil. Os trabalhos da faculdade também não eram nada fáceis, era preciso sacrificar os fins de semana para poder fazê-los. No entanto, cada dia que passava, ele se sentia mais e mais vitorioso, pois apesar de muitos alunos que ali estudavam terem uma vida mais fácil ou confortável ele quem se destacava entre os melhores de sua classe. Só que não era somente nos estudos que se vinha reconhecendo sua capacidade, no trabalho também. Devido a sua eficiência, foi promovido a supervisor de produção e com a melhoria no ganho salarial resolveu alugar um modesto apartamento num bairro mais próximo do trabalho, na verdade ficava num ponto estratégico, entre a fábrica e a faculdade.

Morar sozinho exigiu de Francisco certos sacrifícios. Ele agora tinha que lavar sua roupa, limpar o quarto, fazer a própria comida etc. foi complicado até se organizar, precisava de móveis, eletrodomésticos e diversas outras coisas para poder deixar o apartamento arrumado. No fim tudo deu certo.

A cada dia que passava, seu conceito frente a gerencia da empresa crescia, sendo eleito diversas vezes funcionário padrão. Ele não era do tipo que só supervisionava, também ajudava a resolver os problemas. Como era bem quisto pela sua chefia, logo foi promovido a gerente de produção. Mas, mesmo com o aumento de suas responsabilidades, não deixou de lado a família, ia sempre ver o tio, ao menos uma vez por mês, nos fins de semana, ligava toda semana para os pais, também não parou de escrever seus poemas, e nem mesmo de gostar de Clara, mesmo não sabendo nada dela, pois quando ligava para os amigos evitava falar sobre ela, apesar de escrever sempre

pra Nívea não perguntava por Clara, achava que assim pudesse esquecê-la, o que não estava dando resultado algum. Na realidade seus poemas expressavam cada vez com mais força esse sentimento, o qual achou que desapareceria com a distância.

Passado o primeiro ano de trabalho, e na eminência das férias, pensou em ir visitar os pais, no entanto hesitou pensando em Clara:

- Como ela estará?

- Como me sentirei se voltar a vê-la?

- Não, não posso ir. Vim pra cá para esquecê-la, não posso voltar ainda sem êxito, não posso vê-la tendo fracassado, não sei como reagirei se me encontrar com ela de novo. Não, não vou.

E pensando assim desistiu da viagem, negociou suas férias com a gerencia da empresa e continuou trabalhando, deixou só 10 dias de folga para descansar. Cada vez mais era reconhecido pela empresa, sendo promovido a gerente de vendas. O proprietário da fábrica reconhecia seu esforço e trabalho e tinha nele um funcionário muito eficiente e capaz. Nessa época já havia comprado uma casa e, com isso, já não precisava pagar aluguel. Na faculdade estava tudo bem, era um dos destaques da turma e um exemplo para todos.

Certo dia o senhor Luiz Otávio, proprietário da fábrica onde Francisco trabalhava, o chamou até sua sala no intuito de conversar com ele. Disse ao jovem que estava surpreso com o crescimento dela na empresa e que precisava de mais pessoas como ele trabalhando lá e completou dizendo que precisava expandir a fábrica e, por isso, daria férias coletivas a todos os funcionários, inclusive os da área executiva. Como a fábrica não estava dando conta de atender aos pedidos era necessário aumentar a produção. Disse o senhor Luiz Otávio:

- Iremos aumentar a área de produção trazendo novos equipamentos, equipamentos mais modernos e também

gerando mais empregos. Só que não será só o setor de produção que irá crescer, a empresa como um todo vai se expandir e para isso também precisaremos de mais funcionários, foi por isso que chamei você aqui. Assim que a fábrica voltar a funcionar, precisarei que cada chefe de setor faça a seleção dos funcionários que trabalharão com eles, você sabe que o setor de vendas é muito importante, por isso exige um cuidado especial. Será necessário fazer vários testes para escolher os melhores funcionários. Bem, não é só isso. Sei que você é muito eficiente, mas quero que tenha um auxiliar, um subgerente, alguém para substituí-lo sempre que precisar, todos os setores serão assim. Nesse caso específico, de escolha de subgerente, fica a critério a forma de seleção, se quiser pode até chamar um amigo ou parente seu de confiança pra o cargo. Pense bem no assunto durante as férias, elas terão início assim que o mês acabar.

Francisco concordou, agradeceu e saiu da sala do proprietário e gerente-geral da empresa. Chegando em casa o jovem ficou pensativo: Quem poderia chamar para assumir um cargo tão importante? Os primos Jean e Edson já estavam trabalhando e gostavam muito do que faziam, o tio Juscelino era gerente de uma pequena loja e estava contente com seu trabalho, seus irmãos, João e Antônio, eram donos do próprio negócio. Francisco passou a noite quase toda pensando no assunto até que teve a idéia de chamar Paulo ou Adson, seus amigos de maior confiança, para trabalhar com ele. No entanto: Qual deles escolher? Então teve a clarividência de avaliar a situação em que estavam a fim de verificar quem deveria chamar. O que estivesse em situação financeira pior seria o escolhido, afinal queria também ajudar um amigo.

No dia seguinte, no trabalho, logo pela manhã, ao chegar em sua sala, Francisco foi novamente chamado à sala do gerente-geral da empresa, que assim que o recebeu pediu para que se sentasse e foi logo falando:

- Acabamos de firmar contrato com uma editora de livros nova. É verdade que os livros fogem um pouco dos nossos padrões, mas o dono da editora é muito meu amigo e com isso aceitei a proposta, eles irão equipar uma parte de nossa fábrica com máquinas para impressão de livros, nós entraremos com mão-de-obra, material e tudo mais que precisar, inclusive acessória se for necessário. Os livros serão de responsabilidade deles vender.

O jovem interrompeu:

- Então por que o senhor me chamou aqui se são eles que farão as vendas dos livros?

O experiente empresário prontamente respondeu:

- É simples, não te chamei aqui por ser o gerente de vendas de nossa empresa, mas por saber que compõe poemas. Como disse, o dono da editora é muito amigo meu. E como a empresa é nova ele resolveu lançar o projeto de investir em novos talentos da literatura e disse que se conhecesse alguém que escrevesse bem apresentasse a ele. Então, o que me diz? Não tem vontade de publicar um livro com seus poemas?

Francisco ficou paralisado de emoção, era o seu sonho tendo a chance de se realizar. Apesar da grande emoção, o jovem conseguiu responder, com dificuldade é claro, a indagação do patrão:

- É obvio que quero, seria a realização de um sonho publicar esse livro.

Ao ouvir isso, o patrão deu um sorriso e disse:

- Ótimo, vou entrar em contato com ele e marcaremos data e horário.

Francisco agradeceu:

- Obrigado, muito obrigado mesmo!

Francisco passou o dia todo com um sorriso nos lábios. No fim do dia o patrão ligou pra ele avisando que havia marcado para a segunda-feira pela manhã o horário de apresentá-lo ao dono da editora que poderia realizar seu sonho.

Durante o fim de semana reuniu todos os poemas que havia escrito até a época em que chegou a cidade e juntou aos novos que compôs depois. Na segunda-feira estava tudo pronto. Francisco chegou ao trabalho mais cedo que o normal, estava muito ansioso e, por isso, não conseguiu ficar em casa, não suportava ficar em sua sala esperando para ser chamado, também não conseguiu se concentrar no trabalho, andava de um lado para o outro. Quando o telefone em sua mesa tocou parecia que o seu coração tocou junto. Era o chefe, o amigo dele estava esperando na sala para falar com Francisco. O jovem foi correndo e chegou ofegante ao local, foi apresentado ao homem, o senhor Henrique, que olhou os poemas do rapaz e se agradou muito com o que leu. Francisco estava tremulo e suava frio. O senhor Henrique então disse:

- É, meu caro amigo Luiz Otávio, estamos diante de um grande talento, esse menino Francisco é genial, são muito bons seus poemas.

Francisco lisonjeado sorriu. O homem continuou:

- Jovem, falarei com os responsáveis pela área e eles entrarão em contato com você a fim de assinarmos um contrato com você. Como já sabem, a produção dos nossos livros começará após a reforma dessa fábrica, mas eu te garanto uma coisa: Seu livro será o primeiro que iremos imprimir e pôr a venda.

O rapaz não conteve a alegria e abraçou aquele homem que havia lhe dado a felicidade de realização de seu sonho. Depois de agradecer, passou seus dados pessoais a fim de dar andamento ao contrato. Quando chegou em casa, tratou logo de espalhar a notícia, ligou para os tios, para os pais, para os amigos e, como não teve coragem de ligar para Clara, escreveu para ela. Em um dos trechos da carta ele dizia:

“Como minha felicidade é muito grande não consigo calar essa vontade de lhe dizer. Sei que a cada dia busco te esquecer, tirar de dentro de mim o que sinto, até então vãs

minhas tentativas. No entanto, nesse momento não me posso calar, foi por você muitos dos versos que estarão nesse livro e, por isso, te agradeço.”

Algumas semanas depois, o contrato estava assinado, o sonho de Francisco estava pra se realizar. Depois de alguns dias, a fábrica entraria em férias coletivas. Ele decidiu tomar coragem e viajar para Raio de Luz. Queria rever a família e os amigos e também Clara e conhecer melhor o que sentia por ela. Além disso, tinha a missão de escolher o subgerente do seu setor de trabalho.

Ao chegar em Raio de Luz, Francisco teve a grata surpresa de saber que Paulo iria se casar. O amigo era gerente de uma grande loja e, ao encontrar com Francisco, tratou logo de lhe dar um abraço e dizer que era uma grande alegria a presença dele, pois iria mandar o convite para o amigo, mas como havia chegado pôde entregar pessoalmente. A noiva era uma garota que já participava do JUBUC na época em que Francisco saiu, seu nome era Rita. Perguntando ao amigo por Clara, ele disse algo que enubleceu o olhar de Francisco:

- Ela está namorando um rapaz, eu acho que é bem sério. E ele parece ser muito legal.

Sem conseguir disfarçar a tristeza Francisco disse:

- É mesmo? Que bom. Fico feliz por ela.

O amigo percebendo a situação o consolou:

- Você ainda gosta dela, não é? Mas não fique triste porque você ainda vai encontrar a garota certa.

Tendo agradecido, Francisco terminou a conversa com Paulo e procurou Adson. Deu um sorriso ao encontrar de novo o amigo, que cumprimentou pelo livro que publicaria. Durante a conversa, Adson contou a Francisco que ainda estava na mesma empresa em que trabalharam juntos e que até então não havia conseguido nada melhor. Então Francisco convidou Adson para trabalhar com ele, era excelente, já que Paulo

estava numa situação boa de vida e até iria se casar, não precisaria tanto do trabalho quanto Adson.

No casamento de Paulo, Francisco reviu vários amigos de grupo e de Pastoral da Juventude, além de outros. Clara também estava lá, ao lado do namorado. Apesar de a ter evitado durante a cerimônia e também na festa, a garota se dirigiu até ele, apresentou o namorando Ronaldo e o parabenizou pelo livro dizendo:

- Fiquei muito feliz por saber que vai publicar um livro, seu sonho vai se realizar.

O coração do jovem parecia que ia rasgar seu peito de tão forte que batia. Ao ouvir as palavras pronunciadas de forma tão doce por aquela jovem, ele só pôde reclinar a cabeça e dizer:

- Alguns sonhos se realizam.

Ela percebeu a quem ele se referia e com o olhar meio entristecido saiu com o namorado. Francisco ficou se recriminando por dentro, sabia que não deveria ter dito aquilo. Durante a festa ele também procurou por uma certa pessoa: Silvia. E perguntando por ela aos amigos teve a grata surpresa de saber que ela havia entrado em um convento. Era o sonho dela, afinal iria realizar, como ele realizava o seu. A muito não recebia uma carta dela. Logo que chegou a São Paulo era quase sagrado escrever uma carta por mês para ela e receber uma também. Na última carta que havia recebido dela, cerca de cinco meses, havia um trecho que só naquele momento pôde compreender.

“Um sorriso alveja o meu rosto, meu coração está cheio de alegria, irei em busca de algo que tanto desejo. Tenho certeza, encontrarei a felicidade e procurarei transmitir a todos a meu redor.”

Só agora ele tinha percebido que a amiga se referia a sua partida ao convento, era essa alegria que carregava no peito

e iluminava seu rosto, iria para o convento se tornar freira, a fim de levar Deus aos mais necessitados de sua luz.

Nessa festa, aproveitou para mostrar a Adson quem era Clara e confessar ao amigo que, apesar de tanto tempo ter se passado, ele ainda gostava dela e ainda mais que antes. O amigo o consolou sem dizer nada, só colocou sua mão sobre o ombro de Francisco e o olhou nos olhos.

A festa estava quase no fim, Francisco e Adson já haviam se despedido do casal, quando a noiva resolveu jogar o buquê, nesse momento Francisco, que já estava bem afastado, olhou para trás, o buquê caiu nas mãos de Clara, que olhou para o namorado que estava ao seu lado e recebeu dele um forte abraço. Francisco, que observava tudo a distância, fechou os olhos com pesar e tristeza, permanecendo nesse estado por alguns segundos, depois abriu novamente seus olhos e acompanhou Adson até sua casa, combinaram de comprar as passagens a fim de poderem viajar logo, depois Francisco seguiu solitário até a casa de seus pais refletindo sobre tudo, sobre o amigo que iria trabalhar com ele, sobre o amigo que acabara de casar, sobre Silvia e principalmente sobre Clara e o que sentiu ao vê-la de novo. À noite, em casa, não conseguia dormir, a mente dele estava cheia e confusa, pensava achar que gostava muito de Clara, mas aquela noite o fez perceber que gostava bem mais do que imaginava.

O Livro

Quando chegaram a São Paulo, Adson e Francisco trataram logo de se preparar para o trabalho. Ambos estavam muito ansiosos. Adson porque iria começar a trabalhar em um novo lugar e Francisco por levá-lo, além de que os primeiros exemplares de seu livro seriam publicados. O título do livro era “Meus Primeiros Poemas”. Ele tinha reunido poemas desde a época em que começara a compor.

Francisco ficou muito emocionado ao ver o setor de produção começar a fazer seu livro. O senhor Henrique também estava lá e cumprimentou o jovem:

- É, meu caro, hoje começa a história desta editora de livros, e com ela a sua de poeta ganha voou, porque ela já começou há bastante tempo e você só precisava de uma chance para mostrar a todos o seu talento. Tenho certeza que esse livro será um sucesso.

Francisco tornou a agradecer-lo:

- Tenho muito que agradecer ao senhor e ao patrão que acreditaram em mim a ponto de publicarem esse livro.

O senhor Henrique deu um sorriso e saindo disse:

- Não tem que agradecer, nós lucraremos muito com seu livro.

Adson estava feliz com o trabalho e morava com Francisco temporariamente. Os dois eram muito amigos e se davam bem. Com seu trabalho, mesmo longe, Adson ajudava sua família.

Passou-se um mês desde que a fábrica voltara a funcionar. Havia diversos pedidos a serem atendidos, mas o que tomava maior atenção era o lançamento do livro de Francisco. Apesar de não querer nada de especial, ele teve que aceitar a grande festa feita, pois não se tratava apenas de um livro seu que iria para as livrarias, era um momento novo para a empresa, que crescia, e o nascimento de uma nova editora de livros que surgia no mercado e queria se apresentar a ele.

A festa foi no galpão da fábrica em meio às diversas máquinas, pois a intenção era mostrar o ambiente onde os livros foram produzidos e para que esse sentimento fosse mais verdadeiro todos os funcionários das duas empresas parceiras foram convidados a comparecer junto com seus familiares. Francisco convidou sua família e amigos, porém ninguém pôde comparecer, somente seu tio Juscelino, sua tia Raquel e os primos Jean e Edson, que moravam lá mesmo. Ele ficou muito

contente com a presença deles, pois não pôde vê-los desde que chegara, devido aos preparativos da reabertura da fábrica e publicação do livro. Ele os apresentou ao seu amigo Adson, a seu chefe, o senhor Luiz Otávio, e ao proprietário da editora que publicara seu livro, o senhor Henrique, e também diversas outras pessoas.

Na festa também compareceram diversas autoridades e representantes de diversas organizações, principalmente ligadas à cultura, além, é claro, a imprensa, que contava com diversos repórteres, vários fotógrafos e muitas câmeras. Toda essa agitação deixou Francisco nervoso, pois quando o anunciavam como autor daquele livro todas as atenções se voltariam para ele.

Quando começou a cerimônia de apresentação do livro foi contada, pelo senhor Luiz Otávio, a história da pequena fábrica que beneficiava papel que cresceu e precisou de mais espaço e mais funcionários, gerando diversos novos empregos e que um dia resolveu fazer uma parceria com uma empresa que era nova, mas que tinha potencial para ser tão grande como ela. Nesse momento o senhor Henrique se apresentou e a sua empresa dizendo:

- Essa nova editora que surge veio para abrilhantar o mercado com o talento de novos escritores, jovens de fato ou de coração que, até então, não haviam sido contemplados com a merecida oportunidade. Mas era preciso encontrar um local adequado, mão-de-obra especializada e material de boa qualidade. E foi com essa parceria que se conseguiu tudo isso, e até mais, pois além de espaço adequado, mão-de-obra especializada e material de ótima qualidade para produzir os livros, ainda encontramos o que daria sentido a tudo, alguém, um jovem, capaz de compor versos que enchem o papel de sentimento, até isso encontramos nessa parceria. Foi um funcionário dessa fábrica que a pouco será apresentado quem escreveu esse livro, foi esse jovem.

Nesse momento Francisco subiu e se colocando ao microfone, sorriu e agradeceu a salva de palmas de todos os presentes, que causava um grande eco nas paredes de fábrica e que dava a impressão de multiplicá-las diversas vezes mais. Quando cessaram pôde se apresentar e falar:

- Agradeço muito pela presença de todos que aqui estão, fico muito feliz por isso. Confesso que estou bastante nervoso, sinto como se meu coração fosse sair pela boca. Por essa razão só vou me ater a ler os agradecimentos e a apresentação do livro. E depois, se quiserem, podem fazer perguntas.

Um grande silêncio aguardava a leitura do autor do livro que estava sendo festejado naquela noite, ele começou com os agradecimentos:

“Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus, Senhor da Vida, que me concedeu seu dom e o talento para compor versos. Que me deu forças para que não desistisse de acreditar que meu sonho pudesse se tornar real.

Depois a minha família, que me carregou em seu seio, me alimentou e educou. Me fez conhecer os valores e os bons sentimentos.

Agradeço também a meus mestres, professores da escola e da vida, que me ensinaram o que em minha casa não pude aprender, por limitações diversas ou impossibilidades. Eles me ensinaram a escrever: a desenhar as primeiras letras, a montar palavras, a criar frases, para assim poder compor versos.

Meu muito obrigado aos meus amigos, eles que sempre me ajudaram nos momentos difíceis e que acreditaram que eu seria capaz de atingir o meu anseio quando, muitas

vezes, nem eu cria. O apoio de cada um deles foi fundamental para poder concluir essa obra.

Agradeço as pessoas que geraram em mim inspiração para compor. Pessoas que por vezes eram minhas amigas, mas por vezes não. No entanto, se não fosse pelos sentimentos que provocaram em mim não poderia apresentar senão diversas páginas em branco.

Obrigado às pessoas que acreditaram em meu talento e alimentaram a chama poética em meu coração. Que foram responsáveis pela publicação desse livro. Não me refiro apenas aos proprietários das duas empresas a quem devo muito, mas a cada funcionário que tocou no papel, ligou as máquinas, limpou a fábrica ou qualquer outra atividade que se ligue a essa obra, pois se não fosse pelo suor por eles derramado esse livro não estaria pronto.

Por fim, não posso deixar de ti agradecer. Você que segura esse livro e se entretém o lendo. Você que gastou seu dinheiro para comprá-lo ou que ganhou de alguém querido, mas que se dispõe a ler os versos de um desconhecido poeta que anseia por sua aprovação.

Muito Obrigado.”

Depois de concluir a leitura dos agradecimentos foi interrompido por aplausos calorosos de todas as pessoas que ali se encontravam, mas assim que se fez silêncio se pôs a ler a apresentação:

“Apresentação

Esse livro comecei a escrever com 13 anos, quando, pela primeira vez, meu coração bateu forte e apaixonado. No início as palavras não saiam, mas com o passar do tempo elas foram desabrochando da ponta da caneta como flores na

primavera e tingiam o papel em branco como as rosas a exalar perfume no vento.

Mas não foi só a paixão que iluminou meus versos, sentimentos outros também os perfazem.

Talvez cause estranheza a mudança de estilo na escrita, mas isso se deve a longa espera que atravessou os anos até o momento em que esse livro se concluiu e foi publicado. Experimentei novos sentimentos, vivi diversas emoções, me apaixonei outras vezes por pessoas diferentes e de formas diferentes. E não detive meus versos só nos sentimentos que me avassalaram o peito, mas a outros, os quais mereciam atenção.

Na verdade esse livro é uma grande loucura, uma viagem no tempo onde quem lê me conhece e ao meu crescimento sentimental, se é que podemos chamar assim. De fato não fiz nada mais que retratar quem sou a partir do que senti e sinto.

Espero que ao ler não se entedie ou se chateie ao sentir que está dentro de mim, se isso assim ocorrer. Se não, me lamento por não ter podido fazê-lo sentir um pouco do que senti ou vivi.”

Depois de concluir a leitura Francisco foi saudado por uma longa e expressiva salva de palmas. Com isso, um sorriso desabrochou de seu rosto e um suspiro de alívio saiu de seus lábios.

O alívio não durou muito, logo os repórteres começaram a fazer suas perguntas:

- Onde nasceu esse novo poeta de nome tão simples, Francisco?

Engolindo bastante saliva, pelo nervosismo causado pela pergunta, o jovem tratou de se acalmar e responder:

- Bem, eu nasci em um pequeno distrito no interior da Bahia chamado Beira do Riacho, mas cresci, vivendo boa parte

de minha vida, na cidade de Raio de Luz, onde meus pais ainda moram.

A segunda pergunta veio em seguida:

- O que o motivou a vir a São Paulo?

Ficou em silêncio um bom tempo, por isso, até lhe cobraram resposta. Ele sabia que não poderia contar a verdade por inteira, que fugira de um sentimento que não era correspondido e ferira seu coração, por essa razão se deteve em uma parte e era o que julgava ser de fato o que interessava a todos:

- Vim para essa cidade no intuito de fazer o que hoje estou concretizando, publicar um livro. No início fui rejeitado por diversas editoras, alegaram diversos motivos para não o publicar. Eu não desanimei e continuei escrevendo e acabei descobrindo outros motivos para permanecer aqui, encontrei um bom trabalho, consegui entrar na faculdade, que devo concluir esse ano, e agora finalmente consegui publicar meu livro, o primeiro sonho que me trouxe aqui.

A cada pergunta feita Francisco ficava mais nervoso, principalmente aquelas que se referiam a sua vida particular, o lenço que usava para secar o rosto já estava encharcado de tanto suor. Foi então que pediu que a última pergunta fosse feita, e a fizeram:

- Por que um nome tão simples como “Meus Primeiros Poemas” para uma obra de tão grande importância para sua vida?

A resposta foi incisiva e sem demora:

- Porque as coisas mais simples são as mais belas, porque, assim como o santo que me deu o nome, acho que a humildade é uma grande virtude, além do mais, esses são os meus primeiros poemas, pretendo escrever outros mais.

Depois disso, saiu e foi direto ao banheiro lavar o rosto que estava bastante suado. Ao sair tirou o paletó e a gravata que o incomodavam tanto, fora como que forçado a

usar aquilo para manter a formalidade da cerimônia, o que agora julgava não ser mais necessário.

Quando Francisco saía do banheiro, o senhor Henrique veio até ele e pediu que se dirigisse a mesa de autógrafos, quando chegou lá viu uma fila enorme formada, muitas pessoas queriam a assinatura do autor no exemplar de sua obra. Ele ficava feliz com cada autógrafo que dava, com o sorriso que cada pessoa trazia e levava no rosto. Funcionários, convidados, jornalista e até os proprietários da fábrica e da editora entraram na fila para obter o autógrafo do mais novo poeta apresentado ao público.

Depois que acabou a festa, Francisco se despediu dos tios e primos e após conversar com os senhores Henrique e Luiz Otávio, foi para casa com o amigo Adson. Como a festa foi num sábado, Francisco dormiu até tarde e acordou bastante cansado, estava exausto, não era hábito seu ficar até tão tarde acordado, sempre que chegava da faculdade escovava os dentes e tratava de ir dormir, mas aquela noite tinha sido muito cansativa, tanto física como emocionalmente, mal conseguia ficar de pé, mas, assim que conseguiu, ligou a televisão e viu no jornal uma reportagem que falava sobre o lançamento de seu livro, se surpreendeu ao ver aquilo, não imaginava que o evento alcançasse uma repercussão tão grande. No dia seguinte, ao chegar no trabalho, já descansado e recuperado de todo o desgaste da festa, recebeu os parabéns dos colegas e foi saudado com palmas ao entrar no seu setor, já na sua sala havia em sua mesa um jornal que tinha como reportagem de capa o título: “Poeta baiano lança seu primeiro livro em São Paulo”. A reportagem tratava de tudo sobre o lançamento do livro.

Durante todo o dia e toda semana, Francisco recebeu parabéns de clientes e amigos. Depois de um mês os exemplares de seu livro haviam acabado, o que tornou necessário produzir mais. E agora a distribuição ia para todo o país, saindo do estado de São Paulo.

Francisco havia mandado vários exemplares de seu livro para seus amigos e parentes para que conhecessem seus poemas, o que de certa forma ajudou na divulgação na Bahia, Raio de Luz em peso queria o livro “Meus Primeiros Poemas” e a prefeitura resolveu comprar para todas as escolas e para a biblioteca municipal.

Com apenas três meses o livro de Francisco se tornou um grande sucesso, os poemas “Quando”, “Te conhecer” e “Seu toque em minha face”, estavam entre os mais populares. No entanto, os mais recitados eram “Sonhei com você” e “Soneto de um sonho atormentado”.

Sonhei com você

Sonhei com você

e em meu sonho tinha os cachos soltos no vento,
o rosto calmo e o olhar terno e sereno.

De repente olhavas pra mim
e em seus olhos via meu rosto
em seu semblante um sorriso se abriu.

Sonhei com você

E nesse sonho tudo era mágico,
Só havia nós dois e mais ninguém
A ver o Sol ao longe se pôr.

Então caminhavas pra mim
e eu a ti me dirigia,
tua mão minha face tocou
e a minha teu rosto afagou.

Sonhei com você

e esse sonho me fez tão feliz,

julguei que felicidade era assim,
estar contigo a ver o crepúsculo
de mãos dadas a olhar para o céu.

Agora nos abraçávamos,
sentia você perto de mim,
que me queria tão bem quanto eu a ti,
achei que não podia haver nada melhor,
e aí foi que acordei e uma lágrima em meu rosto
escorreu.

Soneto de um sonho atormentado

Mal acordei do sono, ainda em delírios,
tinha nos olhos teu belo rosto,
tua face ainda pairava em minha mente
e eu ainda pensava poder tocá-la.

Mas não podia, não dava, não dava,
agora eras só lembrança do sonho
que acabara de acabar, de terminar
com o meu triste e solitário fim.

Aquela de quem tanto gosto indo,
partindo para bem longe de mim,
onde meus olhos não vêem sua face.

Onde posso buscá-la se então,
até mesmo em sonhos, foges de mim?
Que fazer com esse sentimento?

Depois desses três meses de sucesso, Francisco
recebeu uma felicitação que queria muito, mas não esperava,
uma carta de Clara.

Na carta ela dizia que estava feliz por ter recebido o livro e que tinha adorado, e ainda que havia se encontrado em diversos versos e se sentia feliz por ter inspirado o amigo a escrever diversos de seus poemas. Uma das frases da carta dizia:

“Gostei muito de ler seu livro e me senti dentro do você, talvez tenha finalmente entendido o que sentia por mim.”

O que ela não sabia é que aquele sentimento não havia se extinguido e que a carta dela teve uma importância muito grande para ele.

O Sucesso

O primeiro livro de Francisco fez tanto sucesso que o público já pedia um novo, queriam ver novos poemas daquele poeta que havia enchido seus corações, que os tinham feito chorar e se emocionar a cada verso lido. Eles não seriam decepcionados, pois, como disse no lançamento de seu primeiro livro, pretendia continuar a escrever. A alegria que sentia o levava a compor poemas e mais poemas a cada dia, logo um novo livro seria lançado, e esse não tardaria tanto quanto o primeiro.

O senhor Henrique contratou outros escritores: alguns romancistas, contistas e também poetas. Todos estavam muito empolgados com a oportunidade, já que estavam ter a chance de publicar a primeira obra da vida de cada um. Ficaram todos muito emocionados ao conhecerem Francisco, ele era como um ídolo para eles, pois não desistiu de seu sonho e seguiu em frente, além do mais todos gostavam dos poemas dele. Ele também estava feliz pela chance que aqueles jovens estavam tendo.

O ano corria e o livro de Francisco ia se tornando mais completo. O senhor Henrique pretendia fazer o lançamento do segundo livro de Francisco juntamente com os primeiros dos

jovens escritores que tinha contratado no final do ano, seria um lançamento múltiplo. Mas no final do ano não era só o lançamento do livro que preocupava Francisco, mais que isso sua formatura, a mesma seria uma semana antes. Toda sua família e amigos de Raio de Luz foram chamados, no entanto só sua mãe pôde comparecer, ele ficou muito feliz e emocionado. No final da cerimônia pediram para que fizesse um discurso, nessa hora se sentiu bastante nervoso, mas foi lá e falou:

- Obrigado a todos por estarem aqui, aos pais, aos professores, aos amigos. Foi uma longa trajetória feita por todos nós e não me refiro apenas ao tempo da faculdade, mas a todo o trajeto percorrido até aqui desde a pré-escola. Foi lá que tudo começou, não, na verdade minto, foi antes. Começou quando nossos pais nos ensinaram a falar, a andar e depois nos levaram para a escola. Pode ser que muitos de nós parem de estudar, mas a cada dia estaremos aprendendo coisas novas. Estamos encerrando hoje mais uma etapa de nossas vidas, ao mesmo tempo em que inicia uma nova. Espero que tudo que aprendemos possa ser usado da melhor forma possível. Me faltam palavras para descrever como me sinto, estou muito feliz.

Depois de seu discurso o jovem foi longamente aplaudido. Ele direcionou os olhos a sua mãe e uma lágrima escorreu de seu rosto e se abriu um sorriso dos lábios. Todos foram então convidados para comparecer ao lançamento de seu segundo livro, no entanto sua mãe não poderia ficar apesar de sua insistência, precisava voltar para cuidar da casa que deixara só, não poderia ficar mais uma semana.

Na semana seguinte foi à festa de lançamento do segundo livro de Francisco e o lançamento dos livros dos outros contratados. Francisco estava muito feliz, não parava de sorrir instante algum. A festa foi num clube, um ambiente mais descontraído que o da fábrica, apesar dessa festa não ser tão

suntuosa como a primeira. Foram todos apresentados e seus respectivos livros. Apesar do tratamento ter sido igual para todos, as atenções foram voltadas em maior intensidade para Francisco, talvez por já ter sido apresentado antes, ou quem sabe pelo impacto gerado por sua primeira obra e a expectativa que havia em relação ao seu segundo livro. Ele fez questão de ter um livro de cada colega e pegar autógrafo de cada um. O título do seu segundo livro era “Meus Novos Poemas”. Nessa ocasião Francisco apresentou os novos escritores para seu amigo Adson, e foi aí que ele conheceu Bárbara, uma contista muito simpática que até conseguiu relaxar o tímido Adson. Ela estava muito feliz por estar realizando seu sonho, e Adson sentia-se contente ao lado dela. Ambos ficaram juntos praticamente a festa inteira. Francisco evitou estar com o amigo para não atrapalhar a conversa do casal. Francisco percebia que os dois tinham uma boa afinidade, os olhos deles mostravam o encantamento que estavam sentindo.

No dia seguinte, domingo, Francisco acordou tarde e chegando a sala topou com Adson lendo o livro de contos de Bárbara, o título era “Contos Bárbaros”. Ele estava bastante concentrado na leitura, tanto que nem percebeu a presença do amigo, chegando a se assustar quando este o cumprimentou:

- Bom dia Adson. Lendo o livro de Bárbara em!?

Restabelecido do susto, Adson responde:

- Que susto! Não te vi chegando. Bom dia! É, este é o livro de Bárbara, é muito bom.

Francisco sentou ao lado do amigo e com um sorriso sarcástico perguntou:

- E o que você acha da autora?

Adson corou de vergonha, baixou a cabeça e respondeu gaguejando:

- Bem, é, eu achei ela muito simpática e inteligente, além de ser muito bonita.

Francisco continuou com a brincadeira:

- Sei, muito bonita né? O que vocês tanto conversaram?

Adson, constrangido, ainda disse:

- É, bem, estávamos falando do livro dela, daquela oportunidade que ela e os outros estavam tendo e ela me disse que se sentia muito feliz por ter a chance de publicar um livro, é isso.

Francisco seguiu:

- Certo, falavam sobre o livro. E o que você sentia estando ao lado dela?

Adson, cada vez mais nervoso, mal conseguia responder:

- Eu? O que você quer dizer com isso? Eu, eu estava alegre por ela, só isso.

Francisco fez a última pergunta, para desespero do amigo:

- E o que você sente por ela?

Essa foi a gota d'água, Adson ficou completamente vermelho e emudeceu por alguns minutos sem poder responder, até que o amigo trouxe um copo de água e pediu para que respirasse fundo e se acalmasse antes de responder. Quando se achou mais tranqüilo, mesmo ofegante, conseguiu responder:

- Bem, você parece que quer me matar do coração. Se você não fosse meu amigo eu não iria te responder isso, mas tenho que ser sincero. Desde o primeiro momento em que a vi senti meu coração bater forte em meu peito, fiquei muito nervoso ao sermos apresentados, a conversa dela me deixou mais relaxado, mas meu coração continuava acelerado. Você acredita que mal consegui dormir essa noite? Quando cheguei aqui em casa e deitei na cama fiquei olhando pro teto em meio à escuridão e imaginando o rosto dela, os olhos dela, as mãos dela, o corpo dela, os cabelos dela. Passei boa parte de noite pensando em Bárbara. Dormi bem pouco e quando acordei

novamente ela apareceu em minha mente, sem consegui tirá-la da cabeça resolvi levantar e vir pra sala ler o livro dela. É isso, não sei bem o que estou sentindo, mas é algo muito bom, apesar de achar que ela não vai dar a menor bola pra mim.

Nesse momento Francisco ficou bem sério, pois sabia bem o que o amigo estava sentindo, então disse:

- Sei bem o que é isso. Estar apaixonado por alguém e achar que não será correspondido.

Adson:

- Não sei bem se é paixão, nunca me apaixonei desse jeito por ninguém.

Francisco:

- Nenhuma paixão é igual à outra, pois nós mudamos, temos uma perspectiva diferente em relação àquela pessoa, além disso, a pessoa também é diferente e assim a vemos de forma diferente, nosso comportamento em relação a ela e nosso sentimento é outro.

Adson:

- Acho que você está certo. Mas não esperava chegar aqui em São Paulo e no meio de uma festa me apaixonar, ainda mais a primeira vista.

Francisco:

- Nunca estamos preparados para nos apaixonar, esse sentimento é assim, surge de repente, sem espera e sem aviso.

Adson:

- Você está certo. Só que me entristece o fato de não ser correspondido, isso é doído.

Francisco olhou para o amigo, sorriu e tentou animá-lo:

- Não é bem assim. Você não sabe se ela não se apaixonou por você também.

Adson, confuso com a afirmação do amigo, perguntou:

- O que você quer dizer com isso?

Francisco tornou a sorrir e respondeu calmamente:

- Eu vi nos olhos dela um brilho semelhante ao dos seus olhos, o jeito dela sorrir e te olhar me fazem crer que ela gostou de você.

Adson:

- E o que devo fazer? Como posso ter certeza?

Francisco:

- Primeiro você tem que ter certeza do que sente.

Adson engoliu a saliva e disse alto:

- Eu tenho! Estou apaixonado por Bárbara.

Francisco satisfeito continuou:

- Ótimo! Agora você tem que saber o que ela sente por você.

Adson:

- Como eu faço isso?

Francisco:

- Acredito que a melhor forma seja perguntando.

Adson:

- Como? Quer que eu simplesmente chegue até ela e pergunte se está apaixonada por mim?

Francisco:

- É, bem, mais ou menos.

Adson:

- Como assim, mais ou menos?

Francisco:

- Eu explico. Você dever conversar com ela e tentar expor seus sentimentos e sutilmente perguntar a ela o que sente.

Adson:

- Ainda não entendi. Como vou fazer isso?

Francisco:

- Não sou a pessoa mais indicada pra falar sobre isso, mas poderia convidá-la pra sair e conversar. Você tem que

escolher o momento mais adequado, mais tranqüilo e tem que se preparar pra isso.

Adson:

- Não sei se consigo. Eu tenho medo de falar algo errado ou nem se quer conseguir falar, nunca fiz isso antes.

Francisco:

- Talvez o nosso problema até agora seja nossa falta de objetividade e essa timidez que nos faz covardes, é hora de mudar.

Adson:

- Sei que você tem razão, mesmo assim me sinto receoso. Como vou convidá-la para sair? Pra onde iríamos?

Francisco:

- O que você acha de convidá-la não para sair, mas para vir aqui em casa?

Adson se exaltou:

- Você está louco? O que ela vai pensar de nós?

Francisco o acalma:

- Calma Adson! Chamamos Bárbara para passar o sábado aqui conosco, alugamos alguns filmes e passamos o dia aqui, ela almoça conosco e quando parecer o momento adequado eu deixo os dois a sós e você fala o que tem que falar pra ela.

Adson:

- É uma ótima idéia, mas como iremos falar com ela?

Francisco apresentou a solução:

- Ela deve aparecer na fábrica essa semana, então, se a ver, você a convida.

Adson:

- Eu? Você não poderia fazer isso por mim? Tenho medo de acabar estragando tudo.

Francisco:

- Tudo bem! Vou fazer isso.

Adson:

- Obrigado! Espero que ela aceite.

Adson passou o resto do dia lendo o livro de contos escritos por Bárbara, sua nova paixão. Francisco resolveu fazer o mesmo e ambos leram todo o livro naquele domingo.

No dia seguinte, ao entrar em sua sala, Francisco encontra sobre sua mesa um jornal com reportagem sobre o lançamento dos livros na primeira página, o título da matéria era “Lançamento múltiplo apresenta novos escritores e seus livros”. A matéria tratava dos livros que foram lançados, falando um pouco sobre cada um dos autores, sobre a festa e por fim contava sobre o novo livro de Francisco. Nesse dia ele passou a manhã toda em sua sala, recebeu muitos telefonemas, os clientes queriam parabenizá-lo pelo sucesso. A tarde estava mais folgado e resolveu dar uma volta na fábrica, em todo lugar em que passava era aplaudido e agradecia a demonstração de afeto de todos. Quando chegou ao setor de produção, após os aplausos, viu alguém que queria muito ver, Bárbara. Foi até ela e a cumprimentou:

- Oi Bárbara, o que faz por aqui?

Ela tratou de esclarecer:

- Vim conversar com o senhor Henrique e saber como anda o meu livro.

Francisco então perguntou:

- E por que você não foi a minha sala pra conversarmos um pouco?

Ela respondeu prontamente:

- Na verdade eu passei lá agora a pouco, mas sua secretária me disse que você tinha ido dar uma volta pela fábrica, aí eu resolvi vir aqui para ver as máquinas e já estava de saída.

Francisco então falou:

- Você não pode ir antes de conversarmos um pouco em minha sala. Vamos?

Ela aceitou o convite:

- Claro.

Chegando em sua sala, Francisco a convidou para sentar:

- Quer uma água, um café, um chá?

Ela respondeu:

- Uma água está ótimo.

Ele falou:

- Li seu livro ontem.

Nesse momento chegou a água, ela bebeu um gole e perguntou:

- O que você achou?

Francisco:

- Eu gostei muito, é um ótimo livro.

Bárbara:

- Que bom, eu tive muito trabalho para compor cada conto.

Francisco:

- Eu sei como é. Mas você tem muito talento.

Bárbara:

- Eu agradeço, vindo de você isso significa muito.

Francisco:

- Ora, não precisa agradecer, você fez um ótimo trabalho e merece reconhecimento.

Bárbara:

- Eu agradeço por suas palavras, porque isso me motiva a escrever, saber que as pessoas estão gostando do que faço.

Francisco:

- Quando colocamos o coração naquilo que fazemos o resultado a se esperar é esse. E por falar nisso, quando pretende escrever um novo livro?

Bárbara:

- Logo. Só que agora pretendo descansar um pouco, relaxar para que a inspiração possa chegar.

Francisco:

- Excelente, é o que estou fazendo agora. Por falar nisso, não gostaria de passar o sábado lá em casa comigo e com o Adson?

Bárbara ficou perplexa com a pergunta:

- É verdade, tinha me esquecido que vocês moravam juntos, ele tinha me dito.

Francisco:

- E então, sim ou não?

Bárbara nervosa:

- Eu não sei se devo, não nos conhecemos bem...

Francisco interrompeu:

- Não pense bobagem, é só uma forma de nos conhecermos melhor.

Ela ficou mais calma:

- Tudo bem, eu vou, mas não sei onde é.

Francisco:

- Eu te pego aqui na porta da fábrica às nove.

Bárbara:

- Certo. E como vai o Adson?

Francisco:

- Ele está ótimo, agora deve estar na sala dele trabalhando. Não quer ir falar com ele?

Bárbara:

- Ah, não! Não quero atrapalhá-lo. E já estou de saída.

Francisco:

- O que você acha de Adson?

Bárbara:

- É, bem, ele parece uma pessoa legal.

Francisco:

- Ele gostou muito de você.

Ela ficou nervosa e sentiu o coração bater mais forte e mal conseguia se expressar:

- É mesmo? Eu também gostei dele.

Francisco então mentiu:

- A idéia de te convidar foi dele.

Bárbara ficou ainda mais ofegante:

- É, que legal, vai ser bom passar o sábado com ele, quer dizer com vocês dois.

Francisco:

- Eu também acho.

Bárbara:

- Eu já estou indo.

Ela tomou o último gole de água e ele a acompanhou até a porta e quando ela estava de costa já saindo ele exclamou:

- Bárbara!

Ela se virou pra ele e perguntou:

- O que foi Francisco?

Ele sorriu e respondeu:

- Adson adorou seu livro.

Ela arregalou os olhos, ficou algum tempo paralisada sem dizer nada, até que se acalmou e falou:

- Que bom! Nos vemos no sábado.

E foi embora.

Depois que ela saiu, Francisco foi à sala do amigo e lhe deu a notícia. Ele ficou felicíssimo, seu coração parecia saltitar de alegria. Passou toda a semana aguardando a chegada do sábado, ansioso por estar novamente com sua paixão. Sexta-feira à noite os dois estiveram em uma locadora, foram alugar alguns filmes para assistirem com Bárbara no dia seguinte, escolheram uma comédia, um filme de ação e um romântico. Adson quis que tudo estivesse perfeito, durante toda a semana havia preparado a casa pra receber aquela que em uma única noite foi capaz de obter pra si seu coração, comprou refrigerantes, pipoca, doces e outros petiscos, além de diversas frutas.

O sábado que Adson tanto esperava havia chegado, enquanto Francisco ia buscar Bárbara, Adson preparava o suco

e amanteigava os pães e biscoitos e punha a mesa algumas frutas, a fim de receber a ilustre e tão esperada e desejada visita. Quando Francisco chegou à fábrica, Bárbara estava lá, ele se dirigiu até ela com um sorriso e a cumprimentou:

- Oi! Bom dia! Te fiz esperar muito?

Bárbara com um sorriso nos lábios respondeu:

- Bom dia! Não, acabei de chegar. E Adson?

Francisco:

- Ele ficou em casa, está preparando a sua recepção, ele ficou contente ao saber que tinha aceitado o convite.

Bárbara:

- Que bom!

Francisco:

- Então? Vamos?

Bárbara:

- Vamos.

Quando Francisco e Bárbara chegaram, Adson abriu a porta com o coração fervilhando de alegria. Bárbara ao vê-lo ficou ofegante. Ambos tentavam esconder o nervosismo que sentiam. O silêncio daquele momento só foi desfeito quando Francisco resolveu se pronunciar:

- Vamos entrar ou os dois preferem ficar aqui na porta?

Foi nesse momento que os dois saíram do transe em que se achavam. Adson então finalmente falou com Bárbara:

- Oi Bárbara. Fico muito feliz por ter vindo. Você está linda.

Bárbara suavemente sorriu e disse:

- Oi Adson. Eu adorei o convite e fico alegre em estar aqui com vocês. Quanto a estar bonita, é gentileza sua dizer isso, me vesti bem simples, já que Francisco me disse que era só uma visita informal.

Adson:

- Mesmo assim você está ótima.

Nesse momento foram até a mesa para o café. Bárbara se espantou com a arrumação da mesa e sua fartura, e elogiou:

- Que lindo!

Francisco:

-Vamos comer, não é todo dia que temos uma mesa assim, só quando recebemos visitas especiais.

Bárbara:

- Eu sou uma visita especial?

Francisco:

- Claro que é.

E cutucou Adson, que resolveu se pronunciar:

- É muito especial.

Depois do café, Francisco e Adson mostraram a casa para a visita, olharam alguns livros e depois foram até a sala para assistirem os filmes. Eles riram muito com a comédia e ficaram atentíssimos ao filme de ação. Quando foi colocar o romântico, Francisco sugeriu que afastassem o sofá, fechassem as janelas e deixassem as luzes apagadas e ainda que assistissem ao filme sentados no chão, encostados no sofá. Foi aceito. Enquanto o filme rodava, Francisco constantemente deixava a sala, usava como desculpa ora a busca de refrigerante, ora a de pipoca e outros petiscos, tudo no intuito de deixar Adson e Bárbara a sós na sala diante de uma história romântica e no escuro sentados no chão, o que dava maior sensação de aconchego. Ambos estavam muito nervosos, cada vez que Francisco se ausentava da sala fazia Adson pensar se devia ou não abrir seu coração. Cada cena de beijo o deixava mais e mais nervoso. Bárbara não ficava atrás, transpirava muito e constantemente olhava para Adson e quando este lhe direcionava os olhos, logo voltava a olhar o filme. As partes mais fortes do filme a fazia pôr a mão no peito. Mas não era só o casal que estava nervoso, Francisco também sentia seu coração bater disparado, pois estava preocupado com o amigo e freqüentemente vinha a sua mente a imagem de Clara. Não

queria que o amigo se magoasse, mas ao mesmo tempo percebia que Bárbara demonstrava interesse por Adson, ele sabia que teria que ajudá-lo, que não podia deixar a situação como estava, senão Adson não encontraria coragem para se abrir. Francisco não tinha idéia de como, mas sabia que teria que ajudar o amigo.

Quando o filme acabou, Bárbara tratou logo de ir até o banheiro, tinha que lavar o rosto, pois estava muito suada. Adson foi até o quintal, precisava se acalmar e tomar um pouco de ar. Francisco na cozinha arrumou a mesa para almoçarem. Os três na mesa mal conseguiam falar, se não fosse o som dos dentes mastigando a comida e da garganta a engolindo, seria possível ouvir os batimentos cardíacos dos três, tamanha a quietude do ambiente e forte a palpitação no peito de cada um deles.

Terminando de almoçar Francisco foi ao banheiro escovar os dentes, retornando viu Bárbara a pia lavando a louça e Adson sentado na porta dos fundos pensativo. Nesse momento ele viu a oportunidade de fazer alguma coisa para unir aqueles dois. Foi até a cozinha e se dirigiu a Bárbara:

- Deixe os pratos, hoje é meu dia de lavar a louça.

Bárbara:

- Pode deixar que eu faço isso, não me custa nada. Vocês foram tão gentis me convidando pra vir aqui e eu queria retribuir de alguma forma.

Francisco sorriu e disse:

- Não precisa fazer isso, só o fato de você ter vindo já é suficiente.

E mentiu:

- Além disso, Adson está lá nos fundos e quer falar com você.

O coração dela ficou palpitante ao ouvir isso. O que Adson poderia querer falar com ela? Fechou a torneira, enxugou as mãos, tirou o avental e foi até o quintal para saber o

que Adson desejava lhe falar. Enquanto isso, Francisco abria um sorriso e se colocava a lavar a louça. Quando Bárbara chegou ao quintal e viu Adson sentado de costa para a porta, sentiu uma forte pulsação em seu peito, respirou fundo tentando em vão se aclamar e, quando tomou coragem, sentou-se ao lado dele. Ao vê-la, Adson se assustou pela surpresa. Bárbara então indagou:

- O que você quer falar comigo? Francisco me disse que você estava aqui e queria me dizer alguma coisa. O que é?

Adson ficou estático e pensou consigo mesmo:

- Ele aprontou comigo. Não estava preparado para isso, mas de qualquer forma tenho que agradecer, pois essa é a melhor oportunidade para me abrir e dizer o que sinto, tem que ser agora.

Bárbara ainda esperava a resposta:

- E então, o que é?

Adson engoliu o nervosismo, olhou-a nos olhos e com expressão séria no rosto disse o que sentia:

- Bárbara, desde o primeiro momento em que a vi senti meu coração disparar, depois daquela festa passei a noite toda pensando em você. No dia seguinte resolvi ler seu livro para me distrair um pouco e a cada palavra, cada linha, cada página, cada conto, sentia o meu peito bater mais forte, era como se você estivesse perto de mim. Naquele mesmo domingo conversei com Francisco e ele me fez perceber o que sinto por você e desde aquele dia não paro de pensar em ti dizer, fiquei ansioso quando soube que aceitou vir aqui e hoje me senti nervoso quando entrou em casa, pois sabia que teria que revelar meus sentimentos. Procurei a todo instante o momento adequado para abrir meu coração e esse é o momento. Bárbara, eu estou apaixonado por você.

Ela ficou imóvel, paralisada com aquela declaração. Então, de súbito, ela o beijou. Adson ficou de boca aberta e

surpreso com a reação de sua paixão. Foi aí que, com lágrimas nos olhos, Bárbara se abriu:

- Eu também me apaixonei por você naquela noite, depois daquele dia não parava de pensar em você. Quando fui à fábrica na segunda, Francisco me disse que você gostava de mim, mas não imaginava isso, mesmo assim fiquei nervosa e não quis ir na sua sala como ele havia sugerido e acabei não indo mais na fábrica durante a semana, pois precisava me preparar pra vê-lo. Hoje me preparei pra te ver, também ia te dizer o que sinto, mas só agora que você disse que está apaixonado por mim é que encontrei coragem para abrir meu coração.

Adson fechou a boca e abriu um sorriso e fez uma pergunta a sua paixão correspondida:

- Bárbara, você quer namorar comigo?

Ela riu e docemente respondeu:

- É claro que sim.

E deu um outro beijo nele. Enquanto se beijavam, Francisco se aproximou e quando viu o que estava acontecendo tratou de sair logo de lá para não atrapalhar os namorados. Ele estava muito feliz, os dois formavam um belo casal.

Ao mesmo tempo em que ficava alegre pelo amigo, Francisco sentia uma nuvem de tristeza se formar em seu coração, pois pensava em Clara. Ele não havia esquecido aquele sentimento tão forte que lhe dilacerava o peito, o que sentia era tão grande a ponto de parecer maior que ele próprio, parecia até doer.

Quando Adson e Bárbara entraram e deram a notícia de que estavam namorando a Francisco, ele disfarçou a tristeza e sorriu, buscando pensar só na felicidade do amigo, felicidade que invejava, pois o amigo era retribuído em seu sentimento, enquanto ele estava distante daquela de quem tanto gostava e não era correspondido em seu sentir.

Algumas semanas se passaram, Francisco agora ficava mais tempo só em casa, Adson saía muito com Bárbara, quase todos os domingos almoçava na casa dela, já era amigo dos pais dela, com quem a garota morava. Quanto mais se conheciam, mais Bárbara e Adson se gostavam.

Todos os livros lançados estavam fazendo muito sucesso, o de Bárbara, “Contos Bárbaros”, estava entre os mais vendidos, só ficava atrás de “Meus Novos Poemas” de Francisco. O livro era realmente uma obra de arte, muitas escolas até adotaram o livro como forma de incentivar os alunos a leitura. Os mais recitados nas salas de aula eram os abaixo:

Alguém

Passei tanto tempo procurando alguém,
alguém que não sabia quem,
alguém que em sonhos não me revelou seu nome,
alguém que nos meus delírios não pude ver o rosto.

Agora procuro esse mesmo alguém,
alguém que ainda não sei quem é,
alguém que continua a atormentar meu sono sem dizer
seu nome,
alguém que não me revela a face.

Um dia encontrarei esse alguém,
alguém que saberei quem é,
alguém que conhecerei o nome,
alguém que contemplarei a face.

Gostaria que esse alguém fosse você,
mas não tenho direito de pedir isso,
espero que encontre alguém e seja feliz,

assim como pretendo ser com o meu alguém.

Espero que meu alguém não tarde,
quero muito encontrá-lo,
deixar os sonhos de lado,
e viver a realidade com esse alguém.

Não sei ainda como encontrá-lo,
mas um dia estaremos lado a lado,
seremos muito felizes,
eu e esse meu alguém.

Seu Lugar

Será que seu lugar é em meus sonhos?
Gostaria que fosse real.
Que o que sinto por você fosse correspondido.

Será que seu lugar é em meu peito?
A pulsação de meu coração sussurra seu nome.
Não consigo deixar de ouvi-lo.

Será que seu lugar é em minha cabeça?
Não deixo de pensar em você um só dia.
Em minha mente constantemente tenho seu rosto.

Será que seu lugar é longe de mim?
Onde estás meus olhos não te vêem.
Não sinto o perfume de sua pele.

Onde será o seu lugar?
Ainda tenho a marca de seu beijo em meu rosto.
Ainda gosto muito de você.

Sentimentos

Eu precisava de palavras
pra expressar meus sentimentos,
mas não as conheço,
talvez não existam.

Sonho com você todos os dias,
meus olhos se enchem d'água
e acordo em prantos.

O que sinto é tão grande
que não cabe em mim,
esse sentimento é tão forte
que chega até a me doer.

Meu sentimento me faz ser seu,
mesmo que você não seja minha,
pois é assim que me sinto.

O Casamento

Algum tempo se passou desde que Adson e Bárbara começaram seu relacionamento. Francisco começava a escrever novos poemas a fim de lançar um novo livro, o terceiro de sua carreira. Mesmo passando muito de seu tempo com o namorado, Bárbara estava escrevendo um novo livro de contos, na verdade escrevia com a ajuda dele. Adson ficou muito feliz por estar dividindo aquele livro com ela, os dois se sentiam cada vez mais felizes.

O lançamento dos livros foi novamente no clube. Dessa vez só Francisco e Bárbara, juntamente com Adson, apresentaram novos livros, os demais escritores não haviam concluído suas obras. Quando Bárbara anunciou que seu livro

era um lançamento conjunto com o namorado Adson, todas as atenções se voltaram para o rapaz. Perguntaram como se conheceram, quando começaram a namorar, se tinham planos de se casar, de ter filhos. Adson se sentia completamente constrangido com aquela situação, que só foi amenizada pela intervenção de sua namorada Bárbara e do amigo Francisco. Mesmo conseguindo driblar a imprensa, a reportagem da festa recebeu um título bastante sugestivo: “Francisco apresenta seu novo livro e Bárbara seu namorado”.

A reportagem falava sobre o lançamento do livro de Francisco, “100 Poemas”, e o de Bárbara, “Novos Contos”, que era obra de parceria com o namorado, no entanto o final da matéria falava exclusivamente do relacionamento de Bárbara e Adson, inclusive fizeram questão de colocar diversas fotos do casal no jornal.

Um mês depois do lançamento do livro, Francisco foi convidado para participar de uma palestra contando um pouco de sua história. A palestra aconteceu numa escola pública da periferia da cidade, dela participaram vários escritores, entre eles o mesmo que há alguns anos havia proposto a Francisco a compra de seus poemas, além do gerente da editora que o havia rejeitado naquela ocasião. Francisco não ficou nada feliz em vê-los, mas disfarçou a insatisfação. Durante um dos intervalos da palestra o mesmo homem que havia desprezado o talento de Francisco agora se dirigia a ele para lhe fazer uma proposta: Pediu para que ele passasse a publicar seus livros em sua editora. Aquilo deixou o jovem autor irritadíssimo. Ele disse que não iria abandonar as pessoas que reconheceram seu talento e o ajudaram a concretizar seu sonho. Mesmo a proposta de ganhar bem mais do que ganhava o atraiu, bem pelo contrário, isso o ofendeu profundamente. Durante a palestra, Francisco comoveu a todos com sua história de lutas, sacrifícios e sonhos. No final ele foi convidado a ler um dos

poemas de maior sucesso de seu novo livro, “Sonhos”, o jovem o recitou emocionado:

Sonhos

Sonhos nascem do desejo do homem de ser feliz,
crescem regados a sorrisos e lágrimas,
dão frutos pelo suor e esforço,
nos nutrem de novos sonhos,
nos alimentam de esperanças,
enchem-nos de força para lutar a cada dia.

Sem sonhos o homem não passa de um pedaço de
massa perdido no espaço,
um ser vazio, sem razão de ser,
boneco que anda, fala, mas não pensa,
planta que nasce, cresce e morre sem viver,
um homem sem sonhos não é ninguém.

Sonhos são o sopro divino de vida,
a alma do homem,
aquilo que o torna um ser,
o que o diferencia das plantas e animais,
o que dá razão a sua existência,
aquilo que há de mais humano no homem.

Após terminar de recitar o poema, Francisco sorriu e foi aplaudido de pé por todos que assistiam à palestra e ouviram ele falar.

Uma semana se passara desde a palestra, na semana seguinte Francisco sairia de férias, Adson assumiria seu lugar, mas já começara a arrumar suas coisas, a mala já estava pronta, a passagem reservada, só que ele não avisou a família, queria fazer uma surpresa. No dia da viagem, antes de sair, resolveu

conferir as correspondências, só havia uma para ele, uma carta, na verdade um cartão, um convite. O convite foi enviado por Clara, aquilo o deixou perplexo, mas como tinha que ir embora resolveu ler quando estivesse no táxi. Ao ler o convite ficou completamente abalada, no rodapé do cartão ela havia escrito a próprio punho: “Gostaria muito que viesse ao meu casamento”. Aquele era o convite de casamento de Clara, ela iria se casar alguns dias depois que ele chegasse a Raio de Luz. Francisco ficou tão perturbado que não sabia o que fazer e decidiu não ir para a casa de seus pais, quando chegou a Raio de Luz se hospedou num hotel e ficou pensando no que fazer, era Clara quem se casaria, todas as suas esperanças terminariam. Ele passava o dia todo no quarto andando de um lado para o outro tentando pensar no que deveria fazer, não conseguia comer e nem dormir, tomava vários banhos por dia por causa do calor e do suor por estar tão agitado. Ele nem se quer ligou para sua família ou para algum amigo para avisar que tinha chegado, só conseguia ocupar sua mente com um acontecimento eminente, que para ele seria uma grande tragédia, o casamento de Clara. No dia da cerimônia ficou todo o tempo sentado na cama com os cotovelos sobre os joelhos e a cabeça apoiada sobre as mãos, um olhar vazio e uma expressão desoladora no rosto. Se aproximava a hora do casamento e Francisco resolveu tomar mais um banho, era o quinto dia, depois de se enxugar vestiu sua roupa e deitou na cama, só que não conseguia dormir, seu coração batia muito forte, foi então que tomou coragem e saiu correndo para a igreja, chegando lá não teve coragem de entrar, a igreja estava linda, toda enfeitada, sentia que não ia suportar ver aquela de quem tanto gostava se casando com outro, mas também não conseguia sair do lugar, estava paralisado. Alguns instantes depois, um carro chegou e dentro dele sai a noiva. Francisco ficou boquiaberto, ela estava linda, aos poucos ele ia conseguindo tirar os pés do lugar até que chegou perto dela e a chamou:

- Clara!

Ela olhou para o lado e ficou perplexa, era Francisco quem estava ali. Ela o olhou com ternura, deu um sorriso e disse:

- Que bom que você veio, fico muito feliz por você estar aqui.

Baixando a cabeça, ele disse:

- Clara, por favor, não se case.

Ela ficou preocupada e estranhou o pedido dele, e perguntou:

- Por que você me pede isso?

Daí ele ergue a cabeça, penetra os olhos dela com os seus cheios de lágrimas e entre soluços exclama:

- Porque eu te amo.

Clara ficou bastante perturbada e confusa, mas ao olhar para o altar e ver seu noivo tentou ficar calma e disse ao amigo que acabara de se declarar a ela:

- Ele também me ama e é por isso que vou me casar, desculpe, não posso atender ao seu pedido, já tinha prometido me casar com ele.

Recobrando o fôlego, Francisco diz:

- Promessas não têm a menor importância, o que importa é o amor. Você por acaso o ama?

Clara se surpreende com as palavras que ouve, entristece o olhar e responde:

- Realmente sei que não o amo, mas ele me ama. Posso aprender a amá-lo com o tempo, sei que podemos ser muito felizes.

Francisco percebe que seus argumentos não a faz mudar de idéia, então, com olhar desolado e triste, ele pergunta:

- E o que você sente por ele?

Estranhando a pergunta, a jovem assim mesmo responde:

- Eu tenho muito carinho por ele, ele me faz sentir segura e protegida, me sinto especial ao lado dele.

Francisco vira as costas para sua amada e, cabisbaixo, fala:

- Jamais poderia te dar a segurança que sente quando está com ele, sou inconstante e volúvel demais. Espero que seja muito feliz, porém não sei se conseguirei ser. Adeus.

Quando estava inda, ela o chama:

- Não vá! Fique aqui, estou te pedindo! Seria tão bom se ficasse para o meu casamento.

Ele enxuga o rosto e pronuncia suas últimas palavras antes de ir:

- Assim como você não pôde atender ao meu pedido, não posso satisfazer o seu. Seria doloroso demais pra eu continuar aqui. Adeus, meu amor.

Depois de ter dito isso ele sai correndo se sentindo completamente perdido e sem rumo. Mesmo preocupado com o amigo, Clara entra na igreja e celebra seu casamento. No entanto reza muito para que o amigo possa deixar a tristeza de lado e ser feliz.

Francisco chega ao hotel, arruma sua mala, fecha a conta e vai embora, não chega nem mesmo a passar na casa de sua família, não se sentia bem para procurar nenhum amigo, só quer ficar sozinho e chorar, e é isso que faz durante toda viagem. Quando finalmente chega em casa, seus olhos estão inchados de tanto chorar.

Mesmo com toda a exaustão da viagem e o cansaço por estar tantos dias sem dormir, Francisco não consegue ir pra cama, o abalo emocional sofrido foi muito grande, não fazia outra coisa além de pensar em Clara e chorar. Até então não tinha certeza do que sentia por ela, na verdade buscava não acreditar que era amor, que podia esquecer, porque ela não o correspondia. Só que no momento em que a viu, todas as dúvidas em relação a seu sentimento desapareceram, era amor

sim, quis esquecer, mas aquele sentimento já era parte dele. Porém, no lugar da dúvida que acabara de se dissipar surgiu o desespero, um medo enorme de perdê-la, mesmo sem a ter tido, medo dela se casar e acabar com sua esperança de conquistar seu coração, de ter seu amor. Nesse desespero tentou convencê-la a não se casar, mas sua tentativa, mesmo tendo se declarado, foi em vão e ele se lastimava. Não tinha raiva do homem que iria se casar com Clara, nem magoa por ela, sentia-se apenas frustrado por não ter podido fazê-la amá-lo, e mais, achava-se um desgraçado porque todas as vezes em que se apaixonou foi desprezado. Claro que pra ele isso não teria a menor importância se Clara sentisse por ele o mesmo que sentia por ela, no entanto, não era assim e cada vez que pensava e lembrava de Lúcia, Fábria, Lídia e Clara isso só o fazia sentir-se pior. Como não conseguia dormir, resolveu tentar escrever, mas não vinha nada a sua cabeça, só pensava em Clara e no casamento, ficou horas sentado na sua escrivaninha em frente a uma folha de papel em branco.

No dia seguinte, pela manhã, Adson e Bárbara chegaram na casa do rapaz. Adson havia jantado na casa de Bárbara e como passaram muito tempo conversando com os pais da garota, acabou ficando tarde e ele dormiu na casa dela. Chegaram bem sedo apesar de ser domingo, queriam passar o dia juntos. Mas assim que entraram na sala notaram algo estranho, a mala de Francisco. Bárbara, estranhando aquilo, pergunta ao namorado:

- Ué, que mala é essa?

Adson prontamente responde:

- Essa mala é de Francisco. Mas ele viajou tem uma semana, o que ela faz aqui?

Bárbara:

- Não sei. Talvez ele tenha voltado antes do previsto.

Adson:

- É, você tem razão, mas porque ele não levou pro quarto?

Bárbara:

- Quem sabe tenha chegado agora a pouco e deu uma saidinha, por isso deixou aqui na sala.

Adson:

- Pode ser. Mesmo assim é estranho. De qualquer forma é melhor levar a mala pro quarto dele.

Quando entraram no quarto de Francisco, Adson e Bárbara se espantaram com o que viram: Francisco estava desacordado sobre uma poça de sangue em cima da sua escrivaninha. Mesmo assustado o casal resolveu chegar mais perto, constataram que os pulsos de Francisco estavam cortados, aterrorizados com aquilo trataram de chamar uma ambulância, que não demorou muito para chegar já que era um domingo. Os enfermeiros levaram Francisco para o hospital onde foi operado e recebeu uma transfusão de sangue, devido a grande perda, e foi internado em observação. A polícia foi chamada e constatou, ao encontrar entre as coisas de Francisco uma foto de Clara e o convite de casamento, que o rapaz havia tentado se suicidar e comprovaram isso ao ouvir o depoimento de Adson, onde falou o que o amigo sentia por Clara e, além disso, as impressões digitais encontradas na faca ensanguentada que estava no quarto eram do próprio Francisco.

Saindo da delegacia, Adson, muito abalado com tudo o que aconteceu, foi pra casa, Bárbara o acompanhou. Chegando lá os dois resolveram limpar o quarto que estava todo sujo. Enquanto limpavam, Bárbara perguntou ao namorado:

- Você acha mesmo que Francisco tentou se matar?

Adson responde:

- Tentar se matar eu não sei, mas ele cortou os pulsos porque estava desesperado. Só chamei a polícia mesmo para registrar a ocorrência.

Bárbara se espanta com a resposta:

- Como você tem tanta certeza disso?

Adson então tira um papel do bolso, abre e entrega a namorada dizendo:

- Isso estava caído ao lado da escrivania, peguei antes que a polícia viesse ver o local.

Bárbara ficou perplexa, naquela folha de papel tinha uma poesia escrita por Francisco, era a letra dele. Um poema escrito a próprio punho e com o próprio sangue. A garota ficou espantada, o que tinha no papel descrevia bem o que havia acontecido e deixava claro que foi o próprio Francisco quem se feriu por conta própria, além de fazer qualquer um que lesse aquele pedaço de papel perceber a grandiosidade do que Francisco sentia por Clara.

Após uma semana de internação, Francisco recobra a consciência. O incidente deixou seqüelas, não só nos braços dele, mas principalmente em sua alma. Toda a tensão sofrida desde a notícia do casamento de Clara até o incidente ocorrido em seu quarto contribuiu bastante para que sua recuperação fosse lenta. Quando ficou sabendo que o amigo tinha acordado, Adson tratou logo de ir vê-lo. Chegando lá, mesmo estando debilitado, Francisco explicou o que ocorreu com ele:

- Eu estava desesperado, fiquei uma semana trancada num quarto de hotel, não sabia o que fazer, Clara iria se casar, não consegui dormir se quer uma noite, só pensava no que deveria fazer. No dia do casamento estava tenso, na hora do casamento resolvi ir, a minha intenção era vê-la se casar, com isso pensava poder esquecê-la, talvez assim esse sentimento desaparecesse de dentro de mim. Só que quando cheguei lá não tive coragem de entrar, queria ir embora, mas meu corpo ficou paralisado, não consegui me mexer, queria, no entanto não saía do lugar. Depois de algum tempo chegou um carro e dentro desse carro saiu Clara. Ela estava linda, meus olhos se perderam nela. A paralisia sumiu e pude ir até perto dela e a

chamei. Estranhamente tentei convencê-la a não se casar, naquele momento comecei a perceber que o que sentia era bem mais que uma paixão. Na recusa dela a atender meu pedido, declarei meu sentimento, naquele momento que percebi o meu amor por ela. Percebi o abalo dela diante da situação, mas vi também que não adiantaria de nada qualquer argumento meu, ela iria se casar independente do que dissesse. Foi horrível ver o olhar de pena direcionado a mim por ela. Clara entrou na igreja e, mesmo tendo insistido para que ficasse, eu fui embora. Sentia um grande desespero dentro de mim e quando cheguei aqui a dor em minha alma era tão grande que achei que se ferisse meu corpo minha mente se direcionaria a dor física mais do que ao que sentia em meu coração. Acabei me ferindo mais do que devia, estava muito tenso, mas em momento algum tentei me matar, só queria esquecer um pouco tudo que tinha me acontecido e descansar.

Adson, após ouvir tudo isso, perguntou ao amigo:

- Naquele dia você sentia desespero. E agora o que você sente?

Francisco olhou para o amigo e respondeu:

- Desolação.

Depois de ter dito isso, com o olhar disperso, Francisco ficou em silêncio e, assim que amigo saiu, ele dormiu. Seu coração estava bem mais machucado que seus braços. Os pulsos já tinham cicatrizado, no entanto, o coração continuava a sangrar.

Alguns dias depois, Francisco pôde receber alta, Adson, juntamente com Bárbara, buscara o amigo no hospital. No caminho foram conversando sobre o estado dele, físico e emocional. Adson perguntou sobre sua recuperação:

- Você já se sente melhor?

Francisco prontamente respondeu:

- Bem, já me recuperei da cirurgia e também já tiraram os pontos de meus braços, agora só preciso fazer mais um mês de fisioterapia para poder recuperar os movimentos das mãos.

Bárbara resolveu então perguntar:

- E seu coração também já se recuperou?

Francisco olhou para ela, baixou a cabeça e disse:

- Não, ainda me dói muito pensar que ela se casou e que minhas esperanças se acabaram. Mas acho que deveria ficar contente por ela, gostaria muito que fosse feliz. Mesmo assim é difícil aceitar essa idéia.

Os olhos de Francisco ficaram cheios de lágrimas. Bárbara percebeu que não deveria ter feito aquela pergunta, apesar da mesma ter sido um impulso. Adson lançou um olhar de reprovação à namorada, o que a fez se sentir pior ainda. Quando Adson ia pedir para que Bárbara evitasse esse assunto, Francisco interveio:

- Não se aborreçam por minha causa, eu preciso mesmo superar isso. Não é evitando esse assunto que vou ficar melhor.

Depois disso, Adson desistiu de censurar a namorada, mesmo assim a garota disse que não mais tocaria no assunto, então, reiniciou o interrogatório:

- Você retornará ao trabalho daqui a menos de duas semanas, como pretende trabalhar com as mãos nesse estado?

Francisco calmamente respondeu:

- É, realmente será difícil, por isso precisarei da ajuda de Adson, ao menos até terminar a fisioterapia.

Adson sorriu e disse ao amigo:

- Pode contar comigo, vou te ajudar no que puder.

Depois fez uma pergunta da qual se arrependeu assim que terminou de fazê-la:

- Você pretende voltar a escrever?

Francisco notou o constrangimento do amigo assim que esse terminou a pergunta e tratou de acalmá-lo:

- Não precisa se preocupar comigo, já disse. E não sei se vou voltar a escrever, nessas condições será difícil pra mim, não consigo se quer segurar com firmeza numa caneta, além do mais não estou com ânimo pra isso. Só quando estiver recuperado é que poderei ter certeza, isso porque não era só o que sentia por Clara que me fazia escrever, mas se fosse, acredito que pararia de compor assim que saísse do hospital. Se voltar a escrever será por outros motivos, ao menos a princípio.

Bárbara não consegue se conter:

- A princípio por quê? Acha que pode voltar a escrever pensando nela?

Assim que fez a pergunta, a garota pôs as duas mãos na boca em sinal de auto-censura. Francisco sorriu, tanto da atitude quanto da pergunta e disse:

- Vocês não têm jeito, continuam se censurando por perguntar algo que querem saber. Bem, respondendo a sua pergunta, só posso dizer que não tenho certeza de nada, mas vou evitar escrever pensando nela, se voltar a escrever. Só que ainda sinto amor por ela e isso sei que não vai passar. Algo dentro de mim se quebrou, mas o amor que sinto por ela continua intacto. Na verdade a esperança dentro de mim se partiu e é isso que me dói. Se voltar a escrever pensando nela será em nome do amor que sinto por ela, mesmo não sendo correspondido, e não da esperança que habitava dentro de mim e se fazia constante em meus versos.

Quando chegaram em casa jantaram e conversaram sobre outros assuntos. Dessa vez era Francisco quem fazia as perguntas, queria saber como estava o relacionamento de Adson e Bárbara. A cada pergunta feita saía uma resposta cheia de constrangimento, no final do jantar os dois estavam vermelhos de vergonha por causa das perguntas de Francisco. Ele queria saber quando iriam se casar, onde seria a cerimônia, onde pretendiam morar, quantos filhos queriam ter. Depois que terminaram o jantar e a sessão de perguntas, Bárbara foi para a

casa dela, dessa vez Adson não a acompanhou por estar preocupado com Francisco, ela sabia disso, deu um beijo no namorado e foi embora.

Francisco resolveu ir dormir e Adson ficou lendo um pouco até tarde. Mesmo tentando disfarçar, Francisco estava muito triste e percebia a preocupação dos amigos com ele, queria muito voltar logo ao trabalho, achava que isso prenderia sua atenção e distrairia sua tristeza, também sabia que devido a seu estado físico não poderia fazer isso, tinha que aguardar sua recuperação antes de voltar a trabalhar.

O Novo Sonho

Faltava apenas uma semana para terminar as férias e Francisco estava quase recuperado, ia todos os dias a fisioterapia e também se exercitava em casa, os movimentos das mãos estavam quase normais, a escrita ainda era lenta, mas aos poucos ia melhorando. Uma certa noite resolveu sair para fazer um lanche, Adson foi jantar na casa de Bárbara, e ele queria andar um pouco. A noite estava frio, mesmo bem agasalhado ele sentia isso. Quando voltava para casa seu trajeto foi interrompido por alguém que o chamou:

- Ei, amigo, poderia me dar uma ajudinha, não comi nada hoje e estou com muita fome.

Era um mendigo sentado na calçada, ele vestia uma roupa velha e rasgada, tremia de frio e fedia muito. Naquele momento houve uma grande comoção dentro de Francisco, ele pensava que sua infelicidade era uma simples bobagem, pois tinha uma casa, um teto sobre sua cabeça, um trabalho para prover seu sustento, agasalhos para se proteger do frio e uma cama onde podia repousar tranqüilamente, disse a si mesmo que não tinha direito de ser infeliz, no entanto sabia que não poderia também ser feliz, pois, enquanto ele tinha tudo isto, outras pessoas passavam por necessidade, sentiam frio, fome e

não tinham onde repousar, pessoas como o mendigo que estava a sua frente e lhe pedia ajuda. Ele sabia que o homem maltrapilho e sujo a sua frente não estava ali por vontade própria, que, assim como ele, tinha uma história, uma vida que acabou por conduzi-lo ao estado em que se encontrava. Esse lampejo foi rápido, ao pensar em tudo isso, Francisco sentou-se ao lado do homem e quis saber um pouco dele:

- Qual o seu nome senhor? E por que o senhor vive nessa situação?

O homem ficou espantado com as atitudes e as perguntas feitas a ele, no entanto preferiu se manter em silêncio, não respondendo nada, apenas baixou a cabeça.

Francisco, então, levantou e pediu ao homem que esperasse um pouco que logo voltaria. De fato ele não demorou muito. Logo estava de volta e tinha em uma das mãos um cobertor e noutra um prato de sopa quente, entregou ao homem, tornou a sentar ao lado dele e pediu novamente que contasse sua história. Aquele pobre homem viu nos olhos de Francisco interesse e sentiu sinceridade em suas palavras, então resolveu revelar a ele sua vida:

- Eu me chamo Carlos. Eu vim do sertão do Ceará. Pensava encontrar trabalho aqui, muitos amigos vieram comigo, íamos trabalhar na construção de um prédio, mas tudo não passou de ilusão. Os contratantes só queriam mão-de-obra barata, sabiam que nosso desespero em fugir da seca nos faria aceitar qualquer coisa. Quando chegamos tivemos que dormir em um alojamento improvisado num armazém velho, nos cobríamos apenas com lençóis finos no chão duro e frio. Trabalhávamos de sete da manhã até as oito da noite, pela manhã nos davam dois pães velhos e uma caneca de café para comer, nosso intervalo para o almoço era de apenas trinta minutos, mal dava para terminar a marmita fria que mandavam trazer não sei de onde e já tínhamos que voltar ao batente, depois do trabalho eles nos davam uma sopa rala e nos

dispensavam. Muita gente não conseguiu agüentar essa vida, muitos foram pro hospital, muitos morreram, alguns foram embora e não vi mais, eu resisti porque tinha esperança de encontrar alguma coisa melhor, mas enquanto não arranjava ia agüentando, suportava os maus tratos, a humilhação, ia vivendo, se é que dá pra chamar de vida, me sentia um escravo. Eu achava que tudo iria melhorar quando a obra fosse concluída, mas foi aí que a pior parte desse pesadelo começou. Os contratantes dispensaram todo mundo depois do pagamento, nos deram menos do que tinham combinado, mas não podíamos fazer nada, já que não tínhamos carteira assinada. Fomos iludidos e abandonados à própria sorte, muita gente perdeu a razão e se matou, outros se revoltaram e se tornaram bandidos, ladrões a maioria e muitos desses, acredito, devem ter morrido. Eu não tinha coragem para nada disso e acabei aqui nas ruas jogado como lixo. É essa a minha história rapaz, não é nada bonita.

Francisco estava comovido com a história daquele homem e teve vontade de ajudá-lo:

- Você tem família? Será que eles não esperam notícias suas?

Escorreu uma lágrima no rosto sujo daquele pobre homem:

- Não, minha família morreu de sede e fome. Minha mãe estava velha e não agüentou, meu pai se desesperou e acabou se matando, meu irmão mais moço resolveu vir para a cidade grande e deve ter encontrado o mesmo destino que o meu. Em meio a toda aquela seca, passando fome e sede, minha mulher deu a luz nossa filhinha, só que não resistiu e morreu no parto, fiquei sozinho com a criança recém-nascida, ela estava desnutrida e sem o leite da mãe não tinha nada pra comer, ela não passou dos três dias de nascida. Não tinha mais nada pra fazer lá, nada do que plantava nascia e a dor da perda era insuportável, sempre que olhava para a varanda lembrava

de meus pais com meu irmão mais novo e imaginava minha esposa com nossa filha no colo, isso me dava uma dor muito grande no peito, queria sair de lá de qualquer jeito, pois estar lá era muito doído. Acabei vindo pra cá num caminhão e aconteceu tudo como já te contei.

Assim que o homem terminou de contar sua história, os olhos de Francisco não paravam de jorrar, ele chorava muito, ele sentia a dor daquele pobre homem que estava a sua frente, se levantou e disse:

- Vamos Carlos, venha a minha casa que vou te ajudar.

Ele estranhou:

- Como assim me ajudar?

Francisco:

- Você vai tomar banho, dormir e amanhã você começa a trabalhar pra mim.

O homem ficou comovido com a atitude do rapaz a sua frente, se levantou, colocou a mão no ombro do jovem e disse:

- Eu agradeço muito, mas não posso aceitar, existem pessoas que precisam mais que eu, é melhor você ajudar essas pessoas.

Francisco ficou emocionado com as palavras que ouviu e não se conteve, abraçou aquele homem desconhecido e lhe disse:

- Tudo bem. Vou procurar ajudá-los, mas antes preciso ajudar você.

Carlos não contestou mais, aceitou a proposta e foi até a casa de Francisco.

Depois que Adson chegou, ele ouviu toda história e concordou em ajudar também. No dia seguinte, antes de Adson ir pro trabalho, ele e Francisco discutiram sobre como ajudar Carlos e chegaram à conclusão de que naquele momento o melhor a fazer era deixá-lo ajudar em casa. Naquela manhã

Francisco saiu com Carlos para comprarem roupas e uma nova cama, já que Carlos havia dormido no sofá. Muita gente achou estranha a presença de um mendigo naquelas lojas, mas como Francisco o acompanhava não o fizeram sair, apesar de olharem pra ele com desconfiança. Quando voltaram para casa, Carlos tomou um novo banho e vestiu uma das roupas novas que compraram. Nesse dia, à tarde, depois do almoço, Carlos começou o seu trabalho, ajudando Francisco a arrumar a casa, o acompanhou na fisioterapia, limpou o quintal. A noite, antes de Adson chegar, como ainda não tinha encontrado uma solução definitiva para o problema de Carlos, Francisco o chamou para conversar e lhe pedir uma sugestão:

- Carlos, o que as pessoas que vivem na rua precisam para sair dessa vida?

O interesse de Francisco era bem mais abrangente que ajudar Carlos, ele queria poder ajudar muito mais pessoas, e já que Carlos tinha acabado de sair daquela vida, poderia sugerir algo que Francisco ainda não tinha pensado. Após algum tempo de reflexão, Carlos deu a sua resposta:

- Bem, Francisco, o que as pessoas nas ruas realmente precisam é arrumar trabalho, se elas tivessem um trabalho não estariam nessa vida. Porém não é fácil pra ninguém que se encontra nessa situação conseguir um emprego, a maioria das pessoas acha que são vagabundos ou que se nos derem uma oportunidade vamos roubá-los. Claro que não é só isso, muitas dessas pessoas acabam se viciando em drogas para esquecer a fome, com isso acabam aceitando fazer serviços para traficantes e outros bandidos, boa parte das pessoas nas ruas são viciados em álcool e fazem qualquer coisa para conseguir uma bebida. Para tirar as pessoas das ruas é preciso, antes de tudo, tirá-las de fato das ruas, levá-las a um lugar onde possam dormir tranquilamente, sem medo de serem transformados em tochas humanas ou sofrerem outro tipo de agressão.

Nesse momento, Francisco o interrompe com uma indagação:

- Mas não existem diversos alberges pela cidade? Eles não são suficientes?

Carlos prosseguiu seu raciocínio, respondendo a pergunta feita:

- Como eu estava dizendo, o primeiro passo é tirar as pessoas das ruas e levá-las a um lugar onde possam dormir com algum conforto, é claro que existem diversos alberges pela cidade, só que eles só oferecem isso, e alguns nem isso. O segundo passo é a recuperação dessas pessoas, livrá-las das drogas, do alcoolismo e também dos diversos traumas. Para isso é preciso que haja um espaço onde possam se distrair, ter um lazer e esquecer as coisas horríveis que acontecem nas ruas, esse espaço a maioria dos alberges não têm, claro que é preciso dar comida a eles, isso faz parte do processo de recuperação, mas não é suficiente. O terceiro passo é decisivo e consiste em reabilitá-los, dar a eles a condição de trabalhar, ensinar diversos ofícios para que eles possam sair de lá para construir uma nova vida, para que não retornem às ruas. Não vai adiantar tumultuar um lugar de gente, dar-lhes de comer e ficar por isso mesmo. É preciso fazer bem mais, e mesmo que seja um processo demorado, acredito esse ser o melhor.

Essa sugestão deixou Francisco extremamente entusiasmado e quando Adson chegou conversou sobre o assunto com ele e com Bárbara, que resolveu vir com o namorado na saída do trabalho e ficou sabendo da história de Carlos por ele. Os três juntos resolveram que iriam tocar esse projeto em frente, iam criar um local que servisse de abrigo, casa de recuperação e reabilitação para moradores de rua, eles não se importariam se esse sonho demorasse a se realizar, estavam dispostos a lutar por ele. Bárbara e Adson ficaram felizes por fazer parte de algo tão grandioso e altruísta, além de estarem contentes por Francisco ter encontrado novo ânimo

para sua vida. Quanto a ele, se sentia bem em poder estar com um novo sonho em seu peito, um sonho que considerava menos egoísta que os de até então, um sonho que o impulsionava a ajudar pessoas necessitadas e que precisavam de uma nova oportunidade, um novo caminho pra suas vidas.

No dia seguinte, Francisco e Carlos visitaram diversas imobiliárias a fim de encontrar um terreno apropriado para a construção do espaço onde pretendiam reabilitar moradores de rua e trazê-los de volta ao convívio social. Os dois passaram o dia todo procurando, mas encontraram o local que julgaram apropriado: era um sítio nas imediações da cidade, possuía uma grande área livre onde podiam construir os alojamentos, salas para estudo e reabilitação, além de espaço para plantio e recreação. Quando chegaram em casa falaram do lugar para Adson e então combinaram para ir ver o local no sábado, ligaram para Bárbara e a convidaram para ir junto.

O sábado chegou rápido, Bárbara e Adson adoraram o local, era uma pena não haver um lugar como aquele no centro da cidade, mas também era muito bom deixar as pessoas afastadas do tumulto e da agitação da cidade. O sítio era um lugar tranqüilo e isolado, excelente para o processo de tratamento que pretendiam dar aos moradores de rua. Logo depois de ver todo o local, Francisco, Adson e Bárbara assinaram o contrato de compra do sítio: Francisco e Bárbara pretendiam reservar uma parte do ganho de seus livros para o pagamento, já Adson iria reservar uma porção do seu salário.

Depois que todos voltaram pra casa, Francisco teve a idéia de convidar os demais escritores, colegas dele e de Bárbara pra ajudarem. Adson propôs que se elaborasse um projeto e depois apresentasse pra que assim obtivessem, com maior facilidade, a adesão dos outros, foi o que fizeram. Passaram o domingo todo elaborando o projeto, as sugestões de Carlos foram fundamentais para a conclusão, inclusive foi ele, devido a sua experiência em construção civil, quem desenhou a

planta do lugar que deram o nome de “Casa de Reabilitação para Moradores de Rua Novo Caminho”. Francisco sugeriu “São Carlos”, Adson, por ser protestante, não concordou, daí Bárbara sugeriu que fosse “Novo Caminho” e todos aprovaram. Ficaram alguns detalhes a serem acertados, mas no geral o projeto estava pronto, assim que o projeto estivesse completamente terminado iriam mostrar aos outros escritores no intuito de obter o apoio deles.

Na segunda-feira, Francisco estava de volta ao trabalho, suas mãos ainda não tinham recuperado plenamente os movimentos. Foi cumprimentado por todos e sentia-se feliz por voltar a trabalhar, visitou todas as partes da fábrica, e Adson o pôs a par de tudo o que precisava saber.

Alguns meses se passaram, Francisco já havia recuperado os movimentos das mãos por completo e voltara a escrever, mas não escrevia mais poemas falando de sentimentos, seus pulsos haviam se curado, no entanto seu coração ainda estava muito ferido. Estava muito animado com o projeto da casa de reabilitação, pois na reunião que teve com os demais escritores, ao apresentar a idéia, a mesma foi aceita por todos, que resolveram aderir com uma parcela de seus ganhos com os livros, eles doariam 20% do que iriam receber. Francisco estava ansioso para pôr em prática o projeto, isso lhe dava tamanha inspiração que não conseguia parar de escrever, escrevia poemas religiosos e com temas sociais.

Passou-se algum tempo e logo todos estavam lançando novos livros, até mesmo Francisco que demorou a recomeçar a escrever tinha um livro pronto. Foi feita uma grande festa, esta novamente na fábrica. Além de lançar os novos livros a festa tinha a intenção de apresentar o projeto, que seria depois dos livros e das entrevistas, a idéia era de cativar as pessoas a colaborar com o projeto.

Bárbara foi a primeira a apresentar seu novo livro: “A Caminho da Felicidade”. A contista estava muito entusiasmada

com seu novo livro, foi muito aplaudida, seus dois primeiros fizeram muito sucesso e a perspectiva em relação ao terceiro era muito boa, e não decepcionou.

O último a apresentar seu livro foi Francisco, era sua quarta obra, todos estavam ansiosos por versos românticos e apaixonados, mas foram surpreendidos por “Uma Nova Visão”, poemas que falavam de problemas sociais e de religião. Apesar da mudança, houve grande alvoroço no momento em que ele apresentou o livro.

No momento da entrevista, por conta de sua mudança de estilo, Francisco foi quem teve de responder o maior número de perguntas. A primeira foi:

- Por que você, Francisco, deixou de escrever poemas de amor para falar de questões sociais?

Ele prontamente respondeu:

- Porque, como diz o título do livro, busquei uma nova visão, quis ver o mundo por uma outra perspectiva. Não me sentiria bem se escrevesse sempre sobre as mesmas coisas.

Depois da resposta veio outra pergunta:

- Qual o significado do desenho na capa de seu livro?

Francisco pegou o livro, olhou para a capa e respondeu:

- Esse é o desenho de um Tau, o Tau é a décima nona letra do alfabeto grego e a última do hebraico, é um dos mais significativos símbolos franciscanos, é esse o motivo de o ter adotado. Foi uma forma de homenagear o santo de minha devoção. Dizem que o Tau é o sinal do amor emanado da cruz de Cristo. Além de estar na capa de meu livro, eu sempre trago o Tau que ganhei de meu irmão mais velho aqui no meu pescoço, ele me faz lembrar de Deus e isso me dá força todos os dias e me faz não desistir de meus sonhos.

Uma série de rodadas de perguntas se sucedeu até que voltaram a importunar Francisco:

- Francisco, é verdade que há alguns meses atrás você cortou os pulsos tentando se matar?

O jovem ficou com um olhar entristecido, pensou bastante antes de responder e mesmo tendo hesitado, resolveu falar:

- É verdade que cortei meus próprios pulsos, mas não tinha a intenção de me matar. Acho que só queria chamar um pouco de atenção.

Perguntaram logo então:

- A atenção de quem?

Francisco:

- Talvez a minha mesma, ou quem sabe a de alguém que está muito longe de mim.

Os repórteres insistiram:

- Qual o nome dessa pessoa?

Francisco sorriu e mentiu:

- Isso não importa, já passou.

As perguntas prosseguiram:

- Foi por causa dessa pessoa que você mudou seu estilo de poesia?

Ele novamente mentiu:

- Não, eu já a esqueci. Precisava me inspirar em algo novo para escrever e acho que fiz a escolha certa.

Depois disso, vendo que a entrevista estava tomando um rumo imprevisto e desagradável disse que só responderia a mais uma pergunta. Aí veio a última da noite:

- Ao mudar seu estilo de poesia, voltando-se para questões sociais, você quer dizer que não vai mais escrever poemas românticos como antes?

Francisco pensa bem até que responde:

- Não é isso que eu quis dizer. O fato de ter mudado não quer dizer que a mudança será permanente, esse tipo de poesia que estou fazendo agora é algo novo pra mim, me alegro muito com isso, mas isso não quer dizer que não volte a

escrever poemas como os de antes, mesmo porque quando comecei a escrever não tinha intenção de me restringir a um só assunto, mas de várias coisas. A minha inspiração até então me fazia escrever sobre sentimentos e agora se voltou a questões sociais. As pessoas que gostaram de meus três primeiros livros, espero que gostem do quarto e dos demais que estão por vir e o que vai estar escrito neles só o tempo poderá dizer, por isso, espero que aguardem.

Depois disso, houve a apresentação do projeto. Carlos ficou responsável por essa parte, ele estava bastante nervoso, mas quando chegou a hora de mostrar a planta ele já se sentia à vontade e pôde explicar tudo de forma detalhada:

- No local haverá dois prédios grandes e um pequeno. O prédio pequeno servirá de depósito. Um dos grandes será dividido em alojamentos, com beliches e guarda-roupas e com dois banheiros e outra parte será o refeitório com a cozinha. O outro prédio servirá como sala de aula, visando alfabetizar e aprimorar os conhecimentos das pessoas que estiverem instaladas lá, também servirá como local para reuniões e palestras a fim de reabilitá-los e livrá-los de vícios. No sítio também teremos uma quadra poliesportiva para que todos possam desfrutar de momentos de diversão. Mais a frente teremos uma horta onde todos poderão trabalhar e também um outro prédio que funcionará como uma pequena oficina onde se pretende passar diversos ofícios para que cada um possa escolher o que achar melhor.

Em seguida mostrou a foto do sítio:

- Esse é o sítio onde esse projeto será transformado em realidade. Os escritores que aqui apresentaram seus livros se comprometeram em doar uma parte de seus ganhos para comprar o sítio e construir no local.

Carlos encerrou sua participação declarando:

- Espero que dê tudo certo e que possamos ajudar o maior número de pessoas possível a sair de uma vida triste e miserável e voltar ao convívio social.

Depois disso, houve um longo instante de aplausos. No fim, só se falava da “Casa de Reabilitação para Moradores de Rua Novo Caminho”. Quando estava pra sair, Francisco foi abordado por um repórter que lhe interpelou:

- Fiquei sabendo que Bárbara vai contribuir com 50% do que ganha com seus livros nesse projeto de criação dessa casa, os demais vão dar 20% e você Francisco, com quanto pretende colaborar?

Francisco se sentiu constrangido com a pergunta, todo o ganho dos livros que escrevesse daí em diante pretendia usar no projeto, mas não teve coragem de dizer e preferiu desconversar:

- Bem, prefiro não falar sobre esse assunto.

Então foi chamado por Carlos, Bárbara e Adson, que pediram que ele esperasse um pouco que já estavam indo também. Então foram todos juntos para a casa de Francisco. Bárbara ligou para os pais avisando que não voltaria pra casa. No dia seguinte todos estavam exaustos, o evento foi mais prolongado que o normal.

Na segunda-feira pela manhã, quando chega a sua sala, Francisco se depara com um jornal em sua mesa. A notícia de capa é: “Anuncio e criação de instituição assistencialista é o ponto alto de festa de lançamento de livros”. A reportagem cita os livros e os autores, mas se dedica mais ao projeto de criação da casa de assistência a moradores de rua. Francisco fica feliz com aquilo, e aliviado também, porque não saiu nada sobre suas respostas durante a entrevista.

Apesar da mudança em seu estilo, o livro de Francisco fez muito sucesso, sobre tudo os poemas: “Desigualdade”, “Uma Nova Visão” e “Extensão do Pai-Nosso”, esse último em

especial, devido a ser o próprio “Pai-Nosso” acrescido de elementos complementares.

Desigualdade

É difícil ser feliz e sorrir,
enquanto existe gente de fome morrendo por aí.
É triste um mundo desigual,
onde poucos são abastados
e muitos perecem.

A vida nem sempre parece justa,
os justos sofrem tanto,
os ímpios se fartam.
É horrível ver gente caída na rua,
e quem poderia, não estende a mão.

Não quero acreditar numa sociedade cruel,
não se importa com o destino de ninguém,
não opera as mudanças necessárias,
ignora seus filhos que sofrem,
vira as costas pra todos que precisam.

Prefiro crê que juntos faremos grandes
transformações,
reerguer todos que estão no chão,
saciar de vida os que julgavam a ter perdido,
não veremos mais rostos tristes,
não haverá olhos derramando lágrimas.

Uma Nova Visão

Um certo dia olhei pela janela,
percebi que o mundo tinha mudado,

não havia mendigos nas ruas,
não se via rostos tristes.

Saí de casa para verificar melhor,
não consegui acreditar que aquilo era possível,
mas era verdade,
todos estavam felizes e sorridentes.

Tudo parecia tão natural,
eu achava estranho,
no dia anterior era tudo tão horrível,
e agora parecia um paraíso.

Do fundo do meu coração acreditei que era real,
foi aí que acordei e pela janela olhei e vi o caos,
saí na rua para conferi,
tudo aquilo de tão maravilhoso tinha sido um sonho.

Quando voltei pra casa fiquei pensando
e imaginando com seria bom que aquele sonho fosse
realidade
e percebi que poderia ser
se todos quisessem e fizessem acontecer.

Aquilo que vi não havia sido só um sonho,
era o prelúdio de um mundo que poderia ser,
não uma mudança da noite para o dia,
mas uma nova visão de um futuro.

Extensão do Pai-Nosso

Pai de todos nós,
Tu que abitas a morada celeste,
Proclamado Santo em toda parte seja Teu nome,

Venha até nós o Teu reino de amor e paz,
Que seja sempre feita Tua vontade,
Tanto aqui em meio aos homens
Como na morada divina,
O alimento de cada dia conceda-nos hoje por Tua
graça,
Dai-nos o perdão pelos males que cometemos,
Assim como devemos procurar perdoar-nos
mutuamente,
Nos fortaleça para vencer as tentações que nos
cercam,
E proteja-nos de tudo de pernicioso e ruim a nossa
volta.
Que assim seja. Amém.

Além do livro de Francisco, o de Bárbara estava fazendo muito sucesso também. No entanto, o que mais alegrava a todos era o andamento do projeto que ia se encaminhando rapidamente.

O Projeto

Passaram-se alguns meses e o sítio já estava quase pago, graças a diversas doações, inclusive da editora e da fábrica. Começaram a construir os prédios e assim, pouco a pouco, ia surgindo o espaço físico onde funcionaria a “Casa de Reabilitação para Moradores de Rua Novo Caminho”. Adson, Bárbara e Francisco estavam felizes por estarem conseguindo concretizar o projeto tão rapidamente. Carlos se sentia emocionado por poder fazer parte de algo tão grandioso e de poder ajudar outras pessoas a sair das ruas, assim como o tinham ajudado.

O Tempo passava rápido e, com o tempo, tudo o que até então parecia uma idéia ia tomando corpo e ganhando forma. Só faltava construir o prédio onde funcionaria a oficina quando Adson saiu de férias. Ele levou consigo Bárbara, pretendia apresentá-la a sua família. Eles adoraram conhece a mulher que ele tanto amava e com quem pretendia se casar.

Sozinho em casa, Francisco ia compondo seu novo livro, ainda com temas sociais e religião, seu coração ainda doía ao pensar em Clara e lembrar que estava casada. Por vezes, à noite, sonhava com ela, com a cerimônia de matrimônio, e acordava com o coração palpitante, de vez em quando pegava uma folha de papel e rabiscava algumas palavras, versos, frases, compunha novos poemas, no entanto, esses deixava guardado numa gaveta da escrivaninha de seu quarto, não pretendia incluí-los ao seu livro, não se sentia pronto para lançar um novo livro com os temas de antes.

Carlos estava alojado em um hotel próximo ao local onde ficava o sítio, era mais prático, já que era o responsável por supervisionar a obra que estava para se concluir. Francisco só o via nos fins de semana, quando podia ver o andamento do trabalho.

Estava quase tudo completo quando Adson retornou das férias juntamente com Bárbara, só faltava a pintura, a compra de móveis e instalação de alguns equipamentos. Bárbara havia retornado da viagem com uma série de contos prontos e com inspiração para concluir o livro, ela gostou muito de conhecer a família de Adson e também estava feliz por ver que o projeto de ajudar os mendigos estava podendo se realizar.

Adson voltou ao trabalho cheio de entusiasmo e alegria ao ver que tudo o que ele e seus amigos planejaram estava se concretizando e também aliviado por ver Francisco bem, já que estava preocupado com ele, pois sabia que o amigo ainda não tinha se recuperado completamente do impacto que

foi o casamento de Clara, sábia que Francisco a amava e não ia esquecê-la, sabia que o projeto lhe distraía, ocupando-lhe a mente, impedindo-o de pensar sempre em seus sentimentos. Ele não sabia, nem precisava saber, que a noite Francisco chorava andando pela casa a noite, deitava em sua cama e olhava para o teto, punha a cabeça sobre o travesseiro sem que o seu rosto deixasse de jorrar lágrimas por seu coração ferido e ainda não curado.

O tempo ia passando, até que finalmente o local estava pronto pra funcionar. Francisco, Adson e Bárbara procuraram o senhor Henrique e o senhor Luiz Otávio a fim de sugerir uma inauguração em grande estilo. A pretensão era de ao mesmo tempo em que iriam inaugurar o lugar, também apresentariam os novos livros prontos. Os donos da fábrica e da editora adoraram, pois já estavam cansados de fazer suas festas na fábrica e no clube. Apesar de ser um local distante e isolado, gostaram muito da idéia.

Os preparativos estavam prontos, a festa de inauguração da “Casa de Reabilitação para Moradores de Rua Novo Caminho” seria um evento de grande importância para todos os que fizeram parte do projeto. Apesar da presença maciça da imprensa, ficou certo de que não se faria uma entrevista formal durante a festa, mas seria liberado para os jornalistas fazer perguntas a todos os escritores e demais envolvidas no evento durante o coquetel.

A festa começou com a cerimônia de inauguração. Carlos foi escolhido por Adson, Bárbara e Francisco para cortar a fita. Ele também foi o primeiro a discursar, emocionando a todos com sua história. Em seguida falara o senhor Luiz Otávio, o senhor Henrique e logo após Adson fez um breve comentário. Logo depois cada escritor apresentou seu livro e depois disso faziam breves discursos falando da grande importância daquele evento e o que ele significava. Bárbara e Francisco foram os últimos. Ela estava bastante emocionada e

até chorou, mostrou seu novo livro, “Os Sonhos Podem se Realizar”, e disse em poucas palavras o quanto se sentia feliz por fazer parte de algo tão grandioso. Francisco encerrou a cerimônia com seu novo livro, “Um Novo Caminho”, o título era uma forma de homenagear o projeto que era o sonho que se tornou realidade, informou que o livro ainda abordava os mesmos temas do anterior e falou da importância da inauguração daquele local, disse ainda que aquele era apenas o primeiro passo, pois outros mais ainda seriam dados.

Apesar de ter acabado sedo, devido o local ficar bem distante da cidade, a festa foi um sucesso. No dia seguinte, Adson, Bárbara, Carlos e Francisco estavam exaustos, mesmo assim começaram a planejar o segundo passo e estavam bastante animados, já que durante a festa receberam propostas de doações e de outros tipos de ajuda. Resolveram que iriam procurar ONGs, instituições e entidades que pudessem auxiliá-los, ao menos nesse primeiro momento.

A segunda-feira chegou e logo na entrada do trabalho, Francisco, Adson e Bárbara, que acompanhava o namorado, foram calorosamente aplaudidos e receberam, cada um, a edição do jornal do dia com a manchete de capa: “Casa de Reabilitação para Moradores de Rua Novo Caminho inaugura em grande estilo”. A reportagem falou de todo o projeto e dos planos a serem concretizados e fazia referência aos livros lançados naquela noite. Todos estavam muito contentes com tudo o que estava acontecendo.

Carlos passou todo o dia contatando todo o tipo de entidade que pudesse ajudar, com isso conseguiu a ajuda de representantes de organizações que tratam de pessoas viciadas, de entidades educacionais, instituições de ensino profissionalizante, entre outros. Todas as instituições iriam passar pelo local ao menos uma vez por semana a fim de realizar o seu trabalho. Apesar disso tudo, ainda precisavam de voluntários que passassem algum tempo no local com os ex-

mendigos, que cozinhassem e fizessem a limpeza, ao menos até que eles mesmos pudessem fazer isso. Estavam todos preocupados com isso, pois o lugar não poderia começar a funcionar sem essas pessoas.

A semana estava para acabar quando Francisco recebeu uma ligação, era o representante diocesano da Pastoral da Juventude local, ele o estava convidando a participar de um evento a fim de mostrar aos jovens a importância de se ajudar o próximo, e ainda o incentivou dizendo que com isso queria que os diversos membros da PJ se responsabilizassem por uma ação concreta, participando do projeto dele e ajudando os moradores de rua a sair das ruas. Francisco aceitou e juntamente com Carlos, Bárbara e Adson apresentou a casa de reabilitação a diversos jovens em um galpão, todos ficaram muito entusiasmados e resolveram se comprometer. Na semana seguinte um comboio de ônibus levou um grande número de jovens ao local, lá discutiram a melhor forma de poderem trabalhar, no fim se decidiu a dividir o trabalho por paróquias, cada paróquia iria ao local uma vez por semana e dentro de cada paróquia se formariam grupos para se revezarem, sendo que dois ou três membros seriam coordenadores e deveriam estar sempre com seu grupo no local.

Estava tudo preparado, durante a semana diversos membros da PJ, juntamente com a Polícia Militar, que se comprometeu a ajudar, os idealizadores do projeto e os escritores que contribuíram, iam passando a noite pelas diversas ruas da cidade e recolhiam os mendigos e levava para a casa de reabilitação. Passaram todas as noites da semana nesse trabalho. Algumas pessoas iam com mais facilidade, já outras eram bem mais difíceis de convencer, mas no fim tudo deu certo. No fim de semana, mesmo com todos cansados, tiveram ânimo para ir ao local e conversar com todos que estavam lá. Eles estavam felizes por poder ajudar tantas pessoas. Quando voltaram para casa, eles estavam exaustos, Francisco e Adson a

semana praticamente toda sem dormir, já que ao sair do trabalho iam em casa para tomar banho e passavam a noite levando os mendigos para a casa de reabilitação. Carlos e Bárbara passavam o dia resolvendo questões referentes ao sítio e a noite também iam levar os moradores de rua.

A semana seguinte foi mais tranqüila, Carlos dirigia bem o local, a Polícia Militar dava a segurança e tudo transcorria bem. A primeira semana foi apenas de acondicionamento, os trabalhos só iriam começar mesmo na semana seguinte, quando as diversas entidades promoveriam seus trabalhos. No domingo, Francisco convidou o padre da paróquia vizinha ao sítio para celebrar uma missa para todas aquelas pessoas. Bárbara e Adson também se fizeram presentes. O padre falou da importância de se ajudar o próximo e elogiou muito a atitude de se criar um local para trazer de volta ao convívio social pessoas que foram abandonadas e agora viviam nas ruas. No final da celebração Francisco fez uma oração pedindo para que o projeto seguisse adiante e que mais pessoas se dedicassem a causas como aquela.

O projeto ia transcorrendo bem, aos poucos tudo ia se encaminhado, alguns ex-mendigos logo se recuperaram e aos poucos foram assumindo as tarefas do lugar: Limpeza, cozinha etc. Os livros também estavam fazendo bastante sucesso, principalmente “Um Novo Caminho”, de Francisco. Em pouco tempo esse livro já estava entre os mais vendidos do ano, todos conheciam os poemas dele e os de maior destaque eram: “Sonho”, “Um Novo Sonho” e “Novo Caminho”.

Sonho

Sonho com uma noite de lua cheia
onde possa admirar o céu estrelado
com um olhar despreocupado
me sentindo bem comigo e com todos.

Sonho com uma manhã de sol,
a luz entrando pela janela
iluminando a sala
e trazendo alegria.

Sonho com uma tarde tranqüila
com um vento fresco em meu corpo,
leve frescor no ar
e um pôr-do-sol no final.

Sonho com o dia em que todos possam aproveitar isso,
não tenham que se preocupar com a fome,
não precisem se proteger do frio,
não sofram os males que há no mundo.

Sonho com a realização desse sonho,
todos sendo iguais,
se tratando como irmãos,
vendo o que há de bom na vida.

Um Novo Sonho

Hoje acordei com um novo sonho em meu peito,
vi o sol nascer e contemplei a beleza do amanhecer,
percebi que a vida é bem mais do que pensava,
meus olhos escorreram de emoção.

Notei que no mundo existe mais gente que eu,
que o dia vem iluminar a todos,
e também que a noite recai sobre todas as cabeças,
a natureza não faz distinção.

Nós é quem criamos preconceitos,

damos existência à discriminação,
nos achamos superiores aos demais
e os abandonamos deixando-os de lado.

Agora o que eu quero é levar a luz,
mostrar a claridade do sol a quem, mesmo de dia, vive
nas trevas,
iluminar seus olhos com esperança e alegria,
mostra-lhes que têm direito de viver.

Novo Caminho

Um novo caminho para trilhar,
a vida não é só sonho,
é também realizar.

O novo caminho é de ajudar,
mudar o mundo,
pouco a pouco chegamos lá.

No novo caminho Deus vai estar,
na jornada vai nos guiar,
assim não nos perdemos no caminhar.

Nosso novo caminho é do Senhor,
sem desistir e sem desanimar,
força teremos pra vencer a dor.

Esse novo caminho vou percorrer,
cada dia passo a passo vou prosseguir,
e no final sei que vou vencer.

Novo caminho pra todos nós,
convido vocês a comigo vir,

aí a vitória será maior.

Os meses iam passando e a casa de reabilitação rendia bons frutos. Muitos ex-moradores de rua iam saindo de lá já com novos empregos, graças aos cursos profissionalizantes que recebiam e ao apoio dado por diversas empresas que faziam questão de contratar profissionais treinados naquele local.

Um certo dia aconteceu algo surpreendente. Em um sábado à tarde, estando Adson, Bárbara e Francisco no local, conversando com Carlos na sala da direção sobre o andamento de tudo, de repente chega uma visita inesperada, um empresário disposto a colaborar com tecidos para confecção de roupas e oferecendo emprego para pessoas que possam trabalhar na indústria têxtil, já que era dono de um fábrica de tecidos. Esse homem veio acompanhado de sua esposa e dos dois filhos, um menino e uma menina. Queria conhecer e mostrar o lugar à família, mas tinha uma outra intenção em mente, encontrar seu irmão mais velho de quem tinha se separado há muito tempo, e o encontrou assim que adentrou a sala da direção, esse homem se chamava Cláudio e era o irmão mais novo de Carlos. Assim que se viram, apesar das mudanças provocadas pelo tempo, reconheceram-se de imediato, como se os anos não tivessem passado. Eles choraram muito e Carlos contou ao irmão o que houve com seus pais e como tinha perdido sua família. Adson, Bárbara e Francisco sentiam-se felizes por ver aquele reencontro. Quando todos estavam mais tranquilos, Cláudio contou o que lhe sucedeu e como chegou a uma condição diferente da que o irmão chegou:

- Quando vim do sertão, cheguei aqui na capital e não encontrei emprego, então fui para o interior, consegui um trabalho numa fábrica de tecidos de um senhor muito bom. Com o tempo ganhei sua confiança e ele me deu o cargo de chefe do setor de produção. A fábrica ia crescendo, até que o dono resolveu montar uma filial em outra cidade e me pediu

para cuidar da administração. Foi lá que conheci Teresa, que hoje é minha esposa. Começamos a namorar e tínhamos planos de nos casar logo, mas aconteceu uma série de problemas e pela falta de capital a fábrica ameaçava fechar. Quando tudo parecia perdido, o dono me fez uma proposta, queria que eu comprasse a filial da fábrica, passando a ser o dono dela, assim ele poderia salvar a matriz, e ficando com a filial eu poderia tentar reerguê-la. Tive que consultar Teresa sobre o assunto, vinha economizando para o nosso casamento, mas ela entendeu e aceitou, assim me tornei dono da fábrica que tenho hoje. No começo foi difícil, tivemos que despedir muitos funcionários, estávamos sempre no vermelho, houve dias que trabalhamos Teresa e eu nas máquinas, fazíamos muito isso nos fins de semana a fim de termos produtos pra vender, foram tempos difíceis, que conseguimos superar. Depois de algum tempo nos casamos e tivemos nossos filhos.

Carlos estava muito contente pelo irmão ter tido uma sorte melhor que a sua. Estava alegre por conhecer seus sobrinhos e sua cunhada. No domingo ele foi à casa de Cláudio para poderem conversar melhor e voltar a relação de irmãos. Carlos agora tinha uma nova família.

Os amigos de Carlos: Adson, Bárbara e Francisco, que o ajudaram tanto, estavam felizes com o reencontro dele com o irmão Cláudio, e por esse estar em uma situação tão boa como estava.

A Morte

Os meses se passaram, a casa de reabilitação obtinha a cada dia progressos maiores. Os livros iam sendo vendidos, ao ponto de se esgotarem nos estoques, pois a oferta não conseguia atender a demanda. Foi aí que o senhor Luiz Otávio e o senhor Henrique resolveram juntar a fábrica e a editora, fariam uma fusão entre as duas empresas, que passariam a ser

uma só. Logo que foi tomada a decisão, fez-se uma reunião com todos os gerentes das duas empresas e em seguida os demais funcionários foram comunicados da decisão e informados sobre o processo de ampliação que se faria necessário, o que implicaria em um período de férias coletivas.

O tempo transcorria, a data de início das férias coletivas logo chegaria. Bárbara estava com um livro por concluir e Francisco tinha o seu quase pronto. Para surpresa de todos, viu-se que Francisco retornara a escrever sobre sentimentos. Ele tinha se convencido de que fugindo não poderia resolver a questão e deveria encarar tudo de frente, tirou os poemas que escreveu de dentro da gaveta da escrivaninha de seu quarto e os reuniu no novo livro. A intenção da reunião era de poderem fazer o lançamento dos livros logo no início das férias, fariam uma tiragem limitada para depois produzirem em grande escala no retorno ao trabalho. Francisco sugeriu que se fizesse algo diferente dessa vez, que os livros dele e de Bárbara, ambos por concluir, não fossem apresentados em São Paulo, como os anteriores, para causar um maior impacto, ele sugeriu que fosse na cidade de onde ele veio, em Raio de Luz, interior da Bahia. Bárbara concordou e achou ótima a idéia. Todos aceitaram a sugestão e alguns dias depois, com os livros já concluídos, foram produzidos alguns exemplares.

Já em Raio de Luz, Francisco, Adson e Bárbara procuraram um local apropriado para o evento de lançamento dos livros. Sabendo da chegada de Francisco na cidade, a câmara de vereadores oferece seu prédio para a realização da festa. Infelizmente o local era muito pequeno para o evento. No fim encontraram o lugar ideal, o auditório de uma escola pública. A direção do colégio ficou muito satisfeita em ceder o espaço.

O senhor Luiz Otávio e o senhor Henrique não poderiam participar da organização do evento, por isso, esse

trabalho ficou a cargo de Francisco, Adson e Bárbara, que se esforçaram muito para organizar a festa. Quando tudo estava pronto, já na semana em que ocorreria o lançamento, Adson e Bárbara tomaram uma séria decisão, marcaram seu casamento para a semana seguinte ao evento. Francisco ficou contente com a decisão deles.

O sábado finalmente chegou, as diversas autoridades locais se fizeram presentes a fim de prestigiar o evento, assim como muitos amigos de Francisco e também de Adson, alguns que eles já não viam há algum tempo. O senhor Luiz Otávio e o senhor Henrique também compareceram ao evento, mas apenas como convidados, já que só puderam estar lá no dia do próprio evento.

Bárbara apresentou seu novo livro de contos, “Caminhos da Felicidade”. Falou da grande importância de estar lançado seu livro naquela cidade e agradeceu a presença de todos. Ela pensou em falar de seu casamento, mas preferiu se calar para que tudo transcorresse de forma tranqüila.

Quando Francisco foi anunciado recebeu uma longa salva de palmas, muitos de seus amigos estavam lá, Paulo e a esposa Rita, Nívea, Vera e os seus irmãos João e Antônio com suas mulheres. Francisco teve que conter suas lágrimas quando falou do livro, “Pra Você Meu Amor”. Após seu discurso sobre a sua mais recente obra ele foi cumprimentar os amigos. Deu um abraço em Paulo, falou com Pedro, que também estava lá, falou com Iran e seu padrinho de Crisma Juliano. Pediu desculpas aos irmãos por não ter comparecido ao casamento deles, que, aliás, foi no mesmo dia da inauguração da casa de reabilitação. Conheceu suas cunhadas, ou melhor, a esposa de Antônio, Olívia, pois já tinha conhecido Naiara a mulher de João, foram apresentados no dia do casamento de Paulo, quando ainda estavam namorando.

Depois de algum tempo conversando com os irmãos e falando sobre a casa de reabilitação, Francisco tomou coragem

e foi falar com Vera e Nívea e perguntou a elas por Clara, já que, mesmo recebendo o convite, ela não compareceu ao evento. Vera e Nívea tentaram desconversar, mas no final acabaram revelando que Clara estava passando por problemas com seu marido e que essa foi a razão de não ter podido ir. Ele sentiu que deveria perguntar mais sobre o problema, a fim de obter mais detalhes, queria ajudar, mas se recriminou, pois achava que não era certo se meter no casamento de Clara.

Francisco pediu licença a Nívea e Vera e saiu um pouco do auditório para tomar um pouco de ar. Nesse momento alguém chegou por trás dele e tocou seu ombro, no reflexo ele virou o rosto e olhou para ver quem era. Para sua surpresa era alguém com quem não tinha contato há muito tempo e queria muito ver, era sua amiga Silvia, ela estava no evento, mas até àquela hora ele não tinha notado sua presença. Assim que se virou e a viu sorrindo pra ele, também sorriu e a abraçou forte e disse:

- Quando entreguei o convite a sua irmã não pensei que você viria, ela tinha me dito que há muito tempo não tinha notícias suas. Mas que bom que veio.

Ela estava de licença, mesmo assim estava de hábito, após ouvir as palavras do amigo ela lhe falou:

- Estou muito contente por voltar a vê-lo, nós dois conseguimos realizar nossos sonhos. Quando cheguei em casa, ontem à tarde, minha irmã me contou que você estava aqui na cidade e me contou que iria lançar seu novo livro, minha vontade era de ir na mesma hora pra sua casa vê-lo, mas minha irmã me entregou seu convite e preferi vir hoje. Eu estou muito feliz por você, muito feliz por nós dois.

Depois dessas palavras, desfizeram o abraço e ficaram parados olhando um para o outro e sorrindo. Parecia que o tempo que havia passado fora anulado, estavam iguaisinhos a quando participavam do JUBUC, ficaram a noite toda conversando. Silvia falando sobre o convento e seus trabalhos e

experiências lá, Francisco sobre seus livros e o projeto que havia criado juntos com seus amigos Adson e Bárbara. Eles não viram o tempo passar e quando se deram conta, a festa já tinha acabado e todos já tinham ido embora. Francisco levou Silvia até sua casa e depois foi pra dele.

Domingo à noite, Francisco foi à missa, lá foi cumprimentado pela comunidade por seu livro e pôde estar mais uma vez com seus amigos e conversar novamente com Silvia, que também esteve na missa. Clara não apareceu na igreja àquela noite, o que deixou Francisco ainda mais preocupado com ela, pois sabia que Clara não costumava faltar às missas.

Durante a semana quis ir à casa de Clara para poder conversar com ela, mas duas coisas o impediam, os preparativos do casamento de Bárbara e Adson, com o qual estava muito envolvido, e o fato de não saber como reagiria ao vê-la novamente depois de tanto tempo, com isso, resolveu que só iria até a casa dela depois do casamento de seus amigos. Apesar da preocupação com seu grande amor, Francisco sabia que precisava estar bem num momento tão importante como aquele.

A semana foi corrida e finalmente o sábado chegou, o grande dia para Adson e Bárbara. A igreja estava muito bonita, ornamentada com flores e laços, enfeitada com balões e corações por toda parte. Adson esperava sua amada no altar, estava muito nervoso, andava de um lado para o outro sem parar, suava frio, seu coração batia disparado. Bárbara então chegou, estava linda com seu vestido branco, seu peito palpitava de felicidade e um sorriso aparecia estampado em seu rosto. Quando a tomou pela mão, Adson abriu um grande sorriso e a olhando nos olhos se acalmou. A cerimônia foi linda, o pastor fez um prolongado discurso sobre o amor e o casamento. No final, tanto Adson como Bárbara choraram muito, além deles, Francisco também se emocionou bastante,

pois fez parte daquele instante tão importante para a vida dos dois.

Além de Francisco, Paulo também estava lá, mas sua esposa não quis ir, pois achava que não deveria, já que não conhecia os noivos, por isso, Paulo foi só. Antônio e João, os irmãos de Francisco, também receberam convites, mas se sentiram inibidos pela mesma razão de Rita, esposa de Paulo, além disso, não gostavam de estar em igrejas não católicas.

Depois da cerimônia não houve festa, Adson e Bárbara preferiram fazer um almoço no domingo com os amigos. Mais uma vez Francisco e Paulo estavam lá. Enquanto o almoço não começava, os dois colocavam a conversa em dia. Falaram sobre seus trabalhos, sobre a casa de reabilitação, relembrou o tempo em que participavam do JUBUC. Para ambos o tempo em que eram membros de um grupo de jovens foi muito importante.

Depois que o almoço acabou, Paulo e Francisco foram para casa. Adson e Bárbara iriam fazer uma viagem de lua-de-mel no dia seguinte, passariam cerca de um mês fora. Paulo e Francisco relembrou, em seu trajeto, o tempo em que eles e Adson trabalhavam juntos e lembraram também de suas paixões. Nesse momento a conversa começou a tomar um rumo que gerou desconforto para Francisco, que revelou a seu amigo que não esquecera Clara e, mesmo tendo ela se casado, não conseguia deixar de pensar nela. Nesse momento, Paulo falou que Clara passava por uma crise em sua vida e que, mesmo não sabendo ao certo do que se tratava, sabia que seria difícil pra ela superar tudo sozinha, ela precisava de ajuda.

A noite, na missa, novamente Clara não estava, perguntado a algumas pessoas por ela, Francisco soube que há muitas semanas ninguém a via na igreja. Ao término da missa, ele tratou logo de ir para casa, deitou em sua cama e, olhando para o teto, imaginava uma maneira de ajudar. Ele percebeu

que a situação não estava boa para Clara, pois se não fosse assim ela poderia ir à missa sem problemas.

Na segunda-feira, Francisco se despediu de seus amigos Adson e Bárbara, que viajaram em lua-de-mel. O resto do dia passou tomando coragem para ir falar com Clara. Ele sabia que precisava encontrá-la, no entanto estava nervoso e tinha medo de sua reação ao encontro. No dia seguinte tomou coragem e foi até a casa de Clara, ele sabia que encontraria sua amiga num momento difícil, mas de fato não tinha idéia quão terrível era a situação. Ele levava consigo um exemplar de seu livro mais recente, seu intuito era animá-la. Chegando ao local onde ela morava, hesitou bastante antes de bater a porta, não tinha a menor noção do que iria encontrar, ao bater na porta não demorou muito a ser atendido. Era Clara, estava com um aspecto bastante abatido e cansado, ao ver Francisco seus olhos se encheram de lágrimas e ela o abraçou. Ele percebeu que a situação era pior do que imaginava. Entrou e sentou com ela, por algum tempo ambos ficaram em silêncio, até que Francisco tomou coragem e perguntou:

- Clara, o que está acontecendo?

Ela começou a chorar e novamente o abraçou. Ele a abraçou e disse:

- Tenha calma, eu vim aqui pra te ajudar no que puder. Me conte o que está havendo.

Clara respirou fundo, engoliu as lágrimas e contou:

- Ronaldo, meu marido, era maravilhoso, mas estava com alguns problemas no trabalho, ele não dividia isso comigo, achava que poderia superar sozinho. Quando foi despedido chegou em casa bêbado, foi horrível, no dia seguinte me pediu desculpas e disse que aquilo não voltaria a acontecer, que só tinha bebido para ter coragem de contar o que aconteceu, eu disse a ele que estaríamos juntos em todos os momentos, fossem bons ou ruins. Passou-se algum tempo e ele arranhou um novo trabalho, mas se sentia aborrecido por ganhar pouco e

quase todas as noites saía com uns amigos que eu não conhecia e voltava muito tarde. Cada dia era pior. Ele não estava bebendo, suas roupas não tinham cheiro de álcool, mas estava muito estranho. Novamente ele perdeu o emprego, mas dessa vez ele não parecia se importar com isso, saiu com os amigos como se nada tivesse acontecido. Dessa vez ele só voltou no outro dia pela manhã, me disse que havia conseguido um bom trabalho e que ganharia muito dinheiro. Eu perguntei onde ele iria trabalhar, mas ele não quis me dizer, falou que não deveria me intrometer nesse assunto. Eu fiquei ainda mais preocupada do que já estava, mal conseguia dormir. Um dia, arrumando a casa, encontrei entre as coisas dele um pacote, era um pó branco. Quando ele chegou perguntei a ele o que era aquilo e ele confirmou minhas suspeitas, era cocaína. Brigamos muito, ele disse que eu não deveria ter me intrometido no trabalho dele, depois disso ele saiu correndo e disse que iria trabalhar. Meu marido estava envolvido com drogas e, além de consumir, também fazia o tráfico. Encontrei com Nívea e Vera, elas me disseram que eu deveria convencer Ronaldo a se tratar, deixar as drogas. Elas estavam certas, quando ele chegou em casa tomei coragem e falei com ele, mas não adiantou, ele estava fora de si, certamente estava muito drogado, então aconteceu o que eu nunca esperava que pudesse acontecer, ele me bateu.

Francisco ficou pasmo com isso e, mesmo querendo muito, não conseguiu dizer nada. Clara continuou, com os olhos vermelhos e mergulhados em lágrimas:

- Ele me bateu muito, fiquei cheia de hematomas, mas o que doía mais era saber que ele, que era tão gentil e carinhoso comigo, tinha se transformado por causa das drogas. Quando recobrei a consciência vi que ele não estava, certamente havia ido ao seu trabalho. Cuidei das minhas feridas eu mesma, não queria que ninguém soubesse do acontecido, na verdade você é a primeira pessoa com quem falo sobre isso. Depois de cuidar de meus ferimentos, tomei banho e fui dormir. Acordei no

outro dia pela manhã com Ronaldo acariciando o meu rosto e me pedindo perdão. Ele disse que me amava, eu disse a ele que se me amasse de verdade confiaria em mim e deixaria as drogas. Ele começou a chorar e me contou como tinha se envolvido em tudo aquilo, é horrível até lembrar.

Ao ouvir isso, Francisco a interrompeu:

- Se não quiser não precisa dizer nada.

Ela abriu um sorriso em meio às lágrimas:

- Obrigado querido amigo, mas se você quer realmente me ajudar, preciso te contar tudo. Como estava dizendo: Ronaldo se envolveu com as drogas logo que foi despedido de seu emprego. No dia em que chegou bêbado em casa ele tinha sido despedido, mas não foi o único, outro amigo dele também tinha sido despedido, a razão da demissão foi o fato de terem encontrado maconha na sala onde ambos trabalhavam. Ronaldo sabia que aquilo era do amigo, no entanto não o delatou, com isso ambos foram mandados embora. O amigo, se é que podemos chamar de amigo alguém que ajuda a destruir a vida de uma pessoa, quis agradecer por não ter sido denunciado, pois se isso acontecesse seria preso. Levou meu marido a um bar e ofereceu maconha pra ele, Ronaldo recusou alegando que não gostaria que eu soubesse de nada, mas ele acabou convencendo Ronaldo, dizendo que o álcool iria disfarçar qualquer suspeita que eu viesse a ter e parece que ele tinha razão. Com a insatisfação com o novo trabalho, ele saía com esse amigo e conheceu outras pessoas envolvidas com drogas e passou a sair todas as noites com elas, passou então a usar cocaína, pois a maconha já não tinha o mesmo efeito sobre ele. Foi nisso que perdeu o novo emprego, chegava atrasado e não conseguia fazer seu trabalho direito. A noite conseguiu outro emprego, com seu antigo colega de trabalho que o havia envolvido em tudo isso, ele estava agora trabalhando para um traficante de drogas, vendia cocaína e maconha para os viciados, mas também consumia, é esse o grande problema, o

que ele ganhava no tráfico servia basicamente para sustentar seu vício. Ele me disse que iria tentar parar, por ele mesmo e por mim. Naquele mesmo dia fui à igreja, assisti a missa e rezei um terço, fiquei aliviada por não ter visto ninguém conhecido, não queria que soubessem que fui espancada pelo meu marido.

Ela parou e disse que precisava tomar um copo de água antes de terminar a história. Naquele instante, Francisco percebeu que Clara estava tomando coragem para concluir seu relato. Quando ela voltou respirou fundo e seguiu em frente:

- Eu estava feliz e cheia de esperanças, achava que aquele pesadelo iria acabar. Mas quando entrei em casa vi algo que jamais esperava ver, foi horrível. Ronaldo estava debruçado sobre a mesa, seu coração quase não batia. Do lado do corpo tinha um bilhete, dizia que ele só poderia deixar o tráfico morto e que levaram a televisão e o aparelho de som como primeira parcela do pagamento e ainda dizia que se eu fizesse alguma denúncia à polícia eu seria morta. Eu estava apavorada, escondi o bilhete e chamei a polícia. Ronaldo não chegou a morrer, mas está em coma há vários dias, os médicos disseram que havia sido a alta dose de cocaína que inalou. Você entende Francisco, os bandidos fizeram parecer que ele tinha se drogado, eu tenho certeza que não foi isso. A polícia me perguntou se eu sabia onde meu marido conseguia a droga, o medo me fez dizer que não sabia. Conte pra Nívea e Vera, elas me ajudaram muito, mas só contei sobre o fato de Ronaldo se drogar e agora estar em coma, sobre as ameaças só tive coragem de contar agora pra você. Elas acham que não estou indo a igreja pelo estado de Ronaldo, mas não é só isso, os bandidos me ameaçaram e também a minha família, fiquei tão perturbada que acabei perdendo meu emprego, não conseguia me concentrar nele e acabei sendo despedida. Eu estou muito perturbada e não sei o que fazer.

Francisco estava perplexo após ouvir aquela história, não conseguia dizer nada. Quando Clara começou a chorar ele passou a mão em seu rosto enxugando suas lágrimas e disse:

- Não se preocupe, vamos encontrar uma solução juntos. Pode contar comigo para tudo que precisar.

Depois de dizer isso, Francisco se levantou para sair e quando já estava à porta Clara agradeceu:

- Obrigada, foi muito bom falar com você e saber que vai me ajudar a passar por tudo isso.

Ele sorriu e disse:

- Não precisa agradecer, eu gosto muito de você para ficar parado diante dessa situação.

Quando ele já estava longe, ela gritou:

- Desculpe por não ter ido ao lançamento de seu livro.

Francisco estava de costas quando ouviu, então se virou e veio até ela, olhou em seus olhos e falou:

- Não precisa se desculpar, não foi sua culpa nada do que aconteceu.

Ele se virou e saiu, quando ela já estava entrando ele disse sem se virar:

- Vá visitar seu marido, ele precisa muito de você.

Depois disso, ela entrou em sua casa e ele voltou para a dele.

A noite, Francisco não conseguia dormir, pensava em como poderia ajudar Clara. Ele a amava e nada fez com que isso mudasse, quando a viu tão frágil e triste teve vontade de dizer novamente que a amava, mas sabia que isso não era certo, ela era casada e seu marido estava no hospital, isso seria um desrespeito, além do mais ela sofria ameaças e ele não podia trazer mais preocupações. Passava da meia-noite quando o telefone tocou, Francisco achou estranho, quem poderia ligar uma hora daquelas? Era muito tarde, como seus pais estavam dormindo, ele resolveu atender ao telefone. Quando atendeu

ouviu uma voz triste e soluçante, era Clara, ela só conseguia repetir uma coisa:

- Ele morreu! Ele morreu!

Francisco entendeu logo que ela estava falando do marido, pediu para ela se aclamar e dizer onde estava, que logo iria encontrá-la. Ela estava no hospital e, assim que desligou o telefone, Francisco se arrumou e foi se encontrar com ela. Quando ele chegou no hospital, Clara veio correndo ao seu encontro e o abraçou e, chorando em seu ombro, ficava repetindo:

- Ele morreu! Ele morreu!

Francisco não sabia o que dizer numa hora daquelas e só conseguia ficar ali parado com ela em seus braços, acariciando seus cabelos e sentindo as batidas de seu peito. As lágrimas não paravam de jorrar do rosto de Clara, Francisco sentia-se triste por ela e ao mesmo tempo por ele mesmo, pois tinha que consolar a mulher que amava pela morte de seu marido. Depois de algum tempo em pé, eles foram levados à sala de espera e puderam sentar. Clara dormiu chorando no ombro de Francisco. Ela não quis sair do hospital, por isso, Francisco passou a noite toda ao lado dela. Pela manhã ela acordou mais calma, seus olhos estavam inchados de tanto chorar, mas parecia que já haviam secado, pois não saiam mais lágrimas deles, o desespero havia acabado, só restava a tristeza, a dor da perda. Francisco levou Clara para tomar café, mas ela não conseguiu comer nada.

Depois disso voltaram ao hospital, Clara queria ver o corpo de seu esposo novamente, Francisco acompanhou. Ronaldo estava imóvel, parado, seu coração já não batia, ele não respirava, sua pele estava fria, ele estava morto, falecido. Francisco olhava pra ele com tristeza, pois de certa forma havia confiado a ele a felicidade de Clara, e também pela forma como morreu, sugado por um vício, morto por bandidos. Olhava pra ele também com admiração, pois, tendo estado ao

lado de Clara a noite toda, pôde constatar o quanto era importante pra ela, por suas lágrimas e por ter sido mais corajoso que ele ao conseguir pedir Clara em casamento e ter se casado com ela. Clara olhava para o cadáver de seu marido com tristeza, ele havia acabado com sua vida por meio das drogas, o jovem cheio de entusiasmo e alegria com quem se casara tinha se perdido e se acabado, sentia tristeza pela morte, pela forma como morreu e por tudo que a antecedeu. Sentia-se desapontada com ela mesma por não ter evitado o envolvimento do marido com as drogas, de não o ter ajudado a superar seus problemas, sentia que não fora uma boa esposa para ele. Francisco parecia perceber o que se passava dentro de Clara e sem que ela precisasse dizer nada ele segurou sua mão, olhou em seus olhos e falou com ternura:

- Não foi sua culpa.

Ao ouvir isso, ela não se conteve, o abraçou com força e começou a chorar novamente.

Enquanto Clara chorava, Francisco a consolava. Depois de terem visto o corpo de Ronaldo, Clara pediu pra Francisco ligar para Nívea e Vera, ela não tinha condições de fazer isso, estava muito abalada com tudo o que tinha acontecido. Tendo feito conforme lhe pedira, Francisco ligou pra seus pais e avisou sobre o acontecido. Passou-se pouco tempo e logo Nívea e Vera estavam lá, ambas pediram dispensa do trabalho informando o acontecido. Enquanto Vera e Nívea consolavam Clara, Francisco resolveu sair, achava que já não seria necessário, mas para sua surpresa, quando já estava na porta, Clara levantou de onde estava, se afastou um pouco das amigas e gritou com força:

- Francisco, por favor, não vá, eu preciso de você, fica comigo, não se afaste de mim.

Ao ouvir isso, Francisco estremeceu, seu coração bateu em ritmo acelerado, começou a suar frio. Ela havia dito tudo o que ele gostaria de ouvir, mas não queria que fosse num

momento como aquele. Recobrando sua lucidez, ele percebeu que Clara só disse aquilo pelo momento, pois precisava do amigo perto dela, o amigo que seria sempre.

Francisco passou o tempo todo ao lado de Clara, conforme ela tinha pedido. Não a deixou num só momento, cuidou do velório e esteve com ela antes, durante e depois do enterro. Francisco levou Clara até sua casa e ficou lá com ela, muitos amigos e parentes dela que não puderam ir ao enterro foram visitá-la à noite. Francisco permaneceu o tempo todo ao lado de Clara. Já estava tarde e Clara ia tomar banho, então Francisco se levantou e falou:

- Já está tarde, eu tenho que ir. Espero que você fique bem.

Ela então segurou o braço dele e olhando em seus olhos pediu:

- Por favor, fique aqui, preciso que você fique aqui essa noite, não quero ficar aqui sozinha.

Ele não podia negar, não a ela, não naquele momento. Depois que ela tomou banho, ele disse que iria pra casa dele tomar um banho, mudar de roupa e logo voltaria, mas ela não deixou ele ir e ofereceu uma roupa do marido para ele, que acabou aceitando. Enquanto tomava seu banho, Francisco pensava nas palavras de Clara, de suas suplicas para que ficasse, não entendia porque justamente ele que tinha passado tanto tempo longe e não suas melhores amigas, Nívea e Vera. Antes de ir dormir, Clara agradeceu a Francisco por ter ajudado ela e como forma de agradecer por ter estado ao lado dela durante aquele dia, que foi tão difícil, deu-lhe um beijo no rosto e o único sorriso do dia. A cena o fez relembrar o momento em que percebeu o que sentia por ela há tanto tempo atrás. Ela passou a noite em seu quarto e ele dormiu no sofá.

Pela manhã, Francisco acordou bem sedo e preparou o café. Quando acordou, Clara não teve como recusar e acabou comendo. Ela havia passado todo o dia anterior sem conseguir

comer nada. Depois do café ele disse pra ela que deveria sair um pouco daquela casa e se quisesse poderia ir pra casa dos pais dele passar um tempo por lá, assim não ficaria só e poderia se distrair, ela sorriu e aceitou a idéia. Enquanto Francisco arrumava a cozinha, Clara preparava sua mala para ir para a casa de seu amigo.

Os pais de Francisco acolheram Clara com muita satisfação, eles gostavam muito dela e sabiam do momento difícil pelo qual passava. Ela ficou alguns dias por lá. Os amigos sempre iam vê-la e conversar, principalmente Nívea e Vera, Paulo também ia muito lá, falava com Clara e conversava com seu amigo Francisco. Silvia foi uma noite lá e, aproveitando a visita a Clara, se despediu de Francisco, ela iria viajar para ver alguns parentes e depois voltaria ao convento.

Depois de muito tempo sem ir à igreja, Clara participou da missa de sétimo dia de Ronaldo, todos que a conheciam falaram com ela e a animaram, ela ficou contente com essa demonstração de afeto, mas sua maior satisfação era ter Francisco ao seu lado lhe apoiando, consolando e dando forças. Depois da missa, Clara e Francisco foram para casa, eles conversaram muito àquela noite, ela iria voltar pra casa e procuraria a polícia a fim de contar tudo sobre a morte do marido, Francisco disse que a apoiaria e que iria a polícia com ela se quisesse, e ela queria.

Pela manhã, Clara tratou logo de arrumar suas coisas para voltar a sua casa, agradeceu aos pais de Francisco pela hospitalidade e se despediu. Francisco a acompanhou até sua casa, chegando lá encontraram tudo destruído e na parede um recado: “Você e sua família estão sobre nossa mira, se falarem com a polícia morrem”. Clara ficou apavorada e Francisco furioso, como aqueles bandidos podiam fazer aquilo? Clara já estava recuperando o ânimo e agora aquilo. Ela estava apavorada e não queria ir à polícia, tinha medo por ela mesma e por sua família.

A situação era desesperadora, mas Francisco encontrou a solução, se dirigiu diretamente ao Ministério Público, falou com o promotor de justiça e solicitou proteção para Clara e sua família. Ela contou tudo o que sabia sobre o tráfico de drogas, tudo que seu marido havia lhe contado antes de morrer. Passou-se algum tempo e logo os criminosos estavam presos e breve aconteceria o julgamento. A denúncia de Clara foi decisiva para que todos fossem condenados.

Todo aquele problema parecia estar resolvido. Francisco e Clara foram à praça para conversar e relembrar o tempo em que iam sempre lá e passavam horas a fio. Sentaram juntos e deixaram de lado assuntos aborrecidos, falaram apenas de coisas agradáveis. Ambos estavam muito felizes por todo aquele pesadelo ter acabado. Quando se levantaram para ir embora, se depararam com um homem armado, era o falso amigo de Ronaldo, ele queria se vingar de Clara pelo que ela tinha feito. Ela ficou imóvel, mas quando aquele homem apontou a arma pra Clara, Francisco a puxou pelo braço e saíram correndo pela praça, o bando, irado, deu o primeiro tido e errou, depois soltou injúrias contra Clara:

- Sua vadia, por sua causa toda minha ascensão foi em vão.

Depois de dizer isso deu outro tiro e tornou a errar. Francisco pegou uma pedra e arremessou no bandido, tentou acertar o revólver, mas acabou acertando o rosto, o que deixou o criminoso ainda mais irritado. O marginal deu mais dois tiros, um acertou a perna de Francisco e outro o braço de Clara. Clara não conseguia ficar calma, tentou ajudar Francisco mesmo estando ferida, mas quando estava quase conseguindo sair, o bandido deu um tiro na perna dela e foi se aproximando. O criminoso deu um empurrão em Francisco que caiu no chão e devido ao ferimento não conseguia levantar. Só restava uma bala no revólver, antes de dar seu último tiro o bandido fez questão de esclarecer a situação a Clara:

- Eu me envolvi com o tráfico porque era uma atividade que me dava dinheiro. Quando encontraram maconha na minha sala, sala essa que dividia com seu marido, saiba que não era eu quem consumia aquela droga, eu apenas vendia para uma boa parte do pessoal do escritório. Seu marido era um dos poucos que não consumia, mas isso acabou mudando. Apesar disso ele me ajudou:

Nesse momento, Clara o interrompeu:

- Ele te ajudou e você acabou com a vida dele.

O bandido deu um tapa no rosto de Clara e continuou seu discurso:

- Na verdade minha intenção era ajudá-lo mesmo, dei a droga pra ele fumar sem cobrar nada porque ele precisava relaxar, ele estava muito tenso, não imaginava que iria acabar se viciando. Depois de um tempo, ele veio me procurar a fim de conseguir trabalho e, como estava subindo na organização e era bem visto pelos chefões, arranjei o trabalho pra ele. O que devia pra ele paguei conseguindo esse trabalho, mas ele acabou jogando tudo fora, além de resolver sair do tráfico, ainda contou tudo pra você e você acabou nos entregando. Mas agora já chega, sua hora chegou.

Nesse momento, ele apontou o revólver pro peito de Clara, ele estava a uma certa distância e não poderia errar. O bandido atirou, mas a bala não atravessou o peito de Clara, Francisco usou suas forças para se colocar de pé e empurrar Clara para não ser atingida. O tiro acertou o coração de Francisco, que caiu logo no chão. O bandido saiu correndo, mas foi logo pego pela polícia que estava chegando ao local, haviam recebido uma denúncia sobre tiros na praça e foram verificar, mas acabaram chegando tarde. O criminoso já estava sendo procurado, ele havia conseguido fugir e foi ao encontro de Clara com o intuito de se vingar.

Enquanto a polícia chamava uma ambulância, Clara colocava Francisco em seu colo e chorava e repetia olhando para ele:

- Você não pode morrer, não pode.

Ele então abriu os olhos por um tempo breve, tirou o Tau de seu pescoço e entregou pra ela dizendo:

- Fique com ele, me fazia lembrar de Deus nos momentos mais difíceis.

Ao ouvir isso, Clara o recriminou:

- Não, fique com ele, é seu. Você não deveria ter se colocado na frente, aquela bala era pra mim.

No que Francisco respondeu:

- Não podia deixar você morrer sem fazer nada, não conseguiria viver sabendo que não estaria mais conosco e ainda mais tendo presenciado seu fim. Enquanto ao Tau, fique com ele, não me negue esse pedido, não se nega o último pedido a um moribundo.

Com lágrimas nos olhos ela disse:

- Tudo bem, eu fico com o Tau. Mas você não pode morrer, eu não conseguiria viver sem você.

Ao ouvir isso Francisco sorriu e pronunciou suas últimas palavras em vida:

- Clara, passou-se muito tempo, várias coisas aconteceram, mas uma coisa dentro de mim não mudou: Eu te amo.

Depois deu seu último suspiro. Clara então o tomou nos braços e o abraçou com força. Com suas últimas forças, Francisco correspondeu o abraço recebido e como gesto derradeiro uma lágrima escorreu pelo seu rosto e pingou nas costas de Clara. No que sentiu a lágrima molhar suas costas, ela percebeu que aquele foi o último gesto de amor da vida de Francisco, a forma que ele achou de dizer, uma vez mais, que a amava, antes de morrer.

Quando a ambulância chegou, levou Clara e Francisco ao hospital. As feridas dela foram tratadas, quanto a ele, já estava sem vida quando lá chegou, a bala havia traspassado seu coração. Ao ver o corpo imóvel de seu tão precioso amigo, Clara se debruçou sobre ele e pôs-se a chorar. O cadáver ainda mantinha certa temperatura, mas aos poucos a ia perdendo. A jovem agora se sentia triste e só, mais ainda que ao perder o marido. Ela chamou Nívea e Vera, suas melhores amigas e também os dois irmãos de Francisco, que chegaram ao hospital sem acreditar na notícia. No entanto, ao verem o defunto, não puderam conter o choro. Durante o passar do dia diversos amigos, fãs e admiradores do jovem poeta transitaram por lá, rosto algum deixou de o ver sem estar embebido em lágrimas. Era tarefa difícil consolar alguém, pois todos precisavam de apoio. No fim da tarde foi que Paulo chegou, estava em viagem de negócios e só ao retornar para casa soube da notícia. Adson ainda estava na lua-de-mel quando soube do acontecido, tendo sido avisado por Paulo. Assim que obteve a informação, Adson, juntamente com a esposa Bárbara, voltou a Raio de Luz com o intuito de prestar homenagem ao amigo e derramar por ele suas lágrimas.

A morte de Francisco se tornou uma notícia bastante divulgada pela imprensa, ao ponto de haver grande mobilização de jornalistas na porta do hospital. O senhor Luiz Otávio e o senhor Henrique souberam do ocorrido por Adson, que antes de retornar da viagem os informou. Eles resolveram prestar homenagem a Francisco parando as obras de ampliação da fábrica por uma semana, em luto, também se dirigiram à cidade de Raio de Luz a fim de lhe prestar uma última homenagem e solidariedade a familiares e amigos.

O Toque das Almas

Dois dias após a morte de Francisco, devido ao grande abalo e confusão gerados pela ocorrência daquele crime, formou-se um grande cortejo que se dirigia ao cemitério acompanhando o, já bem frio e sem movimento algum, corpo de Francisco, encarcerado ou guardado em seu caixão. Foi difícil proceder o enterro, muitos queriam vê-lo uma vez mais antes de o submergir a terra, outros preferiam não olhar, alguns não conseguiam acreditar até então no ocorrido. Imaginava-se que naquele momento muitos haviam de discursar a respeito da vida ou da falta que faria Francisco, mas a verdade é que ninguém tinha o que dizer, os olhos inchados e os rostos úmidos expressavam melhor que quaisquer palavras o que todos sentiam.

No momento em que o caixão foi descido, mesmo recebendo o abraço e o apoio de suas melhores amigas, Clara não pôde se deter, não conseguiria estar presente no local naquele instante, saiu correndo, aparentemente sem rumo, alguns não entendiam o porquê, os mais próximos achavam que a razão foi por ela ter presenciado o crime e por ele ter morrido em seus braços. Só duas pessoas ali presentes compreendiam o que se passava dentro dela, Paulo e Adson, os melhores amigos de Francisco, a quem confiou os segredos de seu coração e revelou o amor que sentia por Clara, amor verdadeiro, pois mesmo o tempo e a lonjura não o pôde desfazer ou diminuir, antes o deu certeza do que sentia. Eles conheciam-no mais que os muitos presentes e tinham convicção absoluta de que se havia disposto a morte por amor a Clara.

Assim que o caixão foi soterrado, as lágrimas de todos pareciam se intensificar, ninguém mais poderia olhar o resto de

Francisco, a desolação era tamanha que aparentava comover os céus, pois até mesmo as nuvens se desfizeram em pranto pela morte daquele poeta. A chuva e as lágrimas se mesclavam nos rostos de todos que ali estavam. A família de Francisco se abraçava forte, os pais, os irmãos e suas esposas formavam como que uma corrente e, a eles, aos poucos, foram se achegando Adson e Paulo com suas esposas e depois os demais que eram mais próximos de Francisco, a esse círculo solidário e triste só se notou falta de Clara, que em meio à chuva chorava seus prantos, olhava a praça e via o local onde seu tão estimado amigo proferiu suas últimas palavras, olhou ao redor e relembrou momentos que viveu com ele naquele local, pôs a mão no bolso e percebeu a presença de algo, era o presente de despedida de Francisco, o Tau que ele havia lhe dado antes de morrer. Ela olhou para aquela singela lembrança e chorou com tanta força que suas lágrimas podiam se discernir da forte chuva. Comprimiu o Tau contra seu peito e disse pra si mesma que agora estava só. Nesse momento algo estranho aconteceu, ela ouviu uma suave voz que lhe dizia:

- Você não está só, existem muitas pessoas que te querem bem.

Clara se assustou ao ouvir isso e se virando não viu ninguém por perto. Pensou então que a tristeza havia feito com que ouvisse coisas e que se acalmasse. Saindo da praça ela se dirigiu a igreja e ficou de frente da casa de Deus. Relembrou o dia de seu casamento e o que se tinha sucedido naquela data, ela olhou para o Tau mais uma vez e disse:

- Eu não mereci seu amor, não fui digna dele.

Assim que terminou essa frase a voz mais uma vez lhe veio ao ouvido:

- Se não fosse digna agora não estaria aqui chorando.

No susto, ela olhou para todos os lados e constatou não haver ninguém por ali presente. Depois disso foi pra casa. Passou boa parte da noite tentando imaginar o que Francisco

sentia por amá-la e não ser correspondido, imaginava também de onde teria vindo aquela voz, que, ao raciocinar bem, lhe parecia familiar. Antes de dormir, tentou convencer a si mesma de que aquela voz era fruto do estado melancólico em que se encontrava. Quando estava pra se deitar, deu um beijo no Tau que Francisco lhe dera, o colocou numa mesinha próxima a sua cama e antes de fechar os olhos disse:

- Sinto não ter correspondido seu amor, não queria que se afastasse de mim.

No que sobreveio a suas palavras novamente a mesma voz:

- Sempre estarei com você.

Desta vez ao invés de se assustar e olhar os lados, Clara sorriu e se pôs a dormir, se sentindo protegida e consolada.

Pela manhã Clara parecia se sentir bem, mesmo tendo participado do enterro de um amigo tão querido, ela mesma não compreendia o que se passava, pois apesar de toda a tristeza, teve um sono tranqüilo e agradável. Ela tinha a ligeira impressão de que ao ouvir a voz que lhe sussurrava docemente ao ouvido, ela se sentia bem, como se alguém a consolasse. Mesmo assim, ela fez algo inesperado, passou a se vestir exclusivamente de preto, guardaria luto pelo amigo, mesmo não o tendo feito pelo próprio marido. Muitos estranharam a atitude dela, no que ela dizia que enquanto seu marido, mesmo contra a vontade, havia condenado a sua vida, Francisco a salvara, dando a própria para protegê-la, e isso era a forma que encontrou para agradecer e lhe prestar homenagem.

Na missa de sétimo dia da morte de Francisco, estavam todos reunidos na igreja, Clara ainda guardando seu luto. Poucos choravam, não só por já ter se passado tempo pra isso, mas por preferirem recordar os momentos que passaram com ele, era mais agradável pensar nos momentos em que estiveram juntos a lembrar que se fora. Terminada a missa

todos foram embora, ninguém quis visitar o túmulo de Francisco, preferiram pensar nele enquanto estava vivo.

No dia seguinte, pela manhã, Clara acordou bem sedo e, enquanto arrumava o quarto, encontrou o Tau que Francisco lhe dera antes de morrer, tinha ficado sobre a mesinha de seu quarto desde o dia do enterro. Ela sentiu uma comoção tão grande em seu peito que decidiu ir ver o túmulo do amigo e, assim que terminou de arrumar a casa, mantendo ainda suas vestes negras, foi ao cemitério, tendo em suas mãos uma muda de rosas brancas, que colhera do jardim aquela mesma manhã. Trazia consigo também o Tau com o qual o amigo lhe presenteara, disse pra si mesma que sempre o teria consigo pra não se esquecer do seu tão estimado amigo e deu seu amor que lhe salvara a vida. Lá chegando, agachou-se ao lado do túmulo, olhou firmemente para o local e pronunciou as seguintes palavras:

- Me perdoe, eu não pude ficar para ver você ser enterrado. Só agora tive coragem pra vir aqui. Você me faz muita falta.

Ficou, então, em silêncio por alguns instantes, lágrimas lhe molharam o rosto, depositou as flores sobre o túmulo e tendo o Tau na outra mão, falou com dificuldade, devido ao choro:

- Essas rosas são para você, sei que são suas flores preferidas, por isso, trouxe aqui pra você.

Clara fechou os olhos e, enquanto suas lágrimas pingavam sobre a terra que recobria a morada do corpo de Francisco, uma suave brisa soprou e a voz que ela havia ouvido no dia do enterro tornou a lhe falar, dizendo:

- Prefiro-as vivas.

Ao ouvir isso, abriu os olhos e constatou que em sua frente havia uma pequena roseira com flores brancas, que lhe chegava ao nariz, podendo até mesmo sentir o cheiro da flor. Ela não entendia nada, esfregou os olhos para tentar saber se

não delirava, e ao abri-los novamente, agora via rosas vermelhas. Se assustou com isso e se pôs de pé e mais uma vez olhando para o túmulo, passou a ver rosas pretas. Clara, assustada com tudo aquilo, deu dois passos para traz, olhou para os lados e constatou que estava só, voltou os olhos para o chão e já não existia roseira alguma, apenas as rosas que ali havia posto. Emudecida com tudo aquilo, falou pra si mesma em pensamento:

- O que está acontecendo aqui? Tenho certeza de que vi uma roseira e também senti o cheiro das flores. Não estou entendendo nada.

Nesse instante, ouviu, mais uma vez, aquela voz:

- Se quiser saber, ponha o Tau no pescoço antes de dormir, não precisa ser hoje, faça isso quando se sentir pronta.

Depois disso, Clara foi pra casa e passou a manhã toda perturbada com o que havia acontecido no cemitério. No início da tarde recebeu uma visita inesperada, Adson foi falar com ela, explicar que Francisco tinha feito um testamento antes de ir para Raio de Luz e que o mesmo fora lido aquela manhã, disse ainda que revelava nesse testamento que amava uma garota há muito tempo e que não era correspondido, mas não revelava seu nome, ao ouvir isso Clara disse:

- Essa garota dever ter muita sorte, mas também é muito burra, pois Francisco era maravilhoso.

Adson sorriu e disse:

- Não precisa disfarçar, eu sei que essa garota é você. Francisco me contou muitas vezes o que sentia por você.

Ela ficou em silêncio e depois constatou:

- É verdade, mas sou muito burra por não ter correspondido.

Nisso, Adson a consolou:

- Você não tem culpa de nada, ninguém manda no coração.

Ela agradeceu e sorriu, depois disse:

- Mas é estranho. Se ele fez um testamento é porque achava que ia morrer. Ele estava com alguma doença?

Adson prontamente respondeu:

- Não, ele estava muito bem de saúde.

Clara:

- Se é assim, o porquê do testamento?

Adson:

- Eu acho que ele sentiu.

Clara estranhou a resposta:

- Sentiu? Sentiu o que?

Adson esclareceu:

- Sentiu a proximidade de sua morte.

Clara ainda estava confusa:

- Como assim?

Adson tratou de sanar a dúvida:

- Convivi muito tempo com Francisco lá em São Paulo, nós morávamos juntos. Nesse convívio, pude perceber que ele era ainda mais sensível que imaginava. Ele podia sentir as coisas, saber se alguém está sendo sincero ou mentindo olhando nos olhos, perceber se uma pessoa é honesta ou mal intencionada ao ouvir sua voz, notar o estado emocional das pessoas simplesmente com um toque. Além disso, tinham coisas que ele percebia sem olhar, ou ouvir, ou sentir de qualquer forma física, era como se fosse um sexto sentido ou algo assim.

Clara, ao ouvir a explicação, tentou se manter cética:

- Então, pelo fato dele ter feito um testamento, você acha que ele pressentiu a própria morte?

Adson a surpreende:

- Não só pelo testamento, também há o que aconteceu antes de irmos pra cá.

Ao ouvir isso, Clara ficou curiosa:

- E o que aconteceu antes de vocês virem?

Adson elucida:

- Antes mesmo de planejarmos a viagem, Francisco me disse que precisava vir pra cá, que precisava voltar para Raio de Luz porque sentia que alguma coisa ruim estava acontecendo com você, provavelmente era o problema com o seu esposo, disse que precisava fazer alguma coisa por você. Quando a viagem já estava pronta, ele me mostrou uma maleta e dentro dela tinha um envelope e nesse estava seu testamento, eu achei tudo aquilo muito estranho, mas como tinha me pedido segredo não comentei com ninguém. Mas o que me dá mais certeza da intuição dele quanto a sua morte é o que houve algumas horas antes da viagem.

Tendo silenciado por alguns instantes, Clara lhe pergunta:

- O que foi? O que houve?

Adson prosseguiu respondendo as perguntas:

- Ele me chamou para conversarmos a sós no quarto dele. Lá ele me entregou uma pasta, nessa pasta estavam os rascunhos de seus poemas e também um envelope lacrado, ele me disse o conteúdo do envelope e depois me fez um pedido, me pediu para entregar a você essa pasta se alguma coisa ruim acontecesse com ele, e é por conta desse pedido que eu estou aqui.

Depois de ter dito isso, Adson pegou a pasta que estava com ele e entregou a Clara. Ela abriu e viu os rascunhos dos poemas, pegou o envelope lacrado e perguntou a Adson o que tinha dentro, no que ele disse:

- É melhor você mesma abrir e ver, mas aconselho que não faça isso agora, faça quando tiver tempo e esteja mais calma.

Após ter dito isto, tendo cumprido sua missão, confiada pelo amigo, Adson se despediu e foi embora, deixando Clara só com seus pensamentos e dúvidas, imaginando o que podia conter aquele envelope.

Passaram-se vários dias desde a visita de Adson, Clara já havia visto todos os rascunhos que tinha na pasta que recebera, no entanto não conseguia coragem para abrir o envelope, ela tentava imaginar o que podia haver ali dentro, queria muito saber, mas tinha medo de abrir. Quando fez um mês da morte de Francisco, Clara estranhamente ainda mantinha o luto, foi ao cemitério e diante do túmulo de Francisco, com o envelope na mão disse:

- Vou abrir esse envelope hoje, pretendo tirar o luto, espero ter forças para isso.

Tendo dito isto colocou o Tau no pescoço e ouviu a seguinte frase:

- Você terá forças, estarei ao seu lado.

Era novamente a voz, finalmente ela reconheceu:

- Agora sei que é você Francisco, não sei como, mas é você, e com você ao meu lado eu não posso ter medo.

Saindo do cemitério, foi para casa e lá chegando tirou o Tau do pescoço, o beijou e pôs sobre a mesa, abriu o envelope e descobriu o que tinha dentro. Era uma folha de papel, e após o ler chorou muito. Aquela não era uma folha de papel qualquer, era a que Francisco escreveu com seu próprio sangue versos que expressavam o seu amor.

A noite, antes de dormir, Clara colocou o Tau, como lhe havia sido indicado, disse pra si mesma que estava pronta. Tendo adormecido se viu em meio a um grande espaço vazio, de repente ouviu sons de passos, vinham do meio da escuridão que se apresentava a sua frente. Após alguns instantes ela começou a ouvir uma voz que recitava:

Desesperado e aflito estou
pela dor que em meu peito se aflige
um rasgo tão profundo e néscio
que me força a escrever esses versos de sangue

Feriu-me o coração ver-te a cominho do altar
pondo-se com outro a casar
tão bela quanto grave foi sua visão de noiva
linda e reluzente

Não posso crer que esse amor
que até que enfim
em mim se revelou
ao mesmo tempo que é benção
me amaldiçoou

Prantos em sangue choro
do trágico fato que me ocorreu
que ao revelar a minha tão amada
de meu a tanto encoberto amor
em nada se abalou em fazer o que diligia

Presencio a visão de tudo em turvo
nada me parece claro
meus olhos já não conseguem discernir a luz
ela foi ofuscada pela dor
e pela perda da esperança
prima primeira desse meu amor

Sonhos em acordado me atormentam
cruéis pesadelos se fazem vistos em minha frente
delírios, visões, desatinos, não sei dizer
dor, tristeza, sofrimento e desespero
isso me parece mais certo

Olhando ao meu derredor
só vejo o seu rosto
o seu sorriso que é como um raio de Sol
que eu quis em meu egoísmo pra mim

mas que agora a outro pertence

Sou um homem cadavérico a caminhar
sem vida, pois a alma me foi tirada
pela falta de motivos para viver

Existir não é mais importante que amar
mas é necessário existir para se poder amar
mesmo que o amor seja unilateral
assim mesmo sinto uma dor porfíria
causada pelo malefício da enjeição

É nobre amar sem esperar retribuição
mas é doído saber que não se é amado
pois me faz pensar que de valioso em mim só há esse

amor

o que leva a encerrar esses versos de sangue
fulgentes de meu peito e jorrados de meus pulsos

Tendo ouvido os versos emanados da escuridão e
vendo uma silhueta se formando, Clara disse:

- Mas esse é...

Sem ter podido completar a frase, uma figura surge do
meio das trevas e diz:

- “Versos de Sangue”, o poema que escrevi com meu
próprio sangue no dia em que percebi que te amava ao vê-la
vestida de noiva e pronta para o casamento.

Era Francisco quem se apresentava na frente de Clara.
Ela ficou paralisada, não conseguia se mover ou falar. Vendo-a
naquela situação ele continuou o seu relato:

- Quando escrevi esse poema, estava muito
desesperado, minha cabeça estava confusa e a única coisa que
me parecia certa era meu amor por você. Ao cortar meus pulsos
não tinha a intenção de me matar, talvez de chamar sua

atenção, por mais estranho que pareça. Estava muito nervoso e acabei fazendo cortes mais profundos do que tencionava. Mas tenho que confessar que enquanto estive desacordado no hospital quis muito morrer, não encontrava sentido pra viver, você havia se casado com outro. Porém, também pude refletir e ver quão banal seria aquela morte e quão inútil me pareceu aquele gesto. Resolvi viver, mesmo sabendo que o que sentia não mudaria. Acabei encontrando uma coisa que, além de me anestesiara, me fazia bem, ajudar as pessoas, e com isso construí, juntamente com Adson e Bárbara, a casa de reabilitação, posso dizer que encontrar Carlos me deu uma nova razão de viver.

Após ouvir isso, Clara, como que por encantamento, sai de seu estado de paralisia e, após o abraçar e chorar em seu ombro, o interroga:

- Mas como, como é possível você estar aqui?

Ele prontamente responde:

- A morte não é o fim, algo muito forte me fez ficar.

Ela estranhou a resposta:

- Como assim? O que te fez ficar?

Francisco:

- O amor é claro.

Clara:

- Seu amor por mim te fez ficar?

Francisco:

- Não. Estava disposto a seguir o meu caminho depois de minhas últimas palavras em vida, no entanto, quando você me abraçou, pude perceber algo que até então me era oculto e foi isso que me fez ficar.

Clara:

- E o que foi que você percebeu naquela hora?

Francisco:

- O que até agora você não notou, o seu amor por mim. Foi isso que me fez ficar.

Clara:

- Meu amor por você?

Francisco:

- Sim. Não se deu conta disso até agora? Você não pôde ver o meu enterro, guardou luto por mim, quando não o fez por seu marido, além disso, você chorou sobre meu túmulo muitos dias depois da minha morte. É obvio que isso é insuficiente para constatar que você me ama, mas tenho certeza que sempre que pensa em mim seu coração fica palpitante, apesar de achar que isso que sente deve-se ao gesto que fiz, algo te leva a pensar que você já sentia isso e você não consegue definir quando começou.

Clara:

- É verdade, eu me sinto assim mesmo.

Francisco:

- Mas assim mesmo não está convencida do que sente.

Clara:

- É, eu acho que posso ter ficado muito comovida com o que você fez, morrer por mim foi o seu maior gesto de amor.

Francisco:

- Não, não foi. Morrer por você foi uma opção da qual não podia fugir, foi algo rápido e sem grande expressão diante do que foi sim meu maior ato de amor, viver te amando.

Clara:

- Mas agora que está aqui o que vai acontecer? Sempre que tiver o Tau em meu pescoço posso falar com você?

Francisco:

- Não é bem assim, só posso falar com você em sonho. Quando falei com você no dia do meu enterro foi porque você estava pensando muito forte em mim e o Tau serviu de ligação, você o tinha em suas mãos.

Clara:

- E o que foi aquilo que aconteceu no dia que visitei seu túmulo?

Francisco:

- O cemitério é o lugar de mortos, por isso, lá é mais fácil fazer contato e até produzir ilusões semelhantes aos sonhos, foi assim que você viu aquela roseira após ter chorado sobre meu túmulo. Sempre que pude falar com você é porque pensava muito em mim e o Tau, por ter sido algo que ficou muito tempo comigo, acabou se tornando uma ligação física entre nós.

Clara:

- Então é assim, sempre que quiser conversar com você é só colocar o Tau no meu pescoço antes de dormir?

Francisco:

- Não é tão simples assim. Minha permanência se limita a esse encontro antes de uma decisão que você tem que tomar, depois de a ter tomado nos veremos mais uma vez.

Clara:

- E que decisão é essa que devo tomar?

Francisco:

- Vou te explicar. O fato de ainda estar aqui é porque o fato de meu amor ser correspondido me deixa permanecer aqui, mas essa permanência se limita a isso que falei e a duas visitas em sonhos, depois disso só uma coisa pode me fazer ficar aqui, uma decisão sua. Você terá que pensar muito e ponderar bastante, pois para eu ficar será necessário me ocupar de uma parte de sua mente.

Clara:

- Como assim uma parte de minha mente?

Francisco:

- Passarei a habitar em seu subconsciente. Nossas mentes estarão unidas como se fossem uma só, isso trará muitas complicações, você terá acesso a minha memória, se confrontará com meu modo de pensar e pode até ter surtos de dupla personalidade, já que existirão duas mentes em você. A noite, sempre estaremos juntos em seus sonhos, já que serão

duas mentes. Quanto a meu espírito, ele estará dentro de você até o fim da vida.

Clara:

- E se eu não aceitar isso?

Francisco:

- Nesse caso eu partirei e não nos falaremos mais.

Você poderá ter uma vida normal.

Clara:

- O que acontece se eu resolver aceitar e depois me arrepender?

Francisco:

- É isso que torna a decisão mais difícil, depois de tomada não tem mais volta, o máximo que você poderá fazer é ignorar minha presença dentro de você, mas não poderá excluí-la, por isso, você deve pensar bastante.

Clara:

- Quanto tempo eu tenho para dar essa resposta?

Francisco:

- Você pode responder até completar um ano de minha morte, basta que coloque o Tau em seu pescoço antes de dormir e nos encontraremos mais uma vez em seu sonho. Enquanto você estiver pensando não teremos nenhum contato. Se não der resposta dentro do prazo partirei entendendo que a resposta foi negativa.

Clara:

- Quer dizer que não poderei ouvir mais sua voz até tomar minha decisão?

Francisco:

- Exatamente, nosso próximo encontro será após sua decisão. Pense bem, pois se uma relação entre duas pessoas vivas já é difícil, será muito mais complicada entre uma viva e outra morta, não posso te oferecer nada que uma pessoa espera de um relacionamento amoroso. Não posso andar de mãos

dadas com você, não posso tocar seu rosto, não posso te levar para tomar um sorvete.

Depois disso, Francisco se despede e Clara acorda. Ao se levantar ela olha para o Tau em seu pescoço, o tira e põe no bolso, está decidida a pensar. Ela fica meio triste por saber que não poderá mais falar com ele até sua decisão. Ela não conta pra ninguém o fato ocorrido em seu sonho, mantém o luto, mas volta a freqüentar as missas.

Depois de vários dias, surge em sua porta Adson e Bárbara, eles queriam se despedir de Clara, estavam voltando para São Paulo. Adson entregou a Clara um exemplar do último livro de Francisco, “Pra Você Meu Amor”, que o amigo tinha levado pra ela, mas que, em meio aos problemas pelo qual essa passava, resolveu não entregar. Ela agradeceu e desejou ao casal felicidades e uma boa viagem.

Após eles terem saído, Clara entendeu que ler aquele livro poderia ajudá-la a se decidir e prontamente se colocou a ler o livro.

Logo que Adson e Bárbara retornaram a São Paulo, o livro de Francisco começou a ser produzido em grande escala. Rapidamente os exemplares foram vendidos, o livro se tornou um grande sucesso. Os poemas de maior destaque eram os abaixo:

Sonho com você todos os dias

Sonho com você todos os dias
e acordo com o rosto molhado

Sonho com você todos os dias
e pela manhã meus olhos estão inchados

Sonho com você todos os dias
e me levanto com o coração triste

Sonho com você todos os dias
e não tenho noites tranquilas

Sonho com você todos os dias
e durante o dia penso em você

Sonho com você todos os dias
e não sei como isso é possível

Sonho com você todos os dias
e que sina essa minha

Sonho com você todos os dias
e essa é minha benção e meu castigo

Sonho com você todos os dias
e não consigo te esquecer

Conjugar o Amor

Amor não se conjuga no passado,
não posso dizer que amei ou que amara.
Tão pouco pode se flexioná-lo no futuro,
como falar que um dia amarei?
Só posso fazê-lo no presente,
somente posso declarar que amo.

Não posso dizê-lo no passado,
pois o amor não passa.
Não posso falar no futuro,
pois sei que não haverá amor se agora não há.
Apenas posso declarar que amo,
pois sempre existiu e sempre existirá dentro de mim.

O Amor surge antes mesmo de nós,
não deixa de existir depois.
Ele é verdadeiramente eterno
e realmente infinito.
É algo bem maior que nós,
por isso, nem mesmo a vida pode contê-lo.

Não posso jamais dizer que te amei,
porque te amo.
Não dá pra falar que te amarei,
porque te amo.
O que me resta é dizer que te amo,
porque te amo.

Como esquecê-la?

Como esquecê-la
se estás nos meus sonhos
atormentando meu sono?

Como esquecê-la
se ao acordar é você
quem me vem à mente
e não sai dela durante todo o dia?

Como esquecê-la
se quando olho no espelho
ao invés de ver meu rosto
é sua face que aparece na minha frente
me deixando atônico e perturbado?

Como esquecê-la
se sou seu?

Meu coração bate por você,
cada suspiro que dou é pensando em ti.
Já não sei o que fazer.
Como esquecer se não quero?

Amo Você

És linda
como um sonho não vivido
como uma flor não colhida
como o amor da minha vida

Me sinto feliz ao te ver
Dádiva da minha existência
seu sorriso é o sol
que clareia meu dia

Como você não há ninguém
para sempre te amarei
Nada mudará o que sinto
mesmo que muitos anos se passem

Tudo no mundo
muitas vezes parece incerto
só de uma coisa tenho plena certeza
Amo você

Assim que Clara terminou de ler o livro, foi ao cemitério visitar o túmulo de Francisco, ela não pôde ouvir a voz dele, mesmo assim falou com ele emocionada:

- Você me ama mesmo, acho que agora tenho noção do que é o amor, você escreveu todo esse livro como forma de dizer que me ama. Desculpe se demorei tanto tempo para ler, mas acontece que é muito difícil pra eu ver que poemas tão

lindos foram compostos movidos pelo que sente por mim. Agora que terminei de ler seu livro só preciso de mais alguns dias para te dar a resposta.

Passou-se uma semana desde sua visita ao cemitério, Clara tinha um sorriso no rosto e uma decisão no coração, colocou o Tau no pescoço e foi dormir. Durante o sono, o ambiente era como da vez passada, uma densa escuridão, de repente começou a se ouvir passos e depois um verso:

- “Se sonho como o amor”

Era a voz de Francisco recitando, ao ouvir o verso, Clara resolveu acompanhá-lo, pois conhecia o poema:

- “é porque durmo com ele dentro de mim”

Francisco:

- “meus olhos derramam”.

Clara:

- “translúcidos em meio à escuridão”.

Francisco:

- “no rosto um sorriso se abre”.

Clara:

- “enquanto a coberta se umedece de lágrimas.”.

Francisco sai do meio da escuridão e prossegue:

- “Meus sonhos são com você”.

Clara o acompanha:

- “não há uma só noite em que não a veja”.

Francisco:

- “sua face paira em minha mente”.

Clara:

- “é uma visão das mais belas”.

Francisco:

- “tê-la diante de mim é meu desejo”.

Clara:

- “nada é mais agradável que isso.”.

Nesse instante, Francisco se aproximou de Clara, sorriu e continuou com os versos:

- “Seus olhos brilham no escuro”.

Ela retribui o sorriso e continua a recitar:

- “têm luz própria”.

Francisco:

- “meu coração não vive nas trevas”.

Clara:

- “pois tem o brilho de sua presença”.

Francisco:

- “você me faz ver por onde vou”

Clara:

- “dá claridade ao meu caminho.”.

Francisco olha com ternura para Clara e segue seu poema:

- “Meu amor por você é um sonho”

Clara não olha com menos sentimento e não cessa de segui-lo:

- “do qual não quero acordar”.

Francisco:

- “meu amor por você é maravilhoso”

Clara:

- “difícil explicar”

Francisco:

- “meu amor por você é uma doença”

Clara:

- “da qual não quero sarar.”.

Após terminarem de recitar juntos o poema, ambos sorriem. Francisco então comenta:

- Acho esse um dos meus melhores poemas, compus quando percebi meu amor por você e o aceitei como benção e não como uma terrível maldição, que era como pensava até então.

Clara fez seu comentário:

- Eu o achei lindo, “Tratado do Amor”, gostei do nome. Fiquei bastante comovida quando o li a primeira vez.

Francisco:

- Se agora estou aqui com você é porque tomou sua decisão, espero que tenha pensado bastante.

Clara:

- É verdade, minha decisão está tomada.

Francisco, então, pergunta:

- Qual é a sua resposta?

Clara prontamente responde:

- Sim.

Francisco fica confuso com a resposta:

- Sim?

Clara esclarece:

- Sim. Eu quero unir minha alma a sua, ter seu espírito em mim, viver com você pro resto da vida.

Francisco:

- Você tem certeza disso? Não posso te oferecer nada do que uma relação normal pode dar, ainda assim quer continuar com isso?

Clara:

- Você não pode me dar nada de uma relação normal, mas o que você me oferece é muito melhor que tudo isso, seu amor que conseguiu suplantar a morte para continuar ao meu lado.

Francisco:

- É verdade, mas não deve fazer isso só por mim.

Clara:

- Não faço isso só por você, faço por mim também, faço por nós.

Francisco:

- Por nós? Como assim?

Clara:

- Quero ficar com você, Francisco.

Francisco:

- Por quê?

Clara:

- Porque eu te amo.

Francisco fica estático nesse momento e Clara prossegue com seu comentário:

- Você tinha razão, eu te amo, não tinha me dado conta disso até tomar minha decisão. Eu pensei muito, não por receio de não suportar essa relação, mas porque não queria aprisionar sua alma em mim, gostaria que ela fosse livre e viajasse para a eternidade. Mas percebi que se fizesse isso ficaria muito triste e notei que se deixasse você permanecer em mim você seria feliz, pois me ama. Pensei muito em você e notei que te amo mesmo.

Francisco, feliz com as palavras de Clara, sai de seu estado catatônico e diz:

- A melhor resposta ao amor é o amor. A liberdade não é o fato de não estar preso a nada e sim estar livre das coisas tristes.

Ele então pergunta:

- Essa é sua decisão definitiva? Depois não há volta.

Ela responde:

- Sim, não há mais o que pensar, é isso mesmo que eu quero, nada pode me fazer mais feliz.

Estando esclarecida a decisão de Clara, ambos erguem as mãos mais ou menos na altura dos ombros, tocam as mãos um do outro se olhando firmemente aos olhos, passados alguns instantes, ambos fecham os olhos e suas memórias começam a transitar de um para o outro, havia começado o processo de união das almas. Clara, enquanto recebe as memórias de Francisco, comenta:

- Sua memória mais remota é de uma sala escura onde você via no chão, em uma espécie de tela, a sua vida passar como se fosse um espectador.

Francisco fazia o mesmo:

- Quando criança, você gostava de brincar no quintal sozinho mexendo com a terra e de plantar.

Clara:

- Você não tinha muitos amigos quando criança, preferia assistir televisão e brincar sozinho imaginando que era um herói. Seus pais não gostavam disso.

Francisco:

- Você sempre gostou muito de ler, quando criança preferia os livros de contos infantis a brincar de boneca com as amigas.

Clara:

- Quando tinha 13 anos, procurando alguma coisa embaixo da cama, ao acender um fósforo você acabou ateando fogo à cama e algumas pessoas tiveram que entrar para apagar o fogo, aquilo foi um fato marcante e também frustrante pra você.

Francisco:

- Você conheceu Nívea e Vera na escola, na quinta série, desde então sempre estudaram juntas até se formarem.

Clara:

- Sua primeira paixão foi à primeira vista, era uma vizinha que você não chegou a conhecer. Você ficou muito sentido por não ter revelado seus sentimentos pra ela.

Francisco:

- Seu primeiro namorado foi um colega de classe da sexta série. O namoro durou mais de seis meses e só terminou porque ele se mudou com os pais da cidade. Quando se encontraram novamente, depois de alguns anos, perceberam que só podiam ser amigos.

Clara:

- Quando se apaixonou por mim você entrou em pânico, custou a acreditar que estava gostando de mim além da amizade.

Francisco:

- Quando disse que estava apaixonado por você, você ficou com medo de perder o amigo de quem tanto gostava e torceu muito pra que logo a esquecesse.

Clara:

- Quando partiu para São Paulo, você não buscava apenas seu sonho, queria também me esquecer, pois sabia que aquilo que sentia era mais forte que as paixões que até então havia sentido.

Francisco:

- Você sentiu muito a minha falta quando fui para São Paulo. Eu não sabia disso, você teve que tomar muita coragem para ir se despedir de mim e quando voltou pra casa chorou muito no travesseiro.

Clara:

- Eu não sabia. Se tivesse te pedido você ficaria.

Francisco:

- Seu namoro com Ronaldo começou alguns meses depois de o conhecer em uma festa na paróquia, ele pertencia a uma comunidade que estava fazendo uma visita. Ele foi corajoso, te revelou o que sentia, isso a deixou bastante lisonjeada e, como estava sozinha há algum tempo, aceitou o pedido de namoro.

Clara:

- Você teve que lutar muito pelo seu sonho, mas teve que o interromper para conseguir um trabalho.

Francisco:

- Você ficou feliz por eu ter publicado meu primeiro livro.

Clara:

- Você estava bastante receoso de me ver no dia do casamento de Paulo e sentiu muito ciúme de me ver com Ronaldo.

Francisco:

- Sua decisão de se casar não se baseou apenas na insistência e nas demonstrações de amor de Ronaldo, você acreditava que estava na hora de se casar e construir uma família.

Clara:

- A notícia de meu casamento te deixou atônico e perturbado, você se hospedou num hotel alguns dias antes de meu casamento, não passou em casa e nem falou com os amigos, você já vinha de férias. Eu não tinha noção disso! Depois que saiu correndo da igreja você foi embora.

Francisco:

- Naquele dia você se casou, mas não deixou de pensar nas coisas que aconteceram na porta da igreja. Eu não tinha idéia disso. Você orou por mim naquela noite.

Clara:

- Foi naquele dia que você percebeu que jamais me esqueceria, pois o que sentia por mim não era uma simples paixão e sim amor. Por causa do desespero você cortou os pulsos, passou vários dias no hospital e teve que superar uma forte depressão.

Francisco:

- Seu casamento ia muito bem até seu marido se envolver com drogas e tudo virar um inferno.

Clara:

- Mesmo eu estando com outro, você queria que eu fosse feliz. Quando resolveu se dedicar ao projeto da casa de reabilitação, além da grande vontade que você tinha de ajudar, queria também que eu tivesse orgulho de você.

Francisco:

- Durante a crise em seu casamento, mesmo com Nívea e Vera te ajudando, você também queria me ter ao seu lado.

Clara:

- Quando veio a Raio de Luz, havia superado a depressão e a dificuldade para lidar com seu amor por mim. Escreveu o livro justamente por isso, não queria mais fugir, já tinha aceitado a idéia de não ser correspondido e também queria me ver, além de rever os amigos.

Francisco:

- Foi muito importante pra você tudo que fiz ajudando a superar o problema que enfrentou com os traficantes.

Clara:

- Você morreu para me salvar. Me entregou o Tau por ser um presente muito especial que João havia lhe dado quando completou 13 anos, nele estava escrito “Cristo Salva”, mas com o tempo já não dava mais pra ver isso.

Francisco:

- Você percebeu que me ama assim que te disse isto, mas só se convenceu quando percebeu que queria mais a minha felicidade que a sua própria e notando que se eu fosse feliz você também seria, com isso decidiu-se por fazer a união de nossas almas.

Depois de terem passado as lembranças de um para o outro se abraçaram forte e depois Clara acordou abraçada ao travesseiro. Ela estava muito feliz, decidiu que não iria mais tirar o Tau do pescoço. No domingo, na missa, estranharam o fato de não usar mais o luto, e sendo indagada a razão de finalmente ter deixado de usar vestes pretas, respondeu:

- É que agora sei que posso ser realmente feliz.

Seus amigos estranharam a resposta que ela deu, mas estavam contentes por ela voltar a sorrir. Paulo a chamou a um conto a parte e perguntou-lhe se havia superado a morte de Francisco, ela sorriu e disse:

- Francisco está vivo dentro de mim.

Paulo sorriu e se satisfez com a resposta.

Clara fez uma outra surpresa a todos revelando que iria fazer o vestibular a fim de cursar psicologia. A notícia

deixou todos muito contentes. Ela fez o vestibular e passou. Seu sorriso e entusiasmo fascinavam os colegas de curso, muitos lhe propunham namoro, mas ela não aceitava, se mantinha fiel ao seu amor. Eles estranhavam, pois, por mais que insistissem e se declarassem, sua única resposta era não. No dia da formatura, por ter sido a melhor aluna da turma, foi convidada a fazer um discurso. Ela estava nervosa e feliz, não preparou discurso escrito, tinha na cabeça tudo que iria dizer:

- Obrigado a todos por estarem aqui, todos vocês foram muito importantes para nosso processo de formação. Nosso muito obrigado também às pessoas que já não podem estar conosco, ao menos fisicamente, mas que permanecem em nossas lembranças e nossos corações. Antes de concluir esse discurso gostaria de ler os versos de uma dedicatória de um livro que um amigo muito querido me deu antes de morrer. Ela diz o seguinte.

Nesse momento todos ficaram atentos a ela. Clara então pegou o livro “Pra Você Meu Amor”, abriu no final e segurando o Tau em seu pescoço com a mão esquerda leu a dedicatória:

- “Sem esperanças de recompensa,
te amo;
sem aguardar retribuição,
te amo;
sem querer nada em troca,
te amo;
mesmo que não me ames,
te amo.”

Lágrimas escorreram de seu rosto e ela concluiu o seu discurso dizendo:

- Ele se enganou, pois eu o amo.

Depois disso, ela foi longamente aplaudida, os rapazes perceberam a razão dela não namorar nenhum deles.

Todas as noites, Clara e Francisco se encontravam em sonho. Os cenários eram os mais diversos: campos floridos, praias maravilhosas, jardins lindos e cheios de plantas. Mas o preferido deles era a praça onde tinham passado tantos momentos juntos e onde o sentimento de Francisco por Clara se viu despertar para depois revelar ser algo maior que um sentimento, Amor.

Só o Amor verdadeiro é capaz de suplantar a vida e a morte.

O Toque das Almas

Embora pareça
o amor não é um sentimento,
é uma realidade concreta
e não abstrata.

É a clara luz que ilumina meus olhos,
é a força que vivifica meu ser,
é o ar que infla meu peito,
é o que de mais belo há.

O amor nasce quando as almas se tocam,
num entrelace tão complexo e profundo,
não se podendo distinguir características individuais,
que a realidade das almas fundidas se confundem.

O amor é o toque das almas,
acontece na eternidade,
por isso, não se finda,
mas perdura para sempre.

Aqui autorizo a veiculação de minha obra no site domínio publico. Para que todos que tenham interesse possam ler e até divulgar essa que foi minha primeira obra.

Espero que seja isso mesmo

```
<a rel="license"
href="http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/br/"></a><br
/><span xmlns:dc="http://purl.org/dc/elements/1.1/"
href="http://purl.org/dc/dcmitype/Text"
property="dc:title"
rel="dc:type">O Toque das Almas</span> de <span
xmlns:cc="http://creativecommons.org/ns#"
property="cc:attributionName">Wilder Machado da
Cruz</span> &#233;
licenciado sob uma <a rel="license"
href="http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/br/">Licen&#231;a
Creative Commons Atribui&#231;&#227;o-Uso n&#227;o-
comercial-Vedada a
cria&#231;&#227;o de obras derivadas 3.0
Brasil</a>.
```

Talvez a numeração das páginas tenha ficado um pouco diferente da obra que foi publicada, mas o texto em si é integral, ou melhor, pois fiz as correções que não acompanham a obra publicada.